

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

EMERSON DE CAMPOS MACIEL

***O ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA – UMA
PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA ESPIRAL***

***Marília
2024***

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

EMERSON DE CAMPOS MACIEL

***O ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA – UMA
PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA ESPIRAL***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Linha de pesquisa: Educação, escola e sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Valéria Barbosa.

***Marília
2024***

M152e	<p>Maciel, Emerson de Campos</p> <p>O ensinar e aprender sociologia - uma proposta didática a partir da espiral / Emerson de Campos Maciel. -- Marília, 2024</p> <p>120 p.</p> <p>Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília</p> <p>Orientadora: Maria Valéria Barbosa</p> <p>1. Ensino de Sociologia. 2. Espiral. 3. Currículo. 4. Ensinar e aprender. I. Título.</p>
-------	--

EMERSON DE CAMPOS MACIEL

**O ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA – UMA PROPOSTA DIDÁTICA A
PARTIR DA ESPIRAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Ensino de Sociologia.
Linha de pesquisa: Educação, escola e sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.a Dra. Maria Valéria Barbosa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima
Universidade Estadual de Londrina
Campus Universitário

Prof. Dr. Tiago Vieira Rodrigues Dumont
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Marília, 30 de julho de 2024

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, dedico atenção aos agradecimentos às pessoas que foram fundamentais para que esta dissertação fosse realizada. Assim, agradeço:

- aos meus pais, Maria Elena e Efigênio Soares, incentivadores de toda a minha trajetória escolar, desde o jardim de infância até à universidade: mãe, agradeço a sua luta, o amor por incentivar e orientar a nunca desistir; pai, agradeço por, mesmo estando hoje com um grau demência, acolheu-me no afeto e no amor que não tive quando ele dispunha de boa saúde;

- ao meu irmão Ederson, gratidão pela paciência e por estar sempre disposto e pronto para escutar e dar o seu melhor por nós; minha cunhada Katia, gratidão por estar presente nesta caminhada;

- à minha madrinha Célia (in memoriam), foi uma grande incentivadora dos meus estudos e dos direcionamentos que tomei na vida;

- ao Lucas, grande companheiro e incentivador que fazia seus momentos de folga como ouvinte e grande companheiro nesta jornada do mestrado profissional;

- à professora doutora Maria Valéria Barbosa, a qual foi uma orientadora amorosa, gentil, paciente, humilde e respeitosa;

- aos professores doutores, Angela Maria de Sousa e Lima, Tiago Vieira Rodrigues Dumont, Daniel Henrique Lopes e Mário Bispo dos Santos, os quais integraram a banca e o fizeram de modo especial, pois conferiram possibilidades de melhoria em minha caminhada como mestre;

- aos professores doutores Marcelo Augusto Totti, Sueli Guadalupe Mendonça, Jair Pinheiro Ana Paula Cordeiro, Talita Prado Roim, Fábio Kazuo Okada e Henrique Tahan Novaes, os quais em sua generosidade acadêmica e afetiva me orientaram;

- à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp de Marília, e à equipe de trabalho do Programa de Pós-Graduação pelo profissionalismo, em especial, agradeço à Laura Oliveira Souza pela atenção e prestatividade;

- à Escola Pública de Ensino Médio que me possibilitou a realização deste trabalho;

- à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cerquilha, na qual dedico 40 horas de trabalho por semana, gratidão, em especial ao pessoal da

orientação pedagógica: Angela, Cláudio, Silvio, Aline, Graça, Ricardo, Talita, vocês tiveram um olhar sensível à minha escolha;

- aos estudantes, professoras, professores e profissionais da educação participantes do estudo, por compartilharem as suas histórias de vida, parte de suas subjetividades, as alegrias, tristezas e angústias próprias de quem vive na educação pública;

- aos companheiros do “OCTETO” do mestrado profissional da Unesp de Marília: Vanessa, Paulo, Bonora, Luiz, Jaílson, Antônio, Vinícius, vocês foram singulares nesta caminhada;

- aos amigos Joani, Arrovani e Cleberson (in memoriam), em sua importância, com carinho e cuidado me fizeram me dedicar de corpo e alma aos estudos e seguir em formação constante. Meus agradecimentos pela amizade incondicional, pelo bom humor, pela partilha dos ideais em busca de uma escola pública de qualidade, e principalmente, por contribuírem para me manterem lúcido e sempre atento diante das lutas próprias da vida numa escola pública, complexa e, muitas vezes, desvalorizada por quem deveria incentivar.

RESUMO

Este trabalho de mestrado tem como objetivo investigar o uso da ferramenta "espiral" como instrumento lúdico para a compreensão do universo do aluno e seu impacto no processo de ensino e aprendizagem em escolas públicas do estado de São Paulo. Partindo da constatação do distanciamento entre os sujeitos presentes no ambiente escolar – alunos, professores, diretores e funcionários – e sua relação conflituosa, o estudo busca oferecer uma alternativa para auxiliar o processo educacional. A "espiral" consiste em um conjunto de perguntas elaboradas de forma lúdica que possibilita a coleta de informações sobre as vivências, perspectivas e conhecimentos reais dos alunos em relação a determinados temas ou conteúdo. Por intermédio dessa abordagem, almeja-se construir um novo processo de ensino e aprendizagem, no qual seja possível atribuir significado e sentido à construção do conhecimento, aproximando-o das experiências e indagações dos estudantes. O estudo visa, ainda, fornecer subsídios para o planejamento de atividades educacionais que considerem a realidade social dos alunos, promovendo a compreensão desse público sobre si mesmos e a construção de relações significativas com o conhecimento. A intenção é promover uma educação mais contextualizada e alinhada às suas necessidades e interesses. Dessa forma, a importância deste trabalho reside na compreensão mais profunda do processo de formação do aluno como sujeito no ambiente escolar e na identificação dos impactos recíprocos entre o aluno e a escola nesse processo. A utilização da "espiral" como ferramenta de pesquisa e a intervenção educacional, sobretudo, nas aulas de Sociologia, podem trazer contribuições valiosas para a melhoria da qualidade da educação pública no estado de São Paulo, bem como para o fortalecimento das relações interpessoais e do ambiente escolar como um todo, haja vista que auxilia, em especial, o professor, mediante também a vivência a tecer e validar suas reflexões sobre o *ser professor*.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Espiral; Currículo, Ensinar e aprender.

ABSTRACT

This master's thesis aims to investigate the use of the "spiral" tool as an engaging instrument to understand students' realities and its impact on the teaching and learning process in public schools in the state of São Paulo. Starting from the recognition of the gap between the individuals present in the school environment—students, teachers, principals, and staff—and their conflicting relationships, the study seeks to offer an alternative to support the educational process. The "spiral" consists of a set of playful designed questions that enable the collection of information about students' experiences, perspectives, and actual knowledge regarding specific topics or content. Through this approach, the goal is to build a new teaching and learning process where it becomes possible to attribute meaning and relevance to the construction of knowledge, aligning it with the experiences and inquiries of students. The study also aims to provide resources for planning educational activities that consider the social realities of the students, fostering their understanding of themselves and facilitating the creation of meaningful relationships with knowledge. The intention is to promote a more contextualized education that aligns with students' needs and interests. Thus, the importance of this work lies in a deeper understanding of the student's formation process as an individual within the school environment and in identifying the reciprocal impacts between students and schools in this process. The use of the "spiral" as a research tool and educational intervention, especially in Sociology classes, may offer valuable contributions to improving the quality of public education in the state of São Paulo, as well as strengthening interpersonal relationships and the school environment as a whole. This approach particularly assists teachers, allowing them to reflect on and validate their experiences as educators.

Keywords: Sociology Teaching; Spiral; Curriculum; Teaching and Learning.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABECS Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais
BNNC Base Nacional Comum Curricular
DEM Democratas
EM Ensino Médio
ENEM Exame Nacional do Ensino Médio
ENESEB Encontro Nacional para o Ensino da Sociologia na Educação Básica
FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB Lei de Diretrizes e Bases
MDB Movimento Democrático Brasileiro
PIBID Programa Institucional de Iniciação à Docência
PNLD Programa Nacional do Livro Didático
PSDB Partido da Social-Democracia Brasileira
PT Partidos dos Trabalhadores
SBS Sociedade Brasileira de Sociologia
SEESP Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
TA Teoria da Atividade
THC Teoria Histórico-Cultural
UAB Universidade Aberta do Brasil
ZDP Zona de Desenvolvimento Proximal
ZDR Zona de Desenvolvimento Real

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	8
Objetivo geral	12
Objetivos Específicos	12
METODOLOGIA	13
PROPOSTA	15
CAPÍTULO 1 – SOCIOLOGIA NO BRASIL.....	18
1.1 Ideologias e processo histórico da constituição da disciplina de Sociologia no Brasil: um breve resgate	18
1.2 São Paulo e a Proposta Curricular para a Disciplina de Sociologia	24
1.3 A reforma do ensino médio e os itinerários formativos	30
CAPÍTULO 2 – A ESCOLA E SUAS DIFERENTES DIMENSÕES	41
2.1 A Escola como Pilar da Formação Crítica e Social	41
2.2 Um outro olhar.....	48
2.3 Uma perspectiva alternativa sobre a escola: perspectivas e implicações.....	57
2.4 Um olhar sociológico sobre a escola	59
CAPÍTULO 3 – ESPIRAL: A SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA	67
3.1 Espiral um instrumento de análise a partir da Teoria Histórico-Cultural	67
3.2 Organização das turmas.....	76
<i>Capítulo 4 – O que a espiral consegue captar</i>	92
4.1 Integrando Teoria e Prática no Ensino de Sociologia.....	92
4.2 A Escola Hoje	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

No presente relatório de dissertação, pretendo apresentar o meu projeto de pesquisa e a minha trajetória acadêmica percorrida até o presente momento. Ser aluno do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, oferecido pelo Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB) na Instituição Associada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília, coordenado pela Universidade Federal do Ceará, oportunizou-me uma formação com grande aporte teórico, além de inúmeras trocas de vivências com os docentes no referido mestrado. Cabe evidenciar que esse programa inscreve espaço para escrever o que se tem e o que faz. Essa prática confere movimento reflexivo na formação acadêmica e profissional, em especial de quem faz parte desse grupo.

Ao longo de 2022, cursei as disciplinas obrigatórias e optativas oferecidas por excelentes mestres dessa renomada universidade, voltados ao ProfSocio. Esse ano de estudo me rendeu muito embasamento teórico para articular a minha formação pessoal ao desenvolvimento das ações do trabalho escolar, já que a educação básica precisa ser entendida como a manifestação das relações históricas e sociais que a constitui. As disciplinas cursadas em sua integridade foram: Metodologia da Pesquisa, ministrada pela professora Dra. Maria Valéria Barbosa; Metodologia de Ensino, ministrada pela professora Dra. Sueli Guadalupe de Lima Mendonça; Teoria da Ciências Sociais 1, ministrada pelo professor Dr. Fábio Ocada; Teoria da Ciências Sociais 2, ministrada pela professora Dra. Talita Roim; Teoria da Ciências Sociais 3, ministrada pelo professor Dr. Jair Pinheiro; Trabalho, Educação e Movimentos Sociais – disciplina optativa –, ministrada pelo professor Dr. Henrique Novaes; e Teorias e práticas do teatro e a sala de aula: recursos e possibilidades – disciplina optativa – ministrada pela professora Dra. Ana Paula Cordeiro, aos mestres meu carinho e admiração.

Ao longo de minha formação acadêmica, desfrutei de uma série de benefícios por meio de diversas experiências, dentre elas, saliento a relevância de compartilhar vivências relacionadas à docência em sala de aula. Essa prática possibilitou analisar, reavaliar e criticar o meu objeto de estudo, com mais

profundidade e propriedade, priorizando a busca por novos conhecimentos, o que significou ampliar o embasamento teórico.

Compartilhar experiências sobre a docência pode ser uma ferramenta valiosa para identificar práticas eficazes e dificuldades comuns, além de permitir a troca de conhecimentos entre os professores e o desenvolvimento de suas habilidades de ensino. A análise crítica dessas experiências pode levar a melhorias significativas no processo de ensino e aprendizagem, bem como à criação de novas estratégias pedagógicas que possam beneficiar os alunos no referido processo, em articulação com as teorias pedagógicas contemporâneas que destacam a importância da reflexão e da prática crítica para aprimorar a qualidade do ensino.

Essa afirmação também é corroborada por estudos empíricos na área da educação. De acordo com um estudo publicado em 2021, no periódico *Educational Research Review*, que examinou a relação entre a prática reflexiva e o desenvolvimento profissional de professores, os autores concluíram que a reflexão crítica sobre a prática docente pode levar a uma maior conscientização sobre as próprias crenças e valores, bem como a uma maior eficácia no ensino e a uma maior satisfação profissional.

Além disso, estudos realizados por pesquisadores da área da educação destacam a importância da colaboração entre os professores para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras e eficazes. A troca de experiências e a análise crítica das práticas pedagógicas podem levar à criação de soluções criativas para os desafios enfrentados pelos professores em sala de aula e à melhoria da qualidade do ensino.

Dessa forma, reconheço a importância da reflexão crítica sobre a prática docente e valorizo a diversidade de perspectivas e experiências em sala de aula. Outro fator de extrema relevância é que as disciplinas cursadas permitem consolidar meu objeto de pesquisa, o qual só se tornou mais claro no final do primeiro ano do Mestrado, quando me deparai com o vasto campo relacionado ao ensino da Sociologia no Brasil. Anteriormente, havia certa ambiguidade em relação ao objeto de pesquisa.

Atualmente, meu objeto de pesquisa aborda a espiral, instrumento de análise desenvolvido junto ao Núcleo de Ensino da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de Marília – espaço privilegiado de

pesquisa e de formação contínua de professores. A elaboração de tal instrumento permitiu, por anos, que docentes refletissem sobre a sua formação e o seu trabalho, repensando-o e encontrando novas alternativas para a prática pedagógica. Nesse sentido, a professora Stela Miller produziu manualmente esse instrumento de análise, o qual, anos mais tarde, foi reformulado pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da UNESP de Marília, e é uma alternativa interessante para a coleta de informações sobre os alunos e sua compreensão de determinados temas ou conteúdo. Ao utilizar esse instrumento de forma lúdica e interativa, os professores podem obter informações valiosas sobre o universo dos alunos e, assim, planejar atividades que sejam mais significativas e relevantes para eles.

É importante destacar que, para os alunos, o processo de aprendizagem não se resume apenas à aquisição de conhecimentos teóricos, mas também à construção de relações e significados que possam ser aplicados em suas vidas cotidianas. Ao compreender melhor a realidade social dos alunos e suas indagações, os professores podem criar um ambiente escolar mais acolhedor e estimulante que favoreça a construção de saberes significativos.

Além disso, ao conhecer melhor os alunos e suas necessidades, os professores podem planejar atividades que estimulem a participação e a colaboração dos alunos, promovendo a construção de conhecimento coletivo e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes, como a empatia, a comunicação e a resolução de conflitos.

Dando continuidade, é importante ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem não se limita apenas à construção de conhecimentos, mas também à construção da identidade e da subjetividade dos alunos. De acordo com o professor Irapuan,

Através da inserção da Sociologia na Educação Básica, pode-se perceber a maneira como os jovens vivenciam suas experiências sociais dentro da escola, ou seja, como movimentam – de acordo com suas singularidades – suas adesões às culturas juvenis e aos agrupamentos. Nota-se, assim que o jovem que frequenta a escola constrói alianças e conflitos por meio de seu sentimento de pertença a agremiações específicas que, de algum modo, orientam sua participação na sociedade (Irapuan, 2014, p. 108).

Nesse sentido, o ambiente escolar desempenha um papel fundamental na formação dos sujeitos, tanto do ponto de vista cognitivo quanto

socioemocional. Portanto, é essencial que os professores estejam atentos às necessidades dos alunos e busquem estratégias pedagógicas que favoreçam a construção de saberes significativos e a formação de sujeitos críticos e autônomos. De acordo com Freire (1989, p. 27),

A espiral da aprendizagem consiste em partir daquilo que os alunos sabem ou imaginam saber, para fazê-los avançar na compreensão e no conhecimento do mundo social que os rodeia e, mais amplamente, do mundo social em que vivemos.

Convém pontuar que é crucial partir do conhecimento prévio dos alunos para promover uma aprendizagem significativa e contextualizada, levando em consideração a realidade social em que os alunos estão inseridos. Desse modo, a espiral é uma ferramenta valiosa para a análise sociológica, uma vez que permite compreender a complexidade da vida social e as diferentes dimensões que a compõem. Por meio da análise de cada nível da espiral, é possível identificar as conexões entre as diversas dimensões da realidade social e como elas se inter-relacionam. Além disso, a espiral é útil para entender como as estruturas sociais moldam as práticas cotidianas e as representações dos indivíduos, que podem, por sua vez, afetar as instituições e as estruturas sociais. Na conceituação do professor Irapuan (2014, p. 109),

Se percebemos a vida em sociedade como uma realidade complexa em meio à qual nos ligamos a inúmeras instituições ou atividades sociais – a família, a escola, a religião, a vizinhança, um grupo de amigos, movimentos sociais ou culturais etc. -, com diferentes níveis de envolvimento e, ao mesmo tempo, um grande volume de expectativas a serem correspondidas, entenderemos que movimentamos um conjunto complexo de códigos culturais que nos permite transitar, bem ou mal, no seio de cada um desses espaços sociais.

Sendo assim, a espiral é uma ferramenta fundamental na escola para a análise sociológica, proporcionando uma compreensão completa e profunda dos fenômenos sociais e suas inter-relações. A amplitude de perspectivas é um reflexo da complexidade e da importância do tema da educação.

Em conclusão, a partilha e a análise crítica de experiências em sala de aula, juntamente com a consolidação do meu objeto de pesquisa, têm contribuído de maneira significativa para minha formação acadêmica e respectiva preparação para desenvolver estudos aprofundados sobre a relação de ensino e aprendizagem. Portanto, há muito a ser analisado, priorizando a

busca por novos conhecimentos e ampliando o embasamento teórico. E é nesse viés que o presente trabalho parte do processo histórico do ensino de sociologia no Brasil e se aprofunda em um momento em que as Ciências Humanas e principalmente a sociologia vem sofrendo um duro golpe com a reforma do ensino médio. Em consequência disso, o aprimoramento da docência pode permitir uma oferta de inúmeras possibilidades nas aulas de sociologia, dessa forma, o aluno poderá sair ganhando, isto é, ganho pedagógico amplo e de muitas riquezas para sua formação na integralidade.

Objetivo geral

Desenvolver alternativas para a prática didático-pedagógica e para materiais didáticos, possibilitando uma nova perspectiva no ensinar e aprender sociologia a partir da Teoria Histórico-Cultural, utilizando como referência a disciplina de Sociologia os estudantes do Ensino Médio da rede pública paulista.

Objetivos Específicos

- Problematizar a importância da Sociologia na mediação do processo pedagógico e na construção de ações que objetivem a produção das máximas possibilidades de desenvolvimento da personalidade integral do estudante, ou seja, visando a apropriação pela/o(s) estudantes dos conceitos científicos como instrumental intrapsicológico, interagindo e impulsionando o seu desenvolvimento psíquico.
- Contextualizar as políticas educacionais, implementadas pelo Governo Estadual Paulista, bem como suas implicações na volta da Sociologia ao Ensino Médio;
- Analisar o material didático-pedagógico apostilado – os cadernos (do Professor e do Aluno) do sistema público paulista de ensino de Sociologia;
- Discutir, tendo como base a Teoria Histórico-Cultural, a necessidade do papel ativo dos estudantes dentro da atividade que realizam, para o desencadeamento do processo educativo e subsequente desenvolvimento das funções psíquicas superiores (atenção voluntária, autonomia, entre outras).

METODOLOGIA

Esta pesquisa se constitui de intervenções nas aulas de Sociologia em uma escola da rede pública do Estado de São Paulo, na qual foram realizadas as atividades didático-pedagógicas que envolvem a espiral. Acrescentam-se, também, procedimentos de pesquisa teórica, de forma a integrar à pesquisa prática e teórica. Dessa forma, espero, com a atuação na realidade concreta dos estudantes e da escola como um todo, problematizar a realidade escolar cotidiana, no que diz respeito à criação e à escolha de materiais didáticos e metodologias didático-pedagógicas a serem utilizadas na rede pública de ensino paulista com estudantes do Ensino Médio (EM), especificamente os relacionados com a Sociologia.

Nessa perspectiva, afirmamos a necessidade do entendimento do cotidiano escolar – a relação dos docentes com os outros agentes escolares – na elaboração didático-pedagógica do trabalho docente, qual seja, a necessidade de partir do real sensível do trabalho pedagógico na busca por abarcar o real concreto como um todo complexo. São produzidos, dessa maneira, materiais que vão além da sensibilidade sociológica – meta expressa na Proposta Curricular, bem como nos Cadernos do Estado de São Paulo, para o ensino de Sociologia. Este trabalho é um estudo que combina a abordagem da pesquisa-ação com a pesquisa documental

Com base nos objetivos da pesquisa, é fundamental estabelecer um caminho metodológico que permita a busca e análise adequada dos dados. Destacamos, aqui, que o enfoque desta pesquisa é qualitativo, direcionado à compreensão das experiências sociais e à construção de significados. Nesse escopo, a pesquisa-ação é uma metodologia que se constitui como uma possibilidade de apreensão dos fenômenos e processos sociais, permitindo uma abordagem abrangente dos aspectos subjetivos e objetivos da vida social e cotidiana.

Ademais, a pesquisa-ação possibilita a participação ativa dos envolvidos no processo de pesquisa e intervenção, tornando-os coautores do conhecimento produzido. Por meio da interação direta com os participantes, é possível captar suas experiências e significados atribuídos às situações estudadas,

proporcionando uma análise qualitativa enriquecedora, A definição de pesquisa-ação, segundo Thiollent (1985, p.14),

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para isso, esta pesquisa, inicialmente, propõe a construção do referencial teórico, utilizando-se de livros e de artigos impressos e/ou eletrônicos recentes, além de leituras de clássicos do referencial teórico escolhido, feitas com o intuito de problematizar as contemporâneas relações que dizem respeito à problemática apontada.

A análise bibliográfica focaliza questões relacionadas à elaboração de materiais didático-pedagógicos, principalmente a partir da implementação dos modelos apostilados – que se iniciam nos sistemas particulares de ensino – e seu impacto/extensão em outras esferas da sociedade brasileira – em especial no sistema público paulista de ensino. Nesse primeiro momento, pretende-se compreender as relações didático-pedagógicas em seus aspectos macroestruturais, abarcando problemáticas mais gerais sobre as questões: a padronização didático-pedagógica; o sentido a ser criado com os estudantes para que se desenvolvam nos processos educativos; a falta de materiais da disciplina de Sociologia; dentre outros aspectos.

Juntam-se, à análise documental, materiais bibliográficos relacionados aos impactos das alterações das políticas públicas educacionais ocorridas com a implementação do *São Paulo faz escola* (em 2007) e a reinserção da Sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio (em 2009). Espera-se, assim, construir um quadro que dê amparo às metodologias de ensino e à criação de materiais didático-pedagógicos de apoio, de tal modo que não estejam descolados do contexto sócio-histórico no qual os sujeitos educacionais são formados. Junta-se, nesse momento, a teoria com a vivência prática semanal de intervenção na escola, com o objetivo de construir uma proposta didático-pedagógica que responda à realidade do contexto social. Nessa perspectiva, a teoria ganha novos contornos, pois é testada, recriada e reinventada na prática.

Completa esse projeto o planejamento das atividades (anuais, bimestrais e semanais) realizadas com os estudantes. Pontua-se que esta etapa se faz necessária, porém, o planejamento efetivo só pode ser concretizado em conjunto com os estudantes no dia a dia das atividades na escola. Observe-se ainda que, dentro da THC, o conhecimento dos agentes escolares bem como sua participação ativa se faz necessária no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, pois esta relação possibilita a criação de atividades em que o motivo está presente nos agentes escolares – professores/as e estudantes.

Dessa maneira, atesta-se a necessidade de se proporcionar uma educação que faça sentido, desencadeando atividades para as quais o sujeito encontre um motivo que o leve a agir na realidade, com o intuito de aprender e de se desenvolver. Concretiza-se, assim, a atividade como prática pedagógica, o que implica fazer que o motivo (que faz o sujeito - educando agir) coincida com o objetivo (o que foi histórica e socialmente traçado pelos educadores) da atividade em seu todo.

Assim, espera-se que, ao longo desta pesquisa, os conteúdos sociológicos sejam trabalhados com os discentes e docentes de maneira a construir e desenvolver uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem qualitativamente superior ao hoje oferecido na rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

PROPOSTA

Com o intuito de alcançar esses objetivos, este trabalho será dividido em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo tem como foco detalhar as ideologias e o processo histórico que levaram à constituição da disciplina de Sociologia no Brasil. Para tal, é realizado um sucinto resgate, desde a influência da Semana de Arte Moderna de 1922 até os desdobramentos da reforma do Ensino Médio e o contexto pós-reforma.

Nesse capítulo, são abordados aspectos relevantes, como a inserção da Sociologia nos currículos escolares, as lutas e conquistas para sua legitimação como disciplina obrigatória, assim como a discussão em torno de seus objetivos e conteúdos programáticos ao longo do tempo. É realizado um mapeamento da evolução da Sociologia como campo de conhecimento no contexto educacional

brasileiro, ressaltando a influência de diferentes perspectivas ideológicas e movimentos sociais nesse processo.

Por meio desse resgate histórico, busca-se compreender as motivações e intencionalidades políticas que permearam a inserção da disciplina de Sociologia no cenário educacional brasileiro. Nesse sentido, são exploradas as relações entre a Sociologia, a sociedade e as mudanças políticas e sociais ocorridas ao longo das décadas, estabelecendo um panorama para compreendermos as transformações e debates em torno da disciplina até os dias atuais. Em suma, o primeiro capítulo deste trabalho tem como propósito fornecer uma visão ampla e contextualizada da trajetória da Sociologia como disciplina escolar no Brasil, considerando seu percurso histórico, ideologias envolvidas e as mudanças decorrentes da reforma do Ensino Médio.

No segundo capítulo, aborda-se a espiral, a qual é um instrumento de análise pedagógica ao ensino de Sociologia, visando enriquecer as práticas pedagógicas dos professores e promover uma conexão mais efetiva com os estudantes. Em particular, salienta-se a utilização da espiral que, de forma lúdica, coleta informações valiosas para o docente compreender o universo dos alunos e atribuir significado à construção do conhecimento.

No terceiro capítulo, são exploradas estratégias pedagógicas que estimulam a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, promovendo sua autonomia, pensamento crítico e colaboração. É apresentada uma sequência pedagógica específica que pode ser dinamizada no ensino de Sociologia, destacando seus benefícios e potencialidades.

Dentre essas metodologias, é enfatizada a espiral como uma ferramenta de análise que possibilita aos professores uma compreensão mais profunda do contexto e das experiências dos alunos. A espiral envolve o uso de questionários, entrevistas e/ou outras formas de coleta de dados para obter informações sobre as vivências e percepções dos estudantes. Essas informações são, então, utilizadas para direcionar o ensino, tornando a aprendizagem mais significativo e relevante para os alunos.

São explorados exemplos práticos sobre como a espiral pode ser dinamizada no ensino de Sociologia, fornecendo aos professores insights valiosos sobre os interesses, experiências e desafios dos estudantes. Dessa forma, o docente pode adaptar sua abordagem pedagógica, promovendo uma

maior conexão com os discentes, favorecendo a construção conjunta do conhecimento.

Já no próximo capítulo, dedica-se atenção à verificação de tudo aquilo que a espiral consegue captar, levando em consideração as zonas de desenvolvimento proximal (ZDP) e real (ZDR) na aprendizagem. A ZDR descreve o que o aluno já domina, enquanto a ZDP descreve um local onde o aluno pode avançar em seu aprendizado com a ajuda de um professor ou colega mais experiente.

A espiral pedagógica expande os ZDP e ZDR dos alunos. Em sala de aula, a espiral pedagógica permite que os alunos se desenvolvam ao longo do tempo, com possibilidade de construir um aprendizado mais profundo e significativo. Como resultado, a espiral facilita a transferência de conhecimentos da ZDP para a ZDR e promove o crescimento contínuo e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, que são essenciais para a formação completa dos alunos.

Espera-se que, por meio de uma abordagem crítica e aprofundada, o projeto contribua para uma compreensão mais aprimorada sobre o material didático, bem como de seu impacto no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, almeja-se fornecer insights valiosos para a prática docente, de modo a enriquecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes envolvidos nesse contexto educativo.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem por objetivo, nos próximos capítulos, mostrar o quanto uma sequência pedagógica a luz da Espiral pode ser uma alternativa de sucesso para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, a fim de compreender o universo dos alunos e atribuir significado à construção do conhecimento utilizando perguntas formuladas ludicamente para coletar informações dos discentes. Portanto, a finalidade deste trabalho é utilizar essas informações para conhecer o universo discente e seu conhecimento real em relação a um tema ou conteúdo específico, possibilitando, assim a criação de um novo processo de ensino e aprendizagem que atribua novos sentidos a essa relação.

CAPÍTULO 1 – SOCIOLOGIA NO BRASIL

1.1 Ideologias e processo histórico da constituição da disciplina de Sociologia no Brasil: um breve resgate

O contexto histórico da implantação da Sociologia enquanto disciplina no Brasil demonstra as tendências políticas e interesses da época. Em 1891, aparece pela primeira vez a disciplina de Sociologia como uma proposta educacional, sugerida durante a reforma educacional do Governo Provisório Republicano. Essa disciplina se tornou obrigatória no ensino secundário sob a coordenação de Benjamin Constant (Carvalho, 2004). Anos mais tarde, em 1901, perde sua obrigatoriedade. Somente no emergir das décadas de 1920 e 1930, que intelectuais e sociólogos brasileiros passam a levantar novas questões sobre a obrigatoriedade da referida disciplina. No Estado de São Paulo, por exemplo, sua reinserção em determinados colégios, ocorreu entre os anos de 1927 e 1930.

No entanto, o modelo pedagógico e sociológico da disciplina mantinha características clássicas da sociologia francesa em seus primeiros desdobramentos. Ao abordarem a sociologia, as instituições e professores compreendiam que a coesão social era o conteúdo essencial da disciplina, isto é, a sociologia era um instrumento de ensino sobre o civismo e a cidadania. Conforme mostra Meucci,

[...] a sociologia estaria também contribuindo para o melhoramento social instituindo padrões de civismo e despertando amor à pátria. Por conseguinte, podemos dizer, a realização de análises sociais pelos alunos dos cursos complementares era compreendida, a um só tempo, como um exercício de civilidade e civismo. (2000, p. 45).

Cabe lembrar que uma onda nacionalista e de transformações culturais atingiam o país desde o início da década de 1920. Assim, uma ideologia, ou um espírito de época, elaboraram determinadas concepções de mundo. Uma pequena lista de obras, nomes e eventos pode ser mencionada para apontar essa relação, tais como: em 1922, Semana de Arte Moderna; em 1933, a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; em 1936 Sérgio Buarque de Holanda publica *Raízes do Brasil*; a Revolução Constitucionalista iniciada em 1932; as tendências do movimento Integralista; em 1934, a promulgação da nova

Constituição e tantos outros eventos demonstram que o contexto histórico no qual a Sociologia passa a ser reimplantada esteve intimamente relacionado com o compromisso social, a construção de um civismo e a cidadania brasileira. (Assunção, 2010).

O interesse em trazer a sociologia para o ensino superior não se limitou às décadas de 1940 e 1950, mas teve suas origens um pouco antes. A sociologia como disciplina acadêmica emergiu no final do século XIX, com os trabalhos pioneiros de sociólogos como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. No entanto, foi principalmente a partir do início do século XX que a sociologia começou a ser ensinada nas instituições de ensino superior de forma mais sistemática e estabelecida, consolidando-se assim uma disciplina acadêmica reconhecida em muitos países. Nesse período, com o crescente interesse em trazer a sociologia para o ensino superior, à medida que a compreensão da sociedade e dos fenômenos sociais se tornava cada vez mais relevante, a sociologia passou a ser incluída em currículos de cursos universitários, e departamentos de sociologia foram estabelecidos em diversas universidades ao redor do mundo.

Esse interesse em trazer a sociologia para o ensino superior refletiu o reconhecimento da importância do estudo científico da sociedade e da necessidade de formar profissionais capacitados nessa área. A sociologia trouxe novas perspectivas e abordagens para a compreensão dos problemas sociais, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de analisar criticamente a realidade social e propor soluções baseadas em evidências e teorias sociológicas.

Na época, a conhecida “Expedição Francesa” trazia Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide e outros intelectuais franceses para lecionar a disciplina na Universidade de São Paulo (USP). Desta geração são formados intelectuais como Florestan Fernandes, Antônio Candido, dentre outros. Em 1942, com o ministro da educação Gustavo Capanema, “[...] a obrigatoriedade da disciplina Sociologia é retirada dos currículos das escolas secundárias, permanecendo apenas nas Escolas Normais.” (Carvalho, 2004, p.19). Assim, ela se torna uma disciplina não obrigatória pela proposta das Diretrizes Curriculares, saindo do ensino novamente. Anos mais tarde, em 1964, com o regime militar as disciplinas que compunham o quadro das Humanidades são retiradas e banidas por

completo dos currículos (como Filosofia e Sociologia). A disciplina de Educação e Civismo amplamente divulgada nos materiais didáticos da época se tornou o guia condutor da instrução sobre as relações sociais. Essa disciplina tinha como objetivo ensinar aos estudantes os princípios e valores cívicos, a ética, os deveres e os direitos do cidadão, bem como o funcionamento das instituições sociais e políticas.

Tal disciplina buscava desenvolver nos estudantes uma compreensão do mundo social em que viviam, promovendo a formação de cidadãos conscientes, participativos e obedientes ao sistema vigente, ou seja, ditadura civil-militar. Os materiais didáticos da época geralmente incluíam conteúdos sobre a história e a cultura do país, os símbolos nacionais, a estrutura governamental, a importância do civismo e a moralidade social.

Essa disciplina tinha uma abordagem normativa, ou seja, enfatizava os comportamentos considerados adequados e desejáveis na sociedade, proporcionando diretrizes para a conduta moral e cívica. O objetivo era transmitir aos alunos os valores e ideais do sistema social existente, reforçando a identidade nacional e a coesão social.

No entanto, é importante ressaltar que essa abordagem da Educação e Civismo também foi criticada por alguns estudiosos e movimentos sociais, que argumentavam que ela podia promover a reprodução de ideologias e estruturas de poder dominantes, limitando o pensamento crítico e a reflexão sobre questões sociais mais complexas. Com o tempo, a disciplina de Educação e Civismo passou por mudanças e transformações à medida que os debates sobre a educação e as relações sociais evoluíram.

Um dos aspectos relevantes sobre a trajetória da disciplina no país foi a reforma educacional realizada em 1971. A lei nº 5.692, Reforma Jarbas Passarinho, altera novamente a estrutura curricular. Visava-se, nessa reforma, uma formação escolar que propiciasse, em seu encerramento, uma aptidão técnica ao aluno. Assim, por sua vez, a Sociologia passa a ser encarada como algo abstrato demais, não cumprindo o objetivo de formar o aluno para o trabalho. Com efeito, ainda hoje, a Sociologia é compreendida por grande parte da população como uma disciplina pouco prática ou utópica por tratar de situações críticas e reflexões densas sobre a realidade. Provavelmente, foi nesse momento histórico, legitimado pelo Estado brasileiro, que a disciplina

perdeu valor frente às instituições de ensino e conseqüentemente para a população (Brasil, 1971).

Buscando desnaturalizar essa concepção, Florestan Fernandes escreve:

O ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (1977, p. 106).

Nesse sentido, Fernandes (1977) é favorável ao ensino de sociologia no ensino secundário, acreditando que a compreensão da realidade depende de uma sistematização do pensamento e que o sujeito histórico necessita apreender as relações entre os meios e os fins, a história e o movimento dialético da vida social. As observações do autor e de outros intelectuais colaboraram para as discussões posteriores que iniciariam em meados da década de 1980 e se estenderiam até os anos de 2001. Durante o período da redemocratização no Brasil, especialmente com a eleição de Franco Montoro como governador de São Paulo em 1983, houve um esforço para reintroduzir a disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Todavia, essa reintrodução ocorreu apenas em metade das três mil escolas do estado, o que demonstra que ainda havia muitos desafios a serem enfrentados para garantir a abrangência do ensino dessa disciplina.

Uma das tentativas para suprir a demanda por professores/as de Sociologia foi a realização do primeiro concurso para preenchimento de 29 vagas de docentes da área, em 1986. Contudo, essa quantidade de vagas era insuficiente, pois o estado de São Paulo contava com cerca de 1500 escolas na época. Isso resultou em uma situação precária, com poucos professores disponíveis para atender à demanda existente.

Essa precariedade no concurso e a limitação na oferta de vagas mostram o desafio que a área de Sociologia enfrentou durante esse período de reintegração da disciplina no currículo escolar. Ainda havia uma lacuna significativa a ser preenchida para garantir a presença efetiva da Sociologia nas escolas do estado de São Paulo. Esse cenário destacou a necessidade de investimentos e de políticas mais abrangentes para fortalecer o ensino da Sociologia e sua inserção plena na educação básica.

Em 2001, foi novamente proposta a reinserção do ensino de sociologia no país. No entanto, a proposta foi vetada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso - PSDB. De acordo com o então presidente, o Estado não teria condições de arcar com a implantação de novas disciplinas, precisaria contar com um contingente de licenciados, novos planos pedagógicos, estruturas de implantação, etc.

Decorrente do veto, muitos intelectuais apoiaram a decisão, como coloca Osmar Neto (2012, p. 9):

É interessante destacar aqui, que após o veto do presidente, muitos intelectuais do país concordaram com a decisão, levantando a questão em que tais disciplinas poderiam estar sendo usadas como disseminação de propaganda comunista.

Entendida como uma disciplina “perigosa”, em sua linha crítica, a sociologia foi preterida no país, em diversos momentos, pelo ensino de disciplinas que versavam sobre a cidadania e finalmente, depois de idas e vindas, foi aprovada a Lei nº 11.684/08, em que se coloca o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (LDB, 9394/1996). Isso trouxe a obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio que agora é questionável após a aprovação do Novo Ensino Médio e BNCC.

O fato de estar no currículo não foi garantia de superação dos problemas, pois a disciplina continua enfrentando muitas resistências. Nos anos de 2010 e 2011, à disciplina de Sociologia foi reservada apenas uma hora/aula por semana, em cada uma das séries do Ensino Médio paulista. Além do tempo restrito, é nítida a defasagem com relação à produção de material didático-pedagógico, não só no referido estado, mas em todo o Brasil. Isso fica latente quando se lê no Programa Nacional do Livro Didático 2012 (PNLD) – impulsionado pelo Governo Federal via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) – que as escolas públicas tiveram apenas duas opções de materiais didáticos de Sociologia, enquanto outras áreas mais cristalizadas no currículo, como Matemática e Português, tiveram maiores possibilidades de escolha, respectivamente, sete e onze títulos. Pensar nos problemas suscitados por essas questões se torna um desafio a este projeto (Brasil, 2012).

É importante ressaltar que as mudanças mais significativas ocorreram com a inclusão obrigatória da disciplina de Sociologia no currículo do Ensino

Médio, a partir da promulgação da Lei nº 11.684/2008. Essa medida trouxe consigo uma demanda considerável por professores capacitados e materiais didáticos adequados, o que nem sempre foi atendido de maneira satisfatória pelas redes de ensino em todo o país.

Os desafios para atender plenamente essa legislação foram diversos. Um dos principais obstáculos foi a carência de docentes habilitados em Sociologia, o que resultou em uma escassez de profissionais qualificados para lecionar a disciplina. Esse panorama exigiu esforços para a formação continuada de professores, a fim de suprir essa demanda crescente.

Além disso, a falta de materiais didáticos específicos e adequados para o ensino de Sociologia também representou um desafio significativo. A elaboração de materiais que contemplassem os conteúdos curriculares propostos, de acordo com a abordagem crítica e reflexiva da disciplina, demandou tempo e investimento por parte das instituições educacionais.

Outra questão relevante foi a resistência e a falta de compreensão por parte de alguns gestores e educadores em relação à importância e à necessidade da disciplina de Sociologia no currículo. Isso se refletiu em dificuldades na implementação efetiva da lei em algumas escolas e redes de ensino, prejudicando o acesso dos alunos a uma educação que valorizasse a reflexão crítica sobre a sociedade.

Diante desses desafios, esforços foram realizados para superar as lacunas e garantir o cumprimento da legislação. Iniciativas de formação de professores, produção de materiais didáticos adequados e sensibilização dos gestores e educadores foram promovidas com o intuito de assegurar uma educação de qualidade em Sociologia no Ensino Médio, de acordo com as diretrizes propostas pela lei.

É fundamental destacar que o caminho para atender plenamente a lei e proporcionar uma educação de excelência em Sociologia ainda apresenta desafios, mas a conscientização sobre a importância da disciplina e o investimento contínuo na formação de professores e produção de materiais didáticos adequados são passos fundamentais para alcançar esse objetivo.

O que possibilitou um debate intenso em torno do papel da sociologia na formação dos estudantes, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de desenvolver uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade social em

que vivem. A Sociologia também enfrentou desafios relacionados à sua inserção no mercado de trabalho, tanto para os professores como para os sociólogos formados em universidades.

Em termos de pesquisa e de produção acadêmica, o referido período foi marcado por discussões em torno de temas como globalização, desigualdades sociais, diversidade cultural e meio ambiente, entre outros. O estado de São Paulo, como uma das principais regiões econômicas e culturais do país, teve um papel importante nesse debate, com a participação de pesquisadores de diversas universidades e instituições de pesquisa.

1.2 São Paulo e a Proposta Curricular para a Disciplina de Sociologia

Neste espaço, a discussão é organizada em três pontos, de modo que um leva a outro. O primeiro deles está centrado na explicitação sobre as disposições estatais acerca dos projetos que balizam o ensino na rede estadual de ensino de São Paulo, elucidando, diante do escopo deste estudo, o ensino de Sociologia. O segundo ponto, haja vista que o primeiro adentra em questões práticas sobre o ensino de Sociologia – no tocante ao material que os estudantes têm contato –, avança-se às disposições sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Cabe pontuar que tal programa é crucial no Brasil e, a imensa maioria dos estudantes, têm como único material didático, o livro e/ou o caderno didático. O terceiro ponto dá atenção à preparação para trabalhar com quem está na escola (estudantes) e com o que (materiais didáticos), por essa razão, entra em cena o PIBID, o qual leva os licenciandos a ter contato com a realidade escolar. Para promover a progressão de um ponto a outro, outros aspectos também entram em diálogo.

Desse modo, tendo como base o histórico apresentado no tópico de discussão anterior e privilegiando a discussão da inserção da Sociologia no Estado de São Paulo, em 2007, a Secretária Estadual de Educação lança o programa *São Paulo faz Escola*. Essa proposta surge como uma resposta aos indicadores educacionais estaduais no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que recebe o nome de “Prova Brasil”, e dos precários índices obtidos pelos estudantes em outras avaliações como Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A proposta *São Paulo faz Escola* – que se encontra dentro de um plano maior intitulado *Nova Agenda para a Educação Pública*, lançado por José Serra – constitui-se em um conjunto de dez metas que deveriam ser alcançadas até 2010, dentre as quais estão: implementação de uma proposta curricular unificada à rede pública e de elaboração de material didático-pedagógico padronizado (os Cadernos dos Professores, dos Alunos, dos Gestores) para todo o estado paulista (São Paulo, 2015). Inicialmente, a Secretaria Estadual de Educação do estado de São Paulo criou uma comissão para elaborar o novo currículo de Sociologia. Essa comissão foi composta por professores da disciplina, mas também por profissionais de outras áreas, o que gerou controvérsias. Além disso, a comissão teve que lidar com a falta de estrutura e de recursos para a formação dos professores e para a produção de materiais didáticos adequados.

Em 2009, foi publicada a nova Proposta Curricular de Sociologia para o Ensino Médio do estado de São Paulo. A proposta previa a organização da disciplina em torno de quatro eixos temáticos: cultura, poder, trabalho e cotidiano. Além disso, a proposta estabelecia a necessidade de desenvolver competências e habilidades relacionadas à pesquisa e ao pensamento crítico.

Dentre muitos problemas que podem ser encontrados nesses materiais, dois se destacam: 1) o Caderno do Aluno não fornece subsídios conceituais para resolução das Situações de Aprendizado propostas, constituindo-se, assim, basicamente, de linhas e figuras; 2) os Cadernos do terceiro ano do EM foram elaborados tendo em vista duas aulas por semana, porém, até 2011, a Sociologia ocupava apenas uma aula por semana, o que não era o suficiente para trabalhar o conteúdo necessário.

Em 2012, com uma nova estruturação das grades curriculares das escolas públicas paulistas, a Sociologia passa a ocupar duas aulas por semana em todas as séries do EM, com exceção do 2º ano noturno, que permanece com apenas uma aula semanal. Esse formato produz novos problemas, já que os Cadernos do 1º e 2º anos foram elaborados para serem utilizados tendo em vista uma aula semanal. Nota-se que existe um descompasso nas políticas estaduais, pois elas sempre são implementadas com defasagem frente à realidade: ora os Cadernos são elaborados para duas aulas por semana e a disciplina possui

apenas uma, ora existem duas aulas e os Cadernos são pensados para uma aula semanal (São Paulo, 2015).

No Brasil, o Ensino de Sociologia na Educação Básica continuou a ser um tema de grande relevância e debate. Desde a sua inclusão como disciplina obrigatória pela Lei 11.684/2008, muitos desafios têm sido enfrentados pelos professores e gestores da área. A Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS), juntamente com Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e o Encontro Nacional para o Ensino da Sociologia na Educação Básica (ENESEB) e Mestrado Profissional de Sociologia (ProfSocio) desempenharam ao longo dos anos um papel fundamental na defesa e promoção do Ensino de Sociologia, buscando ampliar a formação dos professores e aperfeiçoar as metodologias de ensino.

No estado de São Paulo, o Ensino de Sociologia tem sido alvo de preocupação e discussão. Em 2014, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) atualizou os caderninhos do Ensino Médio, trazendo novas informações e imagens mais recentes. Essa atualização tinha como objetivo integrar temas como ética, política e cidadania de forma conjunta com outras disciplinas, o que foi interpretado por alguns como uma tentativa de diluir a especificidade do Ensino de Sociologia.

Apesar das críticas, o sistema apostilado da SEE segue como material didático e, atualizado, visa melhorar o conteúdo e ter uma boa aceitação no Ensino de Sociologia do Estado de São Paulo por parte dos professores. Esse material deu suporte e continuou a ser usado nas escolas pelos professores, ainda que com algumas limitações, ou seja, não há muitos professores que lecionam sociologia que são graduados nessa área. Em meio a essas discussões, o ano de 2015 foi marcado por diversos eventos e iniciativas que buscaram ampliar a reflexão e o debate sobre o Ensino de Sociologia, tanto no estado de São Paulo quanto em todo o país.

Ao longo de todo esse percurso não podemos esquecer também do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que é um programa governamental brasileiro que tem como objetivo fornecer materiais didáticos e pedagógicos para escolas públicas de educação básica em todo o país. Ele abrange desde obras didáticas até materiais de apoio à prática educativa, como livros, guias do professor, audiolivros, jogos educativos, entre outros recursos.

O PNLD também engloba instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos que tenham convênios com o poder público e ofereçam educação básica. Essas instituições também recebem os materiais de forma sistemática, regular e gratuita.

O programa funciona por meio de um processo de avaliação e seleção de obras e materiais, conduzido pelo Ministério da Educação em parceria com especialistas das áreas temáticas correspondentes. As editoras interessadas em participar submetem suas obras para avaliação, e aquelas que são aprovadas são incluídas no catálogo do PNLD.

As escolas participantes do PNLD recebem os materiais selecionados de acordo com as etapas e modalidades de ensino, de forma a atender as necessidades específicas de cada faixa etária e área de conhecimento. A distribuição é feita de maneira regular e gratuita, com o intuito de garantir o acesso dos estudantes e professores a recursos educacionais de qualidade.

O PNLD desempenha um papel importante no apoio ao processo de ensino e aprendizagem, proporcionando materiais atualizados, alinhados às diretrizes curriculares e às demandas educacionais contemporâneas. Ele contribui para o fortalecimento da educação pública, auxiliando na promoção da igualdade de oportunidades e na melhoria da qualidade da educação oferecida nas escolas beneficiadas.

As políticas públicas do Governo Federal nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff -PT foram muito progressistas e com muitos incentivos à formação de professores, o que melhorou muito nos 14 anos que eles governaram o país, dando maiores e melhores condições de incentivo à formação dos docentes brasileiros, e incentivando a participação em congressos e encontros pedagógicos que tinham como norte ampliar e dar suporte aos educadores.

Outro ponto forte na formação dos professores foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o qual é uma iniciativa que visou estabelecer uma conexão antecipada entre os estudantes de cursos presenciais de licenciatura, nas escolas públicas e o exercício do magistério na rede pública de ensino. Por meio desse programa, são oferecidas bolsas aos alunos que se dedicam às escolas públicas durante sua formação acadêmica.

Com o objetivo de aprimorar a qualidade do ensino em escolas públicas que apresentam índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) abaixo da média nacional de 4,4, foi proposto um programa que busca a colaboração entre as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas.

Uma das principais iniciativas desse programa é incentivar a carreira docente em áreas da educação básica que enfrentam maior carência de professores com formação específica, como ciências e matemática para o ensino fundamental (5ª a 8ª séries) e física, química, biologia e matemática para o ensino médio.

Ao estabelecer parcerias entre as universidades públicas e as escolas públicas, o programa visa promover a formação de professores mais capacitados para atender às necessidades dessas disciplinas críticas. Essa articulação permite a troca de conhecimentos, a oferta de cursos de capacitação e o apoio mútuo para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes.

Com a colaboração entre as instituições de ensino e as redes públicas, almeja-se elevar o padrão educacional nessas áreas, proporcionando uma aprendizagem mais qualificada e motivadora para os estudantes, a qual conseqüentemente, contribui para a melhoria dos resultados educacionais no país.

Ao oferecer bolsas de iniciação à docência, o PIBID busca proporcionar aos licenciandos a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica nas escolas públicas desde cedo, enriquecendo sua formação e promovendo uma maior integração entre a teoria e a prática. Além disso, o programa visa despertar o interesse dos futuros professores pela carreira docente, especialmente nas áreas em que há uma demanda significativa por profissionais qualificados.

O PIBID representa uma parceria entre as instituições de ensino superior e as redes públicas de educação, trabalhando em conjunto para fortalecer e aprimorar a qualidade da educação oferecida nas escolas públicas. Essa iniciativa contribui para suprir a carência de professores em áreas específicas, incentivando a formação de profissionais capacitados e comprometidos com a melhoria do ensino, principalmente nas regiões que apresentam maiores desafios educacionais.

O autor do presente estudo participou do PIBID e, foi uma experiência incrível. Partindo desse ponto de vista, são trazidos alguns relatos. Primeiro, esse projeto foi muito importante para minha¹ formação. Juntamente com outros bolsistas, recebemos uma formação pedagógica de grande valia e tivemos a oportunidade de estar em sala de aula, lidar com o dia a dia do ensino e receber orientação dos professores mais experientes. Ser bolsista realmente me ajudou a desenvolver minhas habilidades de comunicação e didática, e também a lidar com os estudantes escolares, em sala de aula.

Além disso, o PIBID fez uma diferença significativa na educação básica, principalmente nas escolas públicas. A presença dos bolsistas nas salas de aula ajudou muito os professores e os alunos. Um momento de aprendizagem docente, de poder estar na escola como bolsista, foi ver que os PIBIDIANOS também podem contribuir diretamente com a comunidade escolar.

Outro aspecto que foi importante para nossa formação e curti muito foi a vivência prática. Foi muito bom estar lá na escola, fazendo parte da rotina e se envolvendo com a comunidade escolar. Essa experiência foi muito valiosa e é responsável por me proporcionar uma visão bem realista do sistema educacional e dos desafios que os professores e alunos enfrentam no dia a dia.

Durante todo esse processo, não posso esquecer de mencionar das relações que construí. Por causa do PIBID fiz vários amigos entre os bolsistas, os professores e os funcionários da escola. Foi muito produtivo trocar experiências e conhecimentos com todos os sujeitos das unidades escolar por qual passei.

Outra aprendizagem que o PIBID me trouxe foi uma reflexão sobre a carreira docente. Depois dessa experiência, pude avaliar com maior riqueza de detalhes o *ser professor*. Há colegas que decidiram seguir a carreira acadêmica, outros continuaram no magistério, e há quem foi para outras áreas. Levamos essa experiência de ter vivenciado à docência como um ponto definidor em nossa formação.

Enfim, é possível asseverar que O PIBID é uma oportunidade única, em que cada um vive a sua experiência de professor em formação. No geral, como diriam os alunos escolares é uma “parada muito bacana” que fortalece a

¹ Por focalizar a experiência pessoal do autor do estudo, nesse momento, entende-se adequado utilizar a primeira pessoa no singular ou no plural.

formação de professores e a qualidade da educação básica no nosso país. Em meu olhar, é um projeto que confere ricas contribuições à formação docente.

1.3 A reforma do ensino médio e os itinerários formativos

Desde 2012, ocorreram diversas mudanças na sociologia no Brasil, incluindo reformas curriculares, políticas educacionais e avanços acadêmicos, porém é em 2014 que se inicia o grande marco para a educação brasileira; a Presidenta do Brasil Sra. Dilma Rousseff – PT foi reeleita à Presidência da República e deu como slogan do seu segundo governo “Brasil – Pátria Educadora” e indica ao seu ministro da educação José Henrique Paim iniciar os estudos para a reforma do ensino médio brasileiro. Nesse momento, um trabalho bem formulado e estruturado inicia-se, com consulta pública com os profissionais da educação, mesmo com a saída do ministro Paim, o estudo e consulta para a reforma do ensino médio continuou com os outros ministros que estiveram à frente do ministério durante o governo Dilma.

E quando tudo caminhava bem e indicava mudanças significativas para a educação brasileira com a Reforma do Ensino Médio, a presidenta eleita legitimamente pelo povo brasileiro nas eleições de outubro de 2013 sofre um golpe de estado. Nessa ocasião, os avanços que foram construídos ao longo dos últimos anos começam a ser destruídos com Michel Temer – MDB.

Todos os estudos e consulta pública que fizeram para a Reforma do Ensino Médio não são considerados pelo governo de Temer e seu ministro da educação Mendonça Filho – DEM. Em 2017, foi aprovada a Lei nº 13.415, também A Lei do Novo Ensino Médio, sancionada pelo então presidente da República, Michel Temer, em 16 de fevereiro de 2017, entrou em vigor a partir de sua publicação no Diário Oficial da União em 20 de fevereiro de 2017. Essa lei estabeleceu mudanças significativas na estrutura curricular do ensino médio, visando a uma maior flexibilização e personalização do currículo nacional.

Dentre as mudanças propostas pela lei, destacam-se: a ampliação da carga horária de 800 para 1.000 horas anuais; a oferta de itinerários formativos específicos de acordo com as aptidões e interesses dos alunos; e a obrigatoriedade de ensino de língua inglesa e a inclusão de estudos e práticas relacionados as áreas do conhecimento.

Além disso, a lei também estabelece a possibilidade de realização de parcerias entre escolas e instituições de ensino técnico e profissionalizante, visando a uma maior integração entre a formação geral e a formação profissionalizante. Portanto, com a sanção da nova lei do ensino médio, houve alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelecendo uma série de mudanças significativas para o currículo escolar brasileiro. Uma das questões que gerou debates e incertezas é a manutenção da obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos currículos escolares.

Com a nova lei, foi concedida autonomia aos Estados e municípios para adequarem seus currículos à Reforma e à Base Nacional Comum Curricular – (BNCC). Ou seja, ela estabelece as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica. No caso da Sociologia, a base determina que os currículos devem contemplar "estudos e práticas" relacionados a essa disciplina.

Com a reforma do ensino médio, o currículo passou a ser organizado por meio da BNCC que define as competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo dessa etapa da educação básica. Além desse documento, foi introduzida a chamada "Parte Flexível" do currículo, na qual os alunos podem escolher aprofundamentos em áreas de seu interesse, conhecidas como "itinerários formativos".

Esses itinerários formativos possibilitam aos estudantes explorar diferentes áreas do conhecimento, como linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. Dentro desses itinerários, os estudantes têm a oportunidade para se aprofundar em estudos e práticas relacionadas a temas específicos, como empreendedorismo, artes, esportes, ciências agrárias, dentre outros.

Essa mudança no ensino médio visa oferecer uma formação mais flexível e alinhada às necessidades e interesses dos estudantes, permitindo que eles escolham caminhos mais direcionados em seus estudos, de acordo com suas aptidões e aspirações. Ao invés de disciplinas tradicionais, a reforma enfatiza a articulação entre diferentes áreas do conhecimento, integrando-as em projetos e atividades que estimulem a investigação, a criatividade e o protagonismo dos estudantes.

Essa abordagem busca estimular uma formação mais integral que valorize não apenas os conhecimentos teóricos, mas também as habilidades socioemocionais, o pensamento crítico, a resolução de problemas e a capacidade de trabalhar em equipe. A ideia é preparar os estudantes para os desafios da sociedade contemporânea, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa para suas vidas.

É importante ressaltar que a implementação da reforma do ensino médio pode variar entre as redes de ensino e as escolas, pois cada uma tem autonomia para definir sua proposta curricular e os itinerários formativos oferecidos. A flexibilização curricular traz oportunidades para uma educação mais personalizada e adequada às necessidades e vocações dos estudantes, favorecendo uma formação mais diversificada e abrangente.

No entanto, essa formulação pode abrir margem para a diluição, redução ou até mesmo exclusão da obrigatoriedade da Sociologia como disciplina específica. Isso ocorre porque a expressão "estudos e práticas" não explicita claramente a necessidade de uma disciplina autônoma de Sociologia. Nesse contexto, a manutenção da Sociologia como disciplina obrigatória em três séries de ensino, e conseqüentemente sua presença nos currículos, depende da mobilização dos professores em cada Estado e município durante o processo de audiências, debates e implementações da (BNCC). Cada unidade da federação tem a prerrogativa de realizar essa adequação de forma preferencial, o que pode resultar em diferentes decisões e abordagens em relação à Sociologia.

Essa situação acaba gerando uma teia de informações desencontradas e incertezas no debate acerca da obrigatoriedade da Sociologia nos currículos escolares. É importante que os professores, as instituições de ensino e a comunidade em geral acompanhem e participem ativamente das discussões locais e regionais para garantir a manutenção da disciplina e seu devido espaço no currículo escolar.

Pensar como foi estruturada tal reforma nos permite também fazer uma reflexão crítica sobre as habilidades propostas pela base curricular do ensino médio, na Lei 13.415/2017, que estabeleceu mudanças significativas na estrutura curricular do ensino médio brasileiro. A BNCC apresenta somente as disciplinas de Português e Matemática como obrigatórias, enquanto os componentes curriculares são organizados de forma interdisciplinar, divididas

por áreas de conhecimento e por competências e habilidades. Além disso, o documento não oferece orientações claras sobre os itinerários formativos. O que possibilita questionar as implicações dessa mudança na formação dos jovens brasileiros e na garantia do direito à educação. Para realizar os estudos sobre a reforma do EM, aqui, recorreu-se às normativas e documentos oficiais. Ao tecer essa apreciação essa análise documental, foi possível elaborar embasamentos que permitiram ampliar o conhecimento acerca da reforma do ensino médio e os seus desdobramentos na educação pública brasileira. No entanto, convém assinalar que esta mudança tem gerado preocupações em relação aos direitos sociais, principalmente no que se refere ao direito à educação de qualidade.

De acordo com Moura e Filho (2017), a Reforma do Ensino Médio tem causado a regressão dos direitos sociais, uma vez que a educação é um caminho sólido para o desenvolvimento do povo brasileiro. Os autores argumentam que o modelo proposto pela Reforma está direcionando às instituições de ensino para a formação de futuros trabalhadores, ligados diretamente com o setor produtivo. Isso significa que a educação, na escola, passa a ser vista como um investimento individual e não social, para a empregabilidade em um mercado.

Entretanto, segundo Kuenzer (1998), a lógica do capital pressupõe uma educação diferenciada a partir da classe social. A escola desempenha um papel importante na reprodução de estruturas sociais, contribuindo para o processo de diferenciação social ao estabelecer práticas educativas distintas. Essas práticas podem refletir e reforçar as desigualdades existentes na sociedade, perpetuando assim as hierarquias e divisões sociais. Nesse sentido, há um descaso com a dimensão ontológica do ser humano em detrimento de uma formação sustentada pelo viés mercadológico.

Uma das formas pelas quais a escola contribui para a diferenciação social se inscreve mediante a oferta de diferentes níveis de ensino e programas educacionais. Em muitos sistemas educacionais, existem escolas que são consideradas de elite ou prestigiadas, geralmente com recursos mais abundantes, professores bem qualificados e uma variedade de oportunidades educacionais adicionais. Essas escolas, sobremaneira, são acessíveis apenas para aqueles que podem pagar por elas ou que possuem um acesso privilegiado.

Por outro lado, existem escolas em áreas socioeconomicamente desfavorecidas, com recursos limitados e menos oportunidades educacionais. Essas escolas frequentemente lutam para oferecer uma educação de qualidade mesmo diante da falta de financiamento adequado e de outros desafios estruturais. Essa discrepância na qualidade da educação contribui para a reprodução das desigualdades sociais, já que os alunos das escolas mais privilegiadas têm mais chances de obter sucesso acadêmico e, conseqüentemente, acesso a melhores oportunidades futuras.

Além disso, as práticas pedagógicas e currículos adotados pelas escolas também podem perpetuar a diferenciação social. Por exemplo, certas formas de conhecimento, como a cultura dominante, são valorizadas e privilegiadas em detrimento de outras formas de conhecimento. Isso pode levar à exclusão de grupos marginalizados e à negação de suas identidades culturais, dificultando sua participação plena na sociedade.

É importante ressaltar que a escola não é a única instituição responsável pela reprodução das estruturas sociais e das desigualdades. Há uma interação complexa entre a escola, a família, a comunidade e outros fatores que influenciam a diferenciação social. No entanto, a escola desempenha um papel significativo nesse processo, e a conscientização dessas dinâmicas é fundamental para buscar uma educação mais inclusiva e igualitária.

Considerando esse cenário, no contexto atual, discutir a Reforma do Ensino Médio e a BNCC é de suma importância para compreendermos os impactos e implicações dessas mudanças na educação brasileira. Nesse sentido, Santos (2017) aponta que atacar a escola pública e seu currículo “obsoleto” é mais uma das armadilhas do capital neoliberal para desconstruir a função social da escola pública e construir um consenso em torno da necessidade de privatizar esse serviço público.

A Reforma do Ensino Médio promove, portanto, um retrocesso educacional com impacto negativo para o currículo escolar, já que a retirada da obrigatoriedade de disciplinas fragiliza o conceito de educação básica, o que fragmenta e esfacela o Ensino Médio. As mudanças propostas ampliam a carga horária escolar de 800 horas para 1000 horas anuais, e as unidades escolares ficam dispensadas de cumprir o mínimo de 200 dias letivos, por outro lado oferecem a carga horária prevista da grade curricular de cada curso, o que reduz

o conhecimento obrigatório dos estudantes, infringindo o princípio basilar do direito à educação.

Em suma, a Reforma do Ensino Médio traz preocupações em relação ao direito à educação de qualidade e à formação integral dos jovens brasileiros. A discussão sobre a BNCC e a Reforma do Ensino Médio deve levar em consideração os impactos e as implicações que essas mudanças trazem para a formação dos estudantes e para a sociedade como um todo. Segundo Kuenzer (2017, p. 335),

Só são duas as disciplinas obrigatórias nos três anos do ensino médio: língua portuguesa e matemática; as demais, e entre elas artes, educação física, sociologia e filosofia, devem ser obrigatoriamente incluídas, mas não por todo o percurso, o que pode significar apenas um módulo de curta duração.

Partindo desse viés, o artigo 36 da lei nº 13.415/2017 determina que o currículo do ensino médio deve ser composto pela BNCC e pelos itinerários formativos, os quais seriam oferecidos pelos sistemas de ensino de acordo com a demanda local. Embora se tenha concebido que a reforma curricular se daria pela BNCC, com diretrizes relativas aos itinerários formativos, essa proposta sugere uma fragmentação dos percursos formativos, sob o pretexto de um currículo mais flexível e atrativo, o que nega o direito à formação básica comum e propõe formações distintas conforme a origem social dos estudantes.

A opção formativa pela profissionalização não garante acesso à formação técnico-profissional adequada, mas sugere um processo de precarização e privatização por meio de parcerias público-privado. A reforma curricular sugere que a BNCC deva ser concisa e dinâmica para possibilitar aos alunos aprendizagens das habilidades necessárias para a cidadania e para o mundo do trabalho, com a substituição das 13 disciplinas oferecidas por apenas duas e pelos itinerários formativos. Nesse documento consta que

[...] ao adotar a possibilidade dessas trilhas de aprendizagem no ensino médio, sem abrir mão de uma dimensão comum, contribuir-se-á significativamente para que as escolas se oxigenem e se articulem ao universo de saberes necessários para o exercício da cidadania e a preparação para o mundo do trabalho (BRASIL, 2016, p. 11).

A proposta da BNCC foi submetida ao Ministério da Educação em 2015, como parte da reforma da educação básica. Esse processo de reforma envolveu

várias iniciativas, algumas das quais geraram debates e controvérsias em relação aos princípios da educação democrática e popular. Após passar por uma série de discussões e ajustes, o documento final da BNCC foi aprovado em 14 de dezembro de 2018 pelo Conselho Nacional de Educação.

Abordar a Reforma do Ensino Médio e a BNCC, ressaltando que a limitação da carga horária da base comum a 1.800 horas e a obrigatoriedade apenas das disciplinas de Português e Matemática, pode gerar defasagem nos estudantes em relação a conteúdos "não-obrigatórios". Além disso, a flexibilidade do currículo pode levar a uma divisão da oferta educacional, com uma escola para elite e outra para as classes menos favorecidas, visando à formação de futuros trabalhadores ligados diretamente com o setor produtivo.

Segundo Kuenzer (1998), a educação, na escola, sob a ótica empresarial passa a significar investimento individual e não social, para a empregabilidade em um mercado. Nesse contexto, a Reforma do Ensino Médio e o currículo de São Paulo, adotados pelo estado do São Paulo, são apontados como ações subvencionadas pelo capital empresarial, que colocam em prática uma série de mudanças na organização e oferta da educação básica paulista.

Para compreender as determinações dessas políticas, é necessária uma abordagem teórica que desconstrua a realidade na qual se constituem, a partir do que ainda não se mostra e do que se oculta. Isso permitiria uma análise mais científica e embasada sociologicamente capaz de identificar os interesses em disputa e as polarizações presentes na oferta educacional atual. De acordo com Ciavatta (2001, p.121),

[...] há singularidade dos fatos empíricos e, destes voltar ao geral, apreendendo-os nas suas mediações específicas, na sua particularidade histórica: duração, espaço e movimento da realidade sob a ação cotidiana dos homens”.

Em outros termos, o autor discute a relação entre a singularidade dos fatos empíricos e sua capacidade de retornar ao geral, considerando suas mediações específicas e particularidades históricas. A realidade é compreendida como um conjunto complexo de eventos, caracterizada por sua duração, espaço e movimento, moldada pela ação cotidiana dos seres humanos.

Partindo dessa perspectiva, o autor sugere que os fatos empíricos, ou seja, os eventos e acontecimentos específicos que ocorrem no mundo real são

únicos em sua natureza individual. Porém, eles não existem isoladamente, diferentemente disso estão interconectados e influenciados por uma série de fatores contextuais e históricos. Essas mediações específicas são fundamentais para entender a complexidade e a dinâmica da realidade.

Ao compreender a singularidade dos fatos empíricos e considerar suas mediações específicas, é possível apreender a essência geral subjacente. Isso implica em analisar os eventos dentro de seu contexto histórico e social, reconhecendo que a realidade é dinâmica e está em constante movimento. Sendo assim, a citação enfatiza a importância de não apenas examinar os fatos isolados, mas de contextualizá-los dentro de sua dimensão histórica e social para uma compreensão mais completa da realidade sob a influência das ações cotidianas dos seres humanos.

Por outro lado, Martins (2017) apresenta uma análise aprofundada sobre o futuro da disciplina de Sociologia no Ensino Médio após a Medida Provisória 13.415/2017. A análise do currículo proposta pelo autor consiste em auxiliar os estudantes a desenvolverem uma postura reflexiva, capacitando-os a questionar o significado das diversas manifestações sociais presentes em seu cotidiano, buscando destacar a importância da Sociologia como um campo de conhecimento que possibilita compreender e interpretar as dinâmicas sociais, os processos históricos, as relações de poder, as desigualdades sociais, entre outros aspectos fundamentais para a formação crítica dos estudantes.

Ao propor um currículo que promova a capacidade cognitiva dos alunos de interrogar o sentido das manifestações sociais, o parecer técnico de Martins (2017) reforça a importância da Sociologia como uma disciplina que contribui para o desenvolvimento de habilidades analíticas, reflexivas e críticas. Essa abordagem visa preparar os estudantes para compreenderem a complexidade do mundo social em que vivem e participem de forma consciente e ativa na sociedade.

Ao adotar uma postura reflexiva, os alunos são estimulados a questionar as estruturas e os processos sociais, a reconhecer as relações de poder e a refletir sobre as implicações sociais, políticas e culturais das diferentes manifestações sociais. Isso promove a formação de cidadãos mais críticos, capazes de compreender a realidade social e contribuir para transformações positivas em suas comunidades. Martins (2017) oferece, portanto, uma visão

embasada e reflexiva sobre o papel da Sociologia no currículo do Ensino Médio, ressaltando sua importância para o desenvolvimento de uma educação mais crítica, participativa e comprometida com a compreensão e transformação da sociedade.

Em sua análise, fica claro que os conteúdos abordados na disciplina de Sociologia têm o objetivo de despertar uma reflexão sobre diversos aspectos do nosso mundo social, os quais, muitas vezes, passam despercebidos ou são aceitos como naturais dentro de nossa comunidade escolar. Esses aspectos são como fragmentos da realidade que compõem nossa bolha social, influenciando nossa percepção e experiência cotidiana.

Utilizando a expressão "mundo aceito sem discussão", do sociólogo Alfred Schutz, Martins (2017) enfatiza como certas estruturas, normas e valores são internalizados e considerados como algo inquestionável. A Sociologia, por sua vez, busca romper com essa aceitação passiva, incentivando os estudantes a analisar criticamente as bases e fundamentos desses elementos da sociedade.

Ao explorar os conteúdos sociológicos, os alunos são convidados a questionar as estruturas sociais, os processos de poder, as desigualdades, os preconceitos e as relações interpessoais que permeiam sua realidade. Dessa forma, a disciplina de Sociologia possibilita uma análise mais aprofundada e crítica do mundo social em que vivemos, desafiando visões estereotipadas ou simplistas e estimulando uma compreensão mais abrangente e contextualizada da sociedade.

Portanto, o objetivo dos conteúdos trabalhados na matriz sociológica, como proposto por Martins (2017), concentra-se em instigar uma reflexão sobre os diferentes aspectos da vida social, os quais geralmente são naturalizados e aceitos sem questionamento. Por intermédio dessa reflexão, os estudantes podem desenvolver uma postura crítica e ativa, contribuindo para uma compreensão mais ampla e transformadora da realidade em que estão inseridos.

Porém, a reforma do ensino médio, implementada no Brasil, não teve um impacto tão positivo no que tange ao ensino de sociologia. Uma das principais mudanças foi a redução da carga horária para as disciplinas de ciências humanas, incluindo sociologia e filosofia. Lembrando que antes da reforma essa disciplina era obrigatória em todas as séries do ensino médio e tinha uma carga

horária de pelo menos duas horas semanais, ou seja, duas aulas por semana – pontua-se que não há uma uniformidade nacional.

Com a reforma, essas disciplinas tornaram-se optativas e passaram a ser ofertadas uma aula por semana no último ano do ensino médio, articuladas por área de conhecimento das Ciências Humanas. Essas mudanças causaram preocupação entre os professores e pesquisadores de sociologia no Brasil, que viram nela uma ameaça à qualidade do ensino e ao papel da sociologia como disciplina fundamental para a formação crítica e cidadã dos alunos. Além disso, a reforma do ensino médio enfatizou a necessidade de uma formação mais voltada para o mercado de trabalho, o que pode ter impactado a percepção da importância da sociologia para a formação dos estudantes.

Ademais, tal reforma trouxe mudanças significativas, incluindo a retirada da obrigatoriedade da disciplina de Sociologia, substituindo-a por percursos formativos personalizados. Segundo os defensores dessa reforma, os itinerários formativos permitem que os estudantes escolham o que estudar e como estudar, levando em consideração seus interesses e necessidades. Essa é uma das afirmações utilizadas por grupos educacionais para validar o suposto "sucesso" da reforma do ensino médio, que visa tornar o ensino mais flexível e adequado às demandas e desafios da sociedade contemporânea.

De acordo com a visão desse modelo, os estudantes têm a possibilidade de escolher entre uma formação mais voltada para o mundo do trabalho, com ênfase em habilidades técnicas e práticas, ou uma formação mais voltada para o mundo acadêmico, com ênfase no desenvolvimento de habilidades teóricas e críticas. Cabe ressaltar que a escolha dos estudantes não é restrita apenas a essas duas opções e pode ser personalizada e consonância com seus interesses e objetivos de vida.

Embora essa flexibilização possa oferecer certa liberdade de escolha aos estudantes, é fundamental considerar algumas questões críticas. A retirada da obrigatoriedade de disciplinas como Sociologia pode limitar a formação dos alunos em termos de compreensão das estruturas sociais, dos processos históricos e das dinâmicas culturais. Essas disciplinas desempenham um papel fundamental ao promover o pensamento crítico, a reflexão sobre a sociedade e a compreensão das relações humanas.

Além disso, é preciso considerar que a possibilidade de escolha dos estudantes nem sempre é igualmente acessível para todos. Alunos de contextos mais desfavorecidos podem enfrentar limitações em relação aos recursos disponíveis, orientação adequada e até mesmo informações sobre as diferentes opções de percursos formativos. Isso pode levar a disparidades e desigualdades no acesso às oportunidades educacionais.

Desse modo, embora a flexibilização do ensino médio possa ter aspectos positivos, é necessário analisar criticamente seus impactos e garantir que a diversidade de conhecimentos e disciplinas essenciais seja preservada, bem como a equidade no acesso às oportunidades educacionais seja assegurada.

Por fim, convém assinalar, nesse contexto do ensino de sociologia, que os itinerários formativos podem impactar positivamente, pois os estudantes podem optar por cursar disciplinas específicas que aprofundam o conhecimento na área, preparando-os para o ingresso em cursos superiores de ciências sociais, ou escolher itinerários com enfoque em habilidades técnicas e práticas que lhes permitam aplicar conceitos sociológicos em situações do mundo do trabalho. No entanto, também pode haver o risco de uma diminuição na oferta de disciplinas de sociologia, uma vez que elas podem não estar entre as opções prioritárias escolhidas pelos estudantes.

CAPÍTULO 2 – A ESCOLA E SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

2.1 A Escola como Pilar da Formação Crítica e Social

As ciências sociais, desde o século XIX, vêm lutando para conquistar o seu espaço e se fortalecer como uma disciplina que ofereça uma formação crítica. As correntes europeias introduziram a disciplina nos programas escolares para examinar e elucidar a complexidade da sociedade brasileira. A sociologia brasileira foi influenciada por várias correntes de pensamento, as quais ilustraram as mudanças e os desafios que o país enfrentou. Alguns desses exemplos incluem a rápida urbanização, a mudança do governo monárquico para republicano e os conflitos sociais resultantes das diferenças e da diversidade cultural. O século XX viu a introdução da sociologia na academia, promovendo discussões e pesquisas que ajudaram a construir uma visão crítica e reflexiva acerca da sociedade brasileira. No entanto, a disciplina também foi submetida a momentos de repressão, principalmente durante os governos autoritários que tentaram limitar e controlar sua extensão.

Compreender o funcionamento da sociologia é fundamental ao se analisar o papel essencial das escolas na construção das sociedades. Ao incorporar a sociologia na educação, não só os alunos adquirem um melhor entendimento da sociedade em que vivem, mas também há uma melhora da educação como um todo, abordando temas sociais, emocionais, administrativos e tecnológicos. Assim, a abordagem dos gestores e professores das escolas aos problemas sociais e culturais, presentes, também, no interior da escola, reflete a ideologia e a história da sociologia no Brasil, além de ajudar a formar cidadãos críticos e engajados. A ligação entre o desenvolvimento histórico da sociologia e os múltiplos elementos da escola evidencia a necessidade de uma educação que aprecie a complexidade e diversidade da sociedade.

As diversas unidades escolares do mundo permitem corroborar que tal instituição tem função social e educativa, até porque desempenham um papel importante na formação das sociedades e no crescimento e socialização dos indivíduos. A escola vai além, não é somente um espaço físico onde as atividades pedagógicas são realizadas e vivenciadas, é um ambiente diverso e complexo com muitas dimensões interconectadas.

A dimensão pedagógica se destaca principalmente por ser o ambiente no qual os métodos de ensino e aprendizagem são organizados. É nessa perspectiva que devemos garantir que os alunos obtenham o conhecimento necessário para seu crescimento intelectual e crítico por meio do uso de avaliações, metodologias, estratégias de ensino e currículos. Segundo Paulo Freire (2003, p. 47), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

As interações sociológicas entre alunos, professores, funcionários e a comunidade escolar mostram a dimensão social da escola. A escola é um pequeno pedaço da sociedade, em que valores como respeito, solidariedade, cooperação e trabalho são cultivados. Portanto, as escolas são locais onde as identidades sociais e culturais se encontram e são construídas. Durkheim (2000, p. 321) afirma que "a escola é a instituição social que transmite e perpetua a cultura e os valores de uma sociedade", portanto é o momento para pensar e questionar se o que aprendemos tem a ver com a formação mais geral ou não.

A dimensão afetiva é fundamental, uma vez que é essencial que a escola ofereça um espaço seguro e acolhedor para que os estudantes possam desenvolver plenamente suas habilidades socioemocionais e a confiança em seu psíquico. Com esse percurso formativo, talvez os estudantes consigam externalizar tudo o que foi captado nesse acolhimento. Professores, gestores e outros profissionais do setor educacional têm papel fundamental na promoção de um ambiente escolar que valorize a diversidade social, respeitando as diferenças e favoreça o bem-estar de todos na comunidade educativa. Ao encontro disso, está a asserção de Vygotsky (2007, p. 45) "o desenvolvimento humano é um processo social e cultural".

A parte administrativa também faz parte da estrutura da escola. Isso envolve gerenciar pessoas, finanças e materiais. É fundamental uma administração eficaz para garantir o bom funcionamento da escola e o atendimento de todas as necessidades. Segundo Drucker (1993, p. 102), "a eficiência administrativa é vital para a sustentabilidade das instituições educacionais".

Para prosseguir no debate, é pertinente lembrar da presença da dimensão tecnológica no mundo moderno. Resultado este de décadas de desenvolvimento acelerado e contínuo que mudou nossa vida, o trabalho, o ensinar e aprender e

a comunicação. A tecnologia está presente em quase todos os aspectos de nossa vida diária, desde as interações interpessoais até a execução de tarefas básicas e complexas. Desse modo, para navegar com eficiência no mundo atual e futuro, é necessário reconhecer e compreender essa dimensão.

A inclusão de tecnologias no currículo educacional contribui para mudanças importantes das abordagens pedagógicas, induzindo assim novas perspectivas no processo de ensino e aprendizagem. Nessa amplitude, os recursos tecnológicos possibilitam uma educação interativa e abrangente, possibilitando a comunicação, o acesso a informações e a integração do ensino na integralidade. Segundo Moran (2000, p. 25), "a tecnologia na educação não é apenas um meio de transmissão de conhecimento, mas uma ferramenta que transforma a própria natureza da aprendizagem".

Dessa forma, a escola, em todas as suas vertentes, tem papel crucial na formação integral e máxima dos alunos e na promoção de uma sociedade igualitária, democrática e plural. Para que a escola cumpra de fato o seu papel educacional e social, ela precisa reconhecer e atribuir valor a todas essas dimensões.

Almejamos uma escola nesse formato, mas ainda estamos distantes dessa realidade. Um autor que discute a ideia de que estamos distantes de uma escola ideal e que aborda os desafios e limitações enfrentados pelas instituições educacionais é José Pacheco. Em suas obras, ele analisa criticamente o sistema educacional tradicional e propõe alternativas inovadoras. Para Pacheco (2019, p. 50), que aborda a necessidade de reformas profundas no sistema educacional,

[...] um processo transformador, que promova ruptura paradigmática, mesmo que parcial, com impacto positivo na qualidade das aprendizagens e no desenvolvimento harmônico do ser humano. Consiste em superar aquilo que se manifesta inadequado, obsoleto. Significa trazer à realidade educativa algo efetivamente novo, ao invés de não modificar o que seja considerado essencial. Pressupõe, não a mera adoção de novidades, inclusive as tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento.

Essa citação fornece uma perspectiva crítica sobre o estado atual da educação e reforça a ideia de que, apesar das aspirações, ainda estamos longe de alcançar a escola ideal.

Freire (1996, p. 41) nos permite ver de perto essa realidade, nua e crua, Está errada a educação que não reconhece na raiva justa, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. Diante de tamanha perversidade e tão distante do que sonhamos em tornar a escola pública, “como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes, se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?” Quando nos encontramos dentro desse paradigma, precisamos nos encontrar e esperar dias melhores para a educação brasileira.

Por outro lado, as metodologias ativas de aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia promovem uma aprendizagem “significativa, integradora, diversificada, ativa e socializadora” (Pacheco, 2014, p.11). A metodologia baseada em problemas – Problem Based Learning (PBL) possibilita o encontro de todas as metodologias e promove uma aprendizagem que é inclusiva, emancipadora, libertadora e libertária. Isso porque ela coloca os alunos no centro do processo, trabalhando em problemas reais e autênticos, o que os desafia a desenvolver habilidades e competências essenciais para o futuro.

A Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Lev Vygotsky (1920), enfatiza a importância do ambiente social e cultural no desenvolvimento cognitivo, colocando o aluno no centro do processo educativo, valorizando a sua experiência e o contexto sociocultural no qual vive. Pensar algumas maneiras de aplicar a THC como metodologia pedagógica que vai ao encontro desses pensadores corrobora o processo de ensino e aprendizagem no qual o aluno é colocado como protagonista. Por meio dessa abordagem, é possível motivar os estudantes, deixando-os ativos nesse processo de forma constante, além de promover um ambiente de ensino dinâmico e participativo.

Para tal, os docentes, nesta situação, devem motivar os estudantes a colaborar e dialogar de forma constante. Portanto, a THC destaca o papel das ferramentas culturais, como a linguagem, na mediação do desenvolvimento cognitivo do ser. Dessa forma, é fundamental planejar o currículo de modo a integrar atividades que façam uso dessas ferramentas, como o lúdico, pois isso auxiliará no processo de aprendizagem ativa e contextualizada.

Antes de prosseguir, convém pontuar como estamos observando o *currículo*. Nosso olhar parte da perspectiva crítica de Apple (1999, p. 210), o qual concebe o currículo como

um ambiente simbólico, material e humano que é constantemente reconstruído. Esse processo de planejamento envolve não apenas o técnico, mas o estético, o ético e o político, se quisermos que ele responda plenamente tanto ao nível pessoal quanto social.

Para o autor, a escola vive uma contradição, estando o currículo, muitas vezes, em um “mundo irreal”. Tomando como foco o conhecimento, para o autor, o que deveria importar no currículo é como o conhecimento assume a natureza de conhecimento e não qual conhecimento tem maior ou menor legitimidade. A visão do autor, por si, já indica uma crítica ao funcionamento no currículo no Brasil. Isso dialoga com o presente trabalho, pois buscamos uma alternativa para a prática didático-pedagógica, imersos no currículo que nos rege, em especial, do estado de São Paulo.

Para alcançar esse conhecimento, o que anseia Apple (1999) e que o currículo deveria subsidiar, tornamos à THC, a qual, inscreve-se como uma possibilidade para entender como o conhecimento se constitui como tal. Nessa teoria, assume destaque, aqui, o lúdico, tanto que caracterizamos a espiral como um instrumento lúdico.

Nesse sentido, para compreender o que é lúdico – vindo do latim *ludus*, divertimento, uso recreativo – requer-se atentar ao que Vygotsky (1998, p. 113) dispõe acerca do brincar, é aí que entra o caráter lúdico:

no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço unido ao prazer – e, ao mesmo tempo, ela se aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ele quer, uma vez que a sujeição a regras renuncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer no brinquedo.

Assinalamos que Vygotsky (1998) parte do sujeito criança, no entanto, é possível compreender que sua perspectiva contempla não somente o estágio infantil, mas todos que se encontram em situação de aprendizagem. O mais comum, em especial, na escola, é aprendizagem de crianças e adolescentes, tanto que isso é amparado em lei no Brasil.

Envolvendo a ludicidade nas atividades, o estudante está exposto ao trabalho com regras e precisa acomodá-las para alcançar seu objetivo na

realização da atividade: o divertimento, a recreação. Esse trabalho, na ludicidade, estimula o estudante à imaginação e, por conseguinte, ao desenvolvimento abstrato.

Pontuamos que desenvolver o pensamento abstrato é fundamental para a criatividade discente, haja vista que os auxilia na solução de problemas e na formação de pensamento crítico. Assim como uma atividade cultural complexa, o aprendizado deve ser relevante para a vida do aluno, permitindo que a criança perceba sua própria necessidade de aprender. Nesse sentido, Vygotsky (1998, p. 157) afirma que:

[...] Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo através de seus momentos críticos, até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras.

A Zona de Desenvolvimento Proximal é um conceito crucial da THC. Assim, o professor precisa focar em dar suporte aos estudantes para auxiliá-los em seu desenvolvimento, proporcionando ensino individualizado e orientação personalizada.

A aprendizagem precisa ser pertinente e com sentido para os estudantes, além de relacionar o conteúdo escolar com a vida real para ser efetiva. Isso pode ser realizado por meio de projetos, casos de estudo e de atividades semelhantes à realidade dos alunos.

Partindo desse pressuposto, os educadores têm a função mediar o processo de ensino e aprendizagem, oferecendo orientação aos estudantes. É por meio dessa interação entre professor e aluno que é possível alcançar uma atmosfera de ensino que proporcione os alunos estarem ativos e cooperativos no processo de ensino e aprendizagem. A aprendizagem precisa ter relevância e significado para os estudantes, unindo o conteúdo acadêmico à vida real para ser eficaz. Isso só é possível mediante projetos, estudos de caso e de atividades que replicam a realidade dos alunos.

A descrição do contexto social no qual nos inserimos reforça a necessidade de conhecer, compreender e utilizar metodologias que transformem nossas práticas pedagógicas, preenchendo-as de significado para que estejam

em consonância com os desafios do tempo presente. Essas metodologias devem promover possibilidades para construir uma escola cada vez mais cidadã, baseada no necessário desenvolvimento da autonomia dos educandos.

Vivemos hoje numa sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem, chamada de “sociedade aprendente”, na qual as consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral, são enormes. Torna-se fundamental aprender a pensar autonomamente, saber comunicar-se, saber pesquisar, saber fazer, ter raciocínio lógico, aprender a trabalhar colaborativamente, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o próprio trabalho, ter disciplina ser sujeito da construção do conhecimento, estar aberto a novas aprendizagens, conhecer as fontes de informação, saber articular o conhecimento com a prática e com outros saberes (Gadotti, 2008, p.94)

A busca pela escola dos nossos sonhos passa por diversas mudanças de concepções que visam a entender os inúmeros desafios do tempo presente e a construir uma escola cidadã. Reconhecemos ser fundamental entender que cada pessoa aprende de maneira diferente, que a aprendizagem deve ser cooperativa, e que está intimamente relacionada ao contexto de cada educando e educador. De acordo Freire (1996, p. 24) “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

A comunidade educativa é essencial para uma aprendizagem significativa, as avaliações ajudam a revisar e reorganizar os caminhos, personalizando a aprendizagem, e os horários podem ser simplificados para potencializar os processos de ensino e aprendizagem. Partindo da concepção freiriana, é possível também pensar que as metodologias ativas corroboram o processo de ensino e aprendizagem, visando a os saberes críticos que promovam a autonomia do indivíduo. Ainda, nos termos de Freire, (2014, p. 140), “a prática educativa é tudo isto: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança”.

Quando juntamos a ideia de escola que almejamos de Jose Pacheco, ao olhar de Paulo Freire, Moacir Gadotti e da THC e partindo das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, fomentamos e construímos a escola que sonhamos, uma escola na qual a autonomia dos discentes é externalizada, é a escola que parte do meio onde eles vivem. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que

podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 1996, p.58). As metodologias ativas vão ao encontro com o mundo moderno, no qual estamos inseridos e nós educadores somos os mediadores do conhecimento.

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos (Freire, 1996, p.70).

Diante do exposto, observa-se que a crítica à escola tradicional é evidente, o cenário atual é oposto ao que almejamos, no qual métodos ativos podem prosperar enquanto a escola for vista como mercadoria por governantes neoliberais. Muitos gestores despreparados com a prática pedagógica e professores sem a devida formação ainda utilizam métodos baseados na memorização, o que limita a curiosidade dos alunos. Para Freire (1996, p.56), “o educador que, ensinando geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”.

2.2 Um outro olhar

O papel da educação no Brasil é algo que necessita ser discutido e avaliado regularmente, não apenas durante as eleições, e sim ano a ano. Precisamos sair dessa briga ideológica de esquerda e direita, e criar políticas públicas sérias e que sejam comprometidas com a educação do país.

Os índices de resultados Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), de 2021, é muito preocupante. Exemplo disso são os dados referentes ao Estado de São Paulo. Ao analisá-los, vamos ver que a consolidação do percurso formativo dos alunos no 9º ano do Ensino Fundamental atinge, em Português, 44%, e os alunos do 3º do Ensino Médio atinge 39%, enquanto a nível nacional, tem-se 35% e 31% respectivamente. Quando avaliado o nível de conhecimento em Português, verifica-se que os alunos têm problemas significativos na interpretação e na análise de textos. Isso demonstra não somente a qualidade do ensino, mas também o papel inadequado nas

metodologias pedagógicas e na capacitação de educadores. Para melhorar a interpretação e análise de textos por parte dos alunos, são necessárias melhores políticas e práticas educacionais, bem como apoio e treinamento para os professores.

Ao analisar também o relatório da Rede Pública Estadual Paulista, identificamos que 12% dos alunos estão no nível insuficiente da Língua Portuguesa, 12% de discentes estão em distorção de idade-série. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Rede nos anos finais é de 5,2 referente ao 9º ano ensino fundamental.

Quando perguntado aos professores da Rede Estadual Paulista o quanto concordam ou discordam de temas que envolvem o seu trabalho, o que nos chama atenção é que de 36560 professores que responderam ao questionário ao ser indagado sobre – “Tornar-me professor(a) foi a realização de um dos meus sonhos” 2% discordo fortemente, 7% discordo, 52% concordo e 39% concordo fortemente, aqui fica evidente que 9% dos docentes que responderam estão trabalhando em algo que não sonhou, e estar fazendo isso não foi a realização de um sonho, o que nos faz refletir sobre o mesmo ter vindo lecionar, e nos abre inúmeras possibilidades.

Ver como o desenvolvimento educacional do país foi prejudicado pela avaliação, integração e valorização do Ensino Básico é realmente preocupante. A educação não só auxilia na formação de cidadãos críticos e conscientes, mas também nos prepara para o mercado de trabalho. É fundamental que continuemos a discutir e a implementar políticas que promovam o bem-estar e o desenvolvimento educacional do país.

A cooperação entre governantes, educadores, pais e a sociedade civil é fundamental para melhorar a educação no Brasil. O primeiro passo para realizar essa mudança é investir em estratégias educacionais coerentes que colocam a formação integral do ensino, fomentando não somente o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia. Além disso, é fundamental reconhecer e valorizar o trabalho dos professores, garantir ambientes de trabalho adequados, formação contínua e salários dignos. A cooperação entre a escola, a família e a comunidade são fundamentais para criar um ambiente educacional que faça com que o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos sejam mais fáceis e produtivos.

É preciso um compromisso sério, ético e técnico a longo prazo para enfrentar os desafios da educação no Brasil. Trata-se de um investimento fundamental para o futuro do país e o bem-estar da população: formar nossos brasileiros com excelência é dever e obrigação do Ministério da Educação (MEC).

Os números alarmantes sobre a incapacidade do nosso atual modelo de ensino de auxiliar as crianças, adolescentes e jovens a construir pensamento crítico e interpretativo são preocupantes. Se não queremos que esses números continuem crescendo, precisamos repensar principalmente quem são os nossos representantes seja nas Câmaras Municipais, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), Congresso Nacional e Senado Federal. É essencial votar conscientemente naqueles que debatem as diretrizes da educação e fiscalizam o investimento e indicadores do Ministério da Educação e, sobretudo, precisamos criar políticas Nacional de defesa da educação pública de qualidade.

Nossa população também não tem saído mais qualificada das escolas para o mercado de trabalho. O Brasil não está crescendo muito em termos de produtividade se comparação a outros países. A cada 3,3 anos a mais de escolaridade do trabalhador brasileiro, há um aumento de produtividade de apenas 200 dólares para o país, de acordo com um estudo de Ricardo Paes de Barros que examinou várias nações de 1980 a 2010. Por outro lado, os mesmos anos de escolaridade no Chile geram um retorno de aproximadamente 10 mil dólares.

Isso ocorre, em parte, porque o governo gasta pouco dinheiro no ensino de base, que atende a um grande número de pessoas que vivem em condições de pobreza. Em 2017, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) constatou que o Brasil investe o menor número de dinheiro com alunos em comparação com outros países.

No Brasil, é inquestionável que o ensino superior é crucial e que os investimentos em pesquisa e capacitação de profissionais são necessários. No entanto, não podemos ignorar o fato de que a rede pública de ensino de base, está sucateada, requer investimentos urgentes, e deixar de ser tratada como mercadoria, por secretários de estado.

A exemplo disso, é o que está acontecendo no Estado de São Paulo com o Renato Feder, Secretário de Educação do Estado de São Paulo que está montando um aparato de aplicativos na Rede Estadual a preços exorbitantes, o qual, em conluio com seus parceiros, implantou aqui tudo que fez em sua passagem pelo Paraná como secretário de educação, usando esses dois Estados como vitrine para enriquecer seus parceiros que veem na educação pública um parceiro potencial para ser explorados, tendo nos alunos uma clientela para testar e usar os aplicativos (APP) e os professores seus fiscais, e os gestores os líderes que o tempo todo estão cobrando os professores sobre a frequência dos alunos no Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP). Por sua vez, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) condiciona todos esses resultados à bonificação dos professores, fazendo claramente a rede estadual de mercadoria, abrindo aos seus comparsas do mercado econômico para exploração.

Por outro lado, o financiamento das instituições de ensino aqui no estado de São Paulo diminuiu significativamente nos últimos anos. As instituições educacionais de ensino médio, fundamental, profissional e infantil receberam aproximadamente R\$ 305 milhões de 2011 a 2013. De acordo com informações obtidas pelo Portal da Transparência e pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, esse valor diminuiu para cerca de R\$ 167 milhões entre 2015 e 2017. A qualidade da educação é diretamente afetada por essa redução significativa no investimento. Isso afeta a infraestrutura, os recursos pedagógicos e o desenvolvimento dos alunos. Essa situação mostra que se faz urgente repensar as prioridades da educação e como administrar os recursos, principalmente no ensino básico, que é fundamental para a formação de qualidade.

Por um outro lado, ainda há um programa do Governo Federal criado recentemente pelo Ministro da Educação Camilo Santana e o Presidente Lula, batizado Pé-de-Meia. Esse programa visa a dar incentivos aos alunos já beneficiários do Bolsa Família, a fim de combater a evasão escolar. O governo acerta quando cria mecanismo para acabar com a evasão dos alunos e levar dignidade aos discentes que fazem jus ao programa financeiro,

O Pé-de-Meia é um programa de incentivo financeiro-educacional destinado a estudantes matriculados no ensino médio público que são beneficiários do Bolsa Família. Ele funciona como uma poupança destinada a promover a permanência e a conclusão escolar de estudantes nesta etapa de ensino. Seu objetivo é democratizar o acesso e reduzir a desigualdade social entre os jovens, além de promover a inclusão educacional e estimular a mobilidade social (BRASIL, 2024).

O investimento por aluno inicia com sua matrícula e frequência, com 10 depósitos mensais de R\$ 200,00, e mais R\$ 1000,00 no final do ano letivo, ao concluir o 3º Ano do EM, esse aluno acumula R\$ 9000,00 e ganha ainda mais R\$ 200,00 por se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), um total de R\$ 9200,00 por aluno, beneficiando 2,7 milhões de alunos pelo Brasil.

O governo acerta por um lado ao querer acabar com desigualdade, mas cria um outro programa que cobra frequência sem ao menos saber o real motivo desses alunos estarem matriculados nas escolas. Frequência é importante, porém a participação ativa é o que vai dar a base para uma boa formação desses alunos e não somente estar na escola. Portanto, o MEC acerta ao combater a desigualdade social, mas erra ao não oferecer oportunidades iguais a todos os alunos da rede pública, o que é necessário para criar equidade. Além disso, o MEC comete um erro ao vincular a permanência no projeto apenas à frequência, sem considerar a evolução do aluno. A avaliação do progresso do aluno deveria ser uma regra fundamental para envolver ainda mais os estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

O governo do Estado de São Paulo – Tarcísio de Freitas e Renato Feder, SEE – não participou do lançamento do projeto, mas já se antecipou criando um projeto para não ficar em baixa com a juventude. Para tal, propôs à ALESP um projeto de estágio remunerado para atender aos alunos do Ensino Médio Regular e Técnico, que tem o mesmo objetivo proposto pelo Governo Federal: combater a evasão escolar.

A proposta da Seduc-SP visa proporcionar aos estudantes complementação do ensino e da aprendizagem, com o pagamento de bolsas mensais de R\$ 1.000 a estagiários que frequentam os cursos na área de tecnologia oferecidos no itinerário formativo de Ensino Médio Técnico, de ciência de dados e desenvolvimento de sistemas. Para os demais cursos, a expectativa da Educação é um pagamento mensal de R\$ 650. Para todos os estudantes selecionados, a bolsa será paga por quatro horas de jornada de atividades de estágio diárias — 20 horas semanais (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2024).

O projeto atenderia os alunos por 6 meses, porém assim como o pé-de-meia é uma medida que erra também promovendo desigualdade. Falando em acabar com desigualdade, não é possível acabar com a desigualdade oferecendo acesso ao estágio ou auxílio financeiro apenas a uma parte dos alunos. Se o objetivo é realmente investir em educação, é fundamental promover a equidade entre todos os estudantes da rede pública que não limitem esses projetos eleitoreiros somente à frequência, limitem eles ao conjunto do processo educacional como um todo, cobrando frequência, participação ativa, notas, pois somente assim, de fato, vamos promover uma educação justa e igualitária pra todos, tornando esses projetos uma política de Estado e não de partido político.

E nós, enquanto professores, não podemos ser apáticos ou isentos da realidade da escola. Muito menos normalizar e aceitar essas migalhas que são dadas, usando a educação e que, de fato, não mudam e não estruturam uma escola de qualidade. A instituição escolar precisa urgentemente ser trazida de volta e ser efetivamente uma instituição pública de qualidade,

(...) nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (FREIRE, 1996, p. 30).

Assim como a educação de base, a educação técnica precisa ser valorizada. Precisamos deixá-la de ver como uma opção para aqueles que não conseguem adentrar em uma universidade, mas como uma escolha profissional válida. Um ensino técnico de qualidade pode criar perspectivas de consolidação para micro e pequenos empreendedores e não apenas empregos técnico-administrativos sem perspectivas de crescimento profissional.

Sabemos que não é fácil implementar todas essas medidas. Porém, para começar, precisamos dar o ponta pé inicial, mudar os responsáveis por debater e estabelecer as diretrizes sobre o assunto. É crucial colocar no Legislativo pessoas que compreendam a importância de trabalhar a educação com uma visão de médio e longo prazo. Não podemos permitir mais descaso dos órgãos

públicos com a população brasileira, permitindo que o imediatismo continue resultando em jovens analfabetos funcionais, sem perspectivas de um futuro promissor, justo e fraterno.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1996, p.44-45).

O papel dos professores, na educação brasileira, é diversificado e essencial para o ensino e a formação dos alunos. Os professores desempenham uma variedade de tarefas importantes enquanto lidam com diversos problemas, como os alunos que não conseguem entender e analisar textos. Essas tarefas ajudam a melhorar o sistema educacional e a desenvolver todos os alunos.

Para começar, o instrutor atua como um facilitador de aprendizagem, usando técnicas pedagógicas que promovem o pensamento crítico e a compreensão profunda do material. Estudos mostram que o desenvolvimento de habilidades analíticas e interpretativas é fundamental para práticas pedagógicas eficazes, que incluem abordagens interativas e centradas no aluno (Freire, 1996).

Além disso, os educadores servem como exemplos de comportamento e ética, ensinando valores essenciais como respeito, responsabilidade e colaboração. Essas crenças são essenciais para a formação completa dos alunos e para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa. A influência do professor abrange o desenvolvimento socioemocional dos alunos, além do conteúdo acadêmico (Santos & Primi, 2014).

Os professores precisam ser criativos e adaptáveis ao lidar com as constantes mudanças na educação e na tecnologia. Eles devem incorporar novas metodologias e ferramentas ao seu processo de ensino. A utilização de tecnologias educacionais pode melhorar o aprendizado e facilitar a compreensão de conceitos difíceis.

Por outro lado, cada dia mais urgente a capacitação contínua dos professores. A formação constante e a participação em cursos de atualização são essenciais para que os educadores possam acompanhar e aprimorar suas práticas pedagógicas. O reconhecimento do trabalho docente, é fundamental

para manter a qualidade do ensino por meio de políticas públicas que garantam condições de trabalho justas e salários justos aos professores e trabalhadores da educação (Gatti, 2010).

A colaboração entre os educadores, a família e a comunidade também são fundamentais no ambiente educacional. A cooperação e o envolvimento dos pais e responsáveis na educação de seus filhos é crucial para o sucesso acadêmico dos alunos e para seu desenvolvimento pessoal (Epstein, 2011).

Por último, mas não menos importante, a avaliação e o feedback são componentes essenciais do trabalho do professor. Os professores ajudam os alunos a descobrir suas fortalezas e áreas de melhoria por meio de avaliações e de feedbacks construtivos (Black & Wiliam, 1998). Em resumo, a função dos professores, na educação brasileira, é fundamental para os professores lidarem com as dificuldades atuais e oferecer um ensino de alta qualidade para preparar os alunos para o futuro. Para construir um sistema educacional eficaz e justo, é necessário valorizar e apoiar os professores.

Diante do que foi discorrido até aqui, fica evidente que os nossos governantes têm uma significativa parcela de culpa em não pensar a educação brasileira a longo prazo. Ademais, a formação não continuada dos professores e nossas escolhas enquanto cidadãos não corroboram para a construção efetiva de uma educação libertadora e com formação crítica.

Em um outro olhar, a escola é observada a partir de uma perspectiva que vai além da visão tradicional limitada ao ambiente físico e ao currículo oficial. Propõe-se, aqui, uma abordagem diferente que enxerga a escola como um local com diferentes interações sociais, afetivas e culturais em desenvolvimento. A análise do olhar da escola se concentra na relevância das interações sociais entre alunos, professores e a comunidade escolar, ressaltando seu impacto no crescimento integral dos alunos.

Desse modo, requer-se incentivar atividades extracurriculares, fomentar experiências informais, que têm um papel essencial na educação dos estudantes. Nesse escopo, este subcapítulo sugere a importância de promover um ambiente escolar mais acolhedor e empático, colocando o aluno como protagonista, deixando os alunos ativos no processo de ensino e aprendizagem, só assim o bem-estar emocional e social dos estudantes vai ter, com efeito, a mesma importância que seu rendimento ao longo do ano escolar. É oportuno

mencionar que os trabalhos de Lev Vygotsky trouxeram grandes contribuições ao campo da educação, especialmente em relação às reflexões e à formulação de alternativas no plano pedagógico.

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo (VYGOTSKY, 2001, p. 139).

As letras fazem parte da vida das crianças e são mediadas pelo professor. Essa intervenção docente promove grandes mudanças cognitivas. Vygotsky enfatizou o papel dos signos no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem. À medida que o professor media o conhecimento prévio do aluno e fornece novos conceitos, os alunos internalizam esses signos e, com a mediação, os externalizam. Esse processo ajuda a desenvolver funções mentais superiores ao internalizar esses sinais. Os sinais aprendidos não são apenas recebidos passivamente, mas são criados ativamente pelas pessoas em suas interações sociais e culturais, de acordo com Vygotsky. Essa abordagem mostra que a aprendizagem é um processo fundamental no desenvolvimento cognitivo, e o desenvolvimento cognitivo, conforme o psicólogo russo, é fruto da interação social com os membros mais experientes da sociedade.

À luz da THC, a ZDP permite que um adulto, colegas mais experientes ou até mesmo o professor mediador de conhecimento estimule que a criança aprenda a usar essas ferramentas culturais para melhorar suas habilidades cognitivas. Os sinais aprendidos não são apenas recebidos passivamente, mas são criados ativamente pelas pessoas em suas interações sociais e culturais, o processo de ensino e aprendizagem é fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que o desenvolvimento cognitivo é resultado da interação social com os membros mais experientes da sociedade.

Na escola, os processos de aquisição de conhecimento ocorrem de forma sistemática, permitindo a construção das funções psicológicas complexas e possibilitando a atuação e transformação do meio, construindo assim novos conhecimentos. No entanto, o simples fato de a criança frequentar a escola não garante percurso necessário para a aquisição do conhecimento.

A aprendizagem precede o desenvolvimento, Assim, o professor deve direcionar seu trabalho às funções psicológicas que estão em vias de se completar.

Nessa direção, os pressupostos teóricos de Vygotsky (1998) apontam para a necessidade de se pensar em uma nova escola, um local que deve oferecer espaço para a interação, debates e reflexões sobre os conhecimentos, bem como para a troca de experiências que devem ser valorizadas. Portanto, é necessário construir uma escola onde o aprendizado venha acompanhado de significados.

2.3 Uma perspectiva alternativa sobre a escola: perspectivas e implicações

Discutir perspectivas diferentes sobre a instituição escolar, examinar métodos inovadores e criticar os métodos convencionais são ações necessárias. Nesse viés, a educação inclusiva e equitativa, com aprendizagem focada no aluno, envolvendo interdisciplinaridade, uso de tecnologias, bem-estar e saúde mental, educação ambiental e escola como comunidade são os tópicos dessa perspectiva alternativa. Existem diversos trabalhos e discussões sobre como essas técnicas podem melhorar a educação e o desenvolvimento integral dos discentes.

A instituição escola desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade justa e democrática. No entanto, as práticas tradicionais têm sido criticadas por não atender às diversas necessidades dos nossos alunos e por não formar cidadão conscientes, alheios a suas responsabilidades. Considerando o exposto, é necessário buscar e apresentar métodos alternativos para ajudar a construir uma educação mais inclusiva, com equidade ao nossos discentes.

O objetivo da educação inclusiva é atender às necessidades de todos os alunos, incluindo, de fato, seja alunos com deficiência ou minorias culturais e étnicas. Essa abordagem desafia as práticas excludentes e sugere ambientes de aprendizagem que promovam a justiça social e a equidade. A inclusão eficaz pode melhorar o desempenho e o bem-estar emocional dos alunos (Ainscow, 2020).

Os desafios incluem a formação inadequada dos professores e a falta de recursos. Estratégias para superação envolvem a formação contínua dos educadores, a adaptação curricular e o uso de tecnologias assistivas.

A aprendizagem, tendo o aluno como foco, adapta o ensino aos interesses, habilidades e ritmos de cada aluno. A aprendizagem ativa e o ensino baseado em projetos têm demonstrado aumentar o engajamento e a retenção de conhecimento. Essa abordagem incentiva os alunos a assumir a responsabilidade pelo aprendizado. Para implementar essa abordagem, os educadores devem adotar práticas que promovam a autonomia dos alunos, como a cocriação de objetivos de aprendizagem e a utilização de avaliações formativas.

Por outro lado, a interdisciplinaridade promove uma compreensão ampla do conhecimento, rompendo as barreiras entre as disciplinas. Nesse sentido, cabe mencionar pesquisas que apontam que a aprendizagem interdisciplinar contribuiu com a criatividade e a resolução de problemas dos alunos (Beane, 1997). Projetos Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática² (STEAM) são exemplos de iniciativas que incorporam a interdisciplinaridade, incentivando os alunos a aplicar conhecimentos de diversas disciplinas em contextos práticos.

A educação para a cidadania global prepara os alunos para entender e agir sobre questões globais como sustentabilidade e justiça social. Essa abordagem desenvolve um senso de responsabilidade global e empatia, fundamentais para a convivência pacífica e cooperativa em um mundo interconectado (Oxfam, 2015). Os componentes incluem o ensino sobre direitos humanos, sustentabilidade e justiça social, bem como a promoção de habilidades como pensamento crítico e comunicação intercultural.

A integração de tecnologias emergentes no processo de ensino e aprendizagem pode facilitar a personalização e ampliar o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, ferramentas digitais e ambientes de aprendizado online têm se mostrado eficazes na promoção da aprendizagem ativa e colaborativa (Johnson et al., 2016). Os benefícios incluem o aumento do engajamento e a facilitação da aprendizagem autônoma. Os desafios envolvem

² *Science, Technology, Engineering, and Mathematics.*

a desigualdade de acesso às tecnologias e a necessidade de capacitação dos professores.

Reconhecer a importância do bem-estar emocional e psicológico dos alunos é crucial, propiciar ambientes escolares que promovem a saúde mental, através de práticas de Mindfulness, que pode ser traduzida como atenção plena e suporte psicológico, têm demonstrado melhorar o desempenho discente e reduzir problemas comportamentais (Greenberg et al., 2003). Implementar programas de apoio psicológico, criar ambientes de sala de aula acolhedores e desenvolver políticas anti-bullying são práticas essenciais para promover o bem-estar dos alunos.

A educação ambiental foca na conscientização e na ação sobre questões ambientais, atividades práticas como jardinagem e projetos de ciência ambiental têm sido eficazes na promoção de práticas sustentáveis e na formação de uma consciência ecológica (Stevenson, 2007). Desenvolver projetos que envolvam a comunidade escolar em ações sustentáveis, como programas de reciclagem e hortas escolares, contribui para a educação ambiental e a conscientização ecológica.

Ver a escola como um centro comunitário fortalece os laços sociais e promove um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. A participação ativa de pais e de membros da comunidade local pode enriquecer a experiência educacional e apoiar o desenvolvimento integral dos alunos (Epstein, 2011). Práticas como reuniões regulares com pais, conselhos participativos, eventos comunitários e parcerias com organizações locais são estratégias eficazes para fortalecer o vínculo entre a escola e a comunidade.

Portanto, adotar um "outro olhar sobre a escola" envolve a reformulação das práticas tradicionais, buscando criar um ambiente educacional mais inclusivo, relevante e eficaz. As abordagens discutidas aqui têm o potencial de transformar a educação, promovendo o desenvolvimento pleno dos alunos e preparando-os para os desafios do século XXI e para o mundo tecnológico que estamos vivenciando, frente à revolução industrial 4.0 e os desafios impostos à sociedade.

2.4 Um olhar sociológico sobre a escola

Como organizações sociais, as escolas desempenham um papel crucial na formação de indivíduos e na construção de sociedades. Como a ciência que estuda a sociedade, suas estruturas, processos e relações, a sociologia fornece ferramentas analíticas importantes para compreender e mudar a educação. Desse modo, tratar sobre como a sociologia pode ajudar a ver a escola de uma perspectiva mais ampla, abordando temas como desigualdade educacional, dinâmicas de poder, interações sociais e o papel da educação na reprodução e transformação social deve estar na agenda de estudos atuais.

Nesse sentido, a Sociologia, de acordo com Karl Mannheim e sua abordagem sobre a relação entre a visão sociológica da realidade, favorece a formação de cidadãos capazes de discernir e perceber novas relações dentro de suas experiências de vida. Mannheim foi um importante sociólogo húngaro-alemão conhecido por suas contribuições para a sociologia do conhecimento e pela análise das estruturas sociais e suas influências sobre as percepções individuais.

Um conjunto de métodos que visam a influenciar o comportamento humano. “Além disso, [...] não se pretende formar sociólogos, mas sim contribuir, pela visão sociológica da realidade, para formação de cidadãos dotados, no mínimo de discernimento e de capacidade de perceber relações novas e não triviais entre os elementos das suas experiências de vida. Assim, o alvo do aprendizado não é apreensão de conceitos, mas uma relação com a realidade social nuançada e diferenciada do que a do senso comum.” (CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO, pág. 133).

Partindo dessa premissa, o alvo do aprendizado é a experiência de vida dentro da realidade na qual o sujeito está inserido, não a internalização de conceitos, mas a externalização da sua vivência, com o meio ao qual faz parte, matizada, sendo o oposto do senso comum dos nossos alunos.

A sociologia mostra como a educação pode manter as desigualdades sociais e desafiá-las. Estudos sociológicos mostram que fatores como classe social, raça, gênero e localização geográfica influenciam o acesso e a qualidade da educação. Pierre Bourdieu, por exemplo, introduziu os conceitos de capital cultural e *habitus* para explicar como as diferenças de background familiar afetam o desempenho escolar (Bourdieu, 1977).

A escola é um microcosmo das dinâmicas de poder presentes na sociedade. As ciências sociais investigam como as relações de poder entre professores, alunos e gestores moldam o ambiente educacional. Michel Foucault abordou como instituições como as escolas usam mecanismos de disciplina e controle para perpetuar normas sociais e moldar comportamentos.

Por outro lado, Goffman (1959) estuda as interações sociais dentro da escola, incluindo as relações entre pares e entre professores e alunos. A teoria da interação simbólica de Erving Goffman analisa como a identidade e o comportamento dos indivíduos são construídos através da interação social, destacando a importância das dinâmicas de sala de aula.

A escola não é apenas um local de transmissão de conhecimento, mas também de socialização e de integração social. A sociologia funcionalista, representada por Émile Durkheim, vê a educação como crucial para a coesão social, promovendo valores comuns e preparando os indivíduos para participarem da vida social (Durkheim, 1922).

A educação tem um papel ambíguo na sociedade, podendo tanto reproduzir quanto transformar estruturas sociais. A teoria da reprodução de Bourdieu e Passeron (1970) argumenta que a escola tende a reproduzir as desigualdades sociais existentes, enquanto a teoria crítica de Paulo Freire propõe que a educação pode ser um meio de emancipação e transformação social (Bourdieu & Passeron, 1970; Freire, 1970).

Apple (2004), em sua instância, analisa como as políticas educacionais influenciam as práticas escolares e os resultados educacionais. Estudos sobre as políticas de inclusão, a privatização da educação e a padronização curricular mostram como decisões políticas podem exacerbar ou mitigar desigualdades educacionais.

A Sociologia, dessa maneira, contribui com diversas metodologias para a pesquisa educacional, incluindo estudos etnográficos, análises de discurso e pesquisas quantitativas. Essas metodologias permitem uma compreensão profunda das experiências e das percepções dos indivíduos dentro do sistema educacional, fornecendo dados para a formulação de políticas mais eficazes e equitativas.

As Ciências Sociais fornecem uma visão crítica e ampla para compreender e entender a escola, e como ela se relaciona com a sociedade, ao explorar as desigualdades educacionais, as dinâmicas de poder, as interações sociais e o papel da educação na reprodução e transformação social. A sociologia não apenas descreve, mas também desafia as práticas e estruturas existentes ao questionar sua perversidade. Esse ponto de vista sociológico é

crucial para a promoção de uma educação mais justa e inclusiva, haja vista que apresenta subsídios para que isso seja alcançado.

As interações e relações sociais que ocorrem no ambiente escolar são o foco da dimensão sociológica da escola. A escola é um microcosmo da sociedade que mostra seus conflitos, valores e dinâmicas. Ela é um ambiente onde os alunos aprendem valores culturais, normas sociais e comportamentos.

Os alunos criam uma teia complexa de relações na escola sempre interagindo com professores, colegas e funcionários. As habilidades sociais e a personalidade dos indivíduos são formadas por essas interações. A escola é um lugar onde os alunos desenvolvem empatia, trabalho em grupo e respeito pelas diferenças. Em *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*, Pierre Bourdieu (2014) afirma que a escola não apenas pode ser um lugar de resistência e de transformação social, ela pode também contribuir em maior ou menor escala na propagação das desigualdades sociais.

Nas escolas, as identidades sociais e culturais são construídas e moldadas. A Instituição Escola oferece aos alunos um ambiente no qual possam explorar e expressar suas identidades livremente sem se preocupar com classe social, religião, gênero ou etnia. No entanto, a escola também é um lugar onde as pessoas são excluídas e discriminadas, assim como expõe Bourdieu (2014). Assim, para estabelecer uma cultura de paz nas escolas, políticas e práticas escolares devem promover a inclusão e o respeito à diversidade, visando um ambiente harmonioso entre todos que a frequentam.

A escola transmite valores e normas que a sociedade considera importantes por meio do currículo explícito e oculto. Tanto no meio formal quanto no informal, princípios como respeito, responsabilidade, solidariedade e justiça, equidade são ensinados. No entanto, é sempre um desafio garantir que esses valores sejam praticados no dia a dia das escolas, em vez de apenas ensinados em teoria.

As unidades escolares atualmente enfrentam inúmeros problemas que os impedem de atingir o seu objetivo ideal de fornecer formação universal e integral aos alunos. Um dos principais desafios enfrentados pelas escolas, nesse quesito, é a desigualdade educacional. Desigualdades essas estão presentes no desempenho, no acesso e nas oportunidades dos alunos e, muitas vezes, são causadas por vários fatores, que marcam desde localização geográfica,

condições socioeconômicas e acesso a recursos educacionais. Em muitos lugares, as escolas públicas não têm infraestrutura adequada, há falta de acessibilidade, materiais didáticos e professores. Cabe, aqui, fazer uma ponderação, hoje mais da metade de professores da rede estadual paulista é formada por professores contratados e muitos ainda não são formados em licenciatura. Tudo isso corrobora para ampliar as desigualdades encontradas no ambiente escolar.

Muitas escolas ainda mantêm programas de estudo tradicional que não atendem às demandas modernas do nosso mundo contemporâneo. O currículo escolar não incorpora as habilidades socioemocionais e muito menos aborda as competências tecnológicas, o que dificulta a preparação integral dos nossos alunos para o futuro tecnológico que está cada vez mais explícito. Muitas vezes, a abordagem tradicional de ensino, que se concentra na memorização e repetição, não promove o pensamento crítico e criativo.

O ambiente escolar pode ser, por hora pouco, acolhedor e seguro para os alunos, outras horas não, o que causa estranhamento aos discentes. Problemas como bullying, discriminação e violência escolar ainda são comuns e podem afetar gravemente o bem-estar e o desenvolvimento dos estudantes. A falta de suporte emocional e psicológico adequado agrava essas questões.

A resistência à mudança é outro grande obstáculo nas escolas. Reformas educacionais são frequentemente recebidas com ceticismo e resistência por parte de gestores, professores e até pais. A inércia institucional dificulta a implementação de inovações pedagógicas e a adaptação às novas demandas da sociedade.

A escola, em todas as suas vertentes, tem extrema importância na formação integral e máxima do indivíduo ao ir além da simples transmissão de conhecimento acadêmico. Ela atua como um espaço multifacetado onde os alunos desenvolvem não apenas habilidades cognitivas, mas também emocionais, sociais, éticas e culturais. Dessa maneira, essa instituição é crucial para a promoção de uma sociedade igualitária, democrática e plural. Para que a escola cumpra de fato seu papel educacional e social, é necessário reconhecer e atribuir valor a todas as suas dimensões — pedagógica, sociológica, afetiva, administrativa e tecnológica.

Todavia, estamos distantes dessa realidade ideal. Problemas como desigualdades educacionais, currículos desatualizados, ambientes escolares inadequados e resistência à mudança ainda persistem. Almejamos uma escola que promova a inclusão, a equidade e o desenvolvimento integral dos alunos, mas há um longo caminho a percorrer para alcançar essa visão.

Em 1999, após os ataques de políticas neoliberais contra a educação e os serviços públicos que sempre prejudicam as camadas mais desfavorecidas, que são as que mais dependem desses serviços, a crítica social sobre a escola já pairava no ar. Essa crítica foi expressa por escolas de samba, que no Anhembi deram um “aulão” ao vivo sobre "Educação, um Salto Para a Liberdade". A Escola de Samba Leandro de Itaquera, em seu enredo, homenageou Paulo Freire e trouxe uma reflexão sobre a educação no Brasil. A letra do samba-enredo é a seguinte:

Um clarão reluz, mudança
Salve a juventude, criança
Na fé que incendeia
Futuro feliz, nação brasileira

Acorda meu Brasil
Desperta pra felicidade
Eu quero amor
Eu quero amar em liberdade

Hoje a Leandro tão bonita faz o seu papel
Pede licença e mostra a realidade nua e crua
No quadro negro a nossa luta continua
A minha escola dá um salto pro futuro
E vem pra guerra de caneta na mão
Vermelho e branco pede educação
Sem preconceito e discriminação

Divina luz inspirou
Cantamos numa só voz
E Paulo Freire está presente em nós

Moço, não abro mão dos meus direitos
Eu também tenho o meu conceito
No universo da criação
Mentes são dotadas de virtudes e poder
Basta abrir as portas, verá florescer
Um mundo, onde a magia forma os ideais
E o saber, não se difere por camadas sociais
É hora de reflexão
E consciência em cada coração
(G.R.C.E.S. LEANDRO DE ITAQUERA, 1999).

Passados quase 25 anos, a escola pública continua sob ataque de políticas neoliberais e de políticos que elegeram a escola como inimiga, pois não querem cidadãos conscientes, sendo essa a única forma de se perpetuarem no poder. Os professores e profissionais da educação seguem sendo a resistência contra esse tipo de política, que tenta a qualquer custo desabonar a escola e seus profissionais.

De acordo com a pesquisa “O professor da escola pública brasileira: seus sonhos, desejos e projetos de vida”, (2023) realizada pela Iungo³ em parceria com o Núcleo de Novas Arquiteturas Pedagógicas da Universidade de São Paulo (NAP – USP), foram ouvidos aproximadamente 2 mil professores de todas as regiões geográficas do Brasil. Com isso, é possível compreender um pouco acerca do olhar dos docentes sobre a realidade da escola pública brasileira.

Nesse sentido, recorre-se ao recorte de citações de professores, disponíveis no site do Instituto Iungo, que corroboram com esta pesquisa e com o que foi exposto veementemente nesta dissertação,

Na ótica do professor 2,

Se eu tivesse superpoderes, gostaria que as escolas tivessem uma estrutura de qualidade, salas amplas e confortáveis, refeitório, biblioteca, sala de experimentos de ciências, quadra poliesportivas e acesso a recursos tecnológicos para toda comunidade escolar. Dessa forma, os professores tornariam suas aulas mais dinâmicas, com a possibilidade real de mostrar a teoria e a prática aos seus alunos (IUNGO, 2023, p.1).

Do professor 5,

A sala de aula não seria como é hoje em dia. Os alunos seriam ouvidos em suas demandas e compartilharíamos as informações obtidas através da leitura não só dos livros, mas também da leitura do mundo e da sua cultura. Não ficaríamos restritos ao espaço da sala de aula. Poderíamos percorrer os espaços da escola conversando sobre os assuntos atinentes ao currículo articulando-os à prática do cotidiano. Dando assim aos alunos a oportunidade de realmente compreender o porquê e o para quê de aprender alguma coisa. Aprender para viver melhor com o ambiente, a sociedade, consigo mesmo e seus pares (IUNGO, 2023, p.1).

³ Iungo é um instituto que prima por reunir professores no intuito de transformar a educação pública do país, o qual tem parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e o Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP). Site para acesso: <https://iungo.org.br/pesquisa/>.

Ou do professor 33,

Seria uma escola que acolhesse a todos e promovesse a inclusão e Aprendizagem de todos os sujeitos que dela fazem parte. Uma escola onde a gordofobia, xenofobia, racismo, discriminação e bullying fossem temas tratados com o objetivo de que as ações não existissem. Onde as crianças, adolescentes e Jovens com deficiência fossem vistos a partir de sua capacidade e não da sua deficiência. Onde todos pudessem ter voz e vez com respeito e equidade (IUNGO, 2023, p.7).

Articulando o passado com a crítica feita pela Escola de Samba Leandro de Itaquera, no Anhembi, e à visão dos professores da escola pública brasileira — seus sonhos, desejos e projetos de vida — é possível compreender que a educação é um meio poderoso de transformação social, um campo no qual aspirações individuais se encontram com a necessidade coletiva de equidade e desenvolvimento.

José Pacheco (2003), em *Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação*, destaca que "a escola que temos está distante da escola que almejamos; um lugar onde a aprendizagem é personalizada, colaborativa e voltada para o desenvolvimento integral do ser humano". Portanto, é imperativo que continuemos a lutar por melhorias contínuas e transformações profundas no sistema educacional, para que possamos realmente construir a escola que desejamos para o futuro.

Nesse direcionamento, está, também a visão de Paulo Freire. Para findar a discussão proposta para este capítulo, resgata-se os termos desse autor:

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 1992, p.110-111).

CAPÍTULO 3 – ESPIRAL: A SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

3.1 Espiral um instrumento de análise a partir da Teoria Histórico-Cultural

As condições atuais das escolas públicas no estado de São Paulo têm contribuído para o distanciamento dos sujeitos presentes nesse ambiente, incluindo alunos, professores, diretores e funcionários, resultando em uma sociabilidade conflituosa. Diante desse cenário, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴ de Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), da Faculdade de Filosofia e Ciências, – Campus Marília, desenvolveu uma alternativa para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, a fim de compreender o universo dos alunos e atribuir significado à construção do conhecimento.

Essa alternativa é a Espiral e consiste em um instrumento que utiliza perguntas formuladas de maneira lúdica para coletar informações. O objetivo deste trabalho é utilizar essas informações para conhecer o universo do aluno e seu conhecimento real em relação a um tema ou conteúdo específico, possibilitando, assim, a criação de um novo processo de ensino e aprendizagem que atribua novos sentidos a essa relação.

Os resultados dessa atividade estão diretamente relacionados à contribuição que ela pode oferecer para o planejamento de outras atividades, proporcionando ao aluno o entendimento de sua própria realidade social. Os alunos não buscam apenas adquirir conhecimento na escola, mas também construir relações com significado, aproximando o que já é estabelecido com suas próprias perguntas e indagações.

A importância deste trabalho é constante, pois permite compreender como o aluno se constrói como sujeito no ambiente escolar e como o ambiente escolar contribui para a formação do aluno como sujeito. Portanto, a Espiral é um material instrumental que tem como finalidade colher um prévio diagnóstico dos alunos por intermédio de questões para serem completadas pelos discentes, tais como: “Eu sou...”, “A escola para mim é...”, “O bom da escola é...”, “O maior problema da escola é...”, “Cultura para mim é...”, “Fora da escola eu...”, “Eu aprendo mais no/na...”, etc.

⁴ Programa que o autor do presente estudos foi bolsista durante 3 anos (2012/2015).

Por meio desse instrumento em articulação com a Teoria Histórico-Cultural, almeja-se problematizar duas questões que mais interessam no momento que são: “A escola para mim é...” e “Eu aprendo mais na/no...”. O objetivo é usar esse caminho para o início de uma intervenção pedagógica de sucesso, ou seja, a partir das respostas dos estudantes, verificar, na observação cotidiana das aulas, se efetivamente há coerência com o que foi escrito por eles na espiral. Assim, percebe-se uma possibilidade de observar o significado da escola para os alunos, o papel que a escola tem para eles e se realmente essa instituição, na realidade, cumpre o papel que lhe é atribuído.

Portanto, neste instrumento de análise buscamos não apenas entender o ponto de vista dos alunos sobre a escola, mas também abrir caminhos para promover uma educação mais adequada e eficiente, na qual os estudantes se sintam valorizados, compreendidos e motivados a participar ativamente de sua jornada educacional. Nesse sentido, assinala-se que o próximo capítulo apresenta as bases teóricas e metodológicas que embasam nossa abordagem, fornecendo um alicerce sólido para a análise e a intervenção pedagógica propostas.

A Teoria Histórico-Cultural Desenvolvida por Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979) na antiga União Soviética, conferiu subsídios para a elaboração da Teoria da Atividade, juntamente com o materialismo histórico-dialético. Pensar a utilização destas teorias na rede pública paulista de ensino só pode ser plausível a partir de mediações, já que vivemos em outro contexto histórico e social. Faz-se necessário, portanto, examinar mais de perto alguns pressupostos dessa teoria e sua possível referência ao contexto brasileiro contemporâneo.

Um diferencial da THC é a propositiva de se tomar o ser humano como ser sócio-histórico, que se diferencia dos outros animais pela sua *ação intencional* sobre a natureza, ou seja, aquilo que existe independentemente da ação humana, de maneira a adaptá-la às suas necessidades (LEONTIEV, 1978; SAVIANI, 1980 e 2009). Nesse processo, os indivíduos criam e acumulam cultura – signos, significados, linguagem interagindo e impulsionando o seu desenvolvimento psíquico.

Diante disso, é possível compreender e entender esse processo histórico-social como educativo, uma vez que as novas gerações se apropriam de tudo aquilo que foi produzido e criado pelas gerações anteriores, e os fazem isso de

maneira não natural, ou seja, por meio da ação intencional do ser humano sobre a natureza e do processo de comunicação entre os indivíduos. Leontiev (2004, p. 291) ressalta que “O movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação”.

Essa perspectiva a respeito do desenvolvimento humano dialoga criticamente com visões biológicas, ao apontar que a aprendizagem e o desenvolvimento dos seres humanos ocorrem por intermédio da socialização. Tal viés não menospreza os fatores biologizantes no entender do processo de desenvolvimento dos indivíduos, apenas procura demonstrar que os fatores sócios históricos possuem extrema importância de desenvolvimento integral da personalidade dos indivíduos.

Fundamentando-se na THC, o processo de ensino e aprendizagem – para fins deste projeto – põe a escola em destaque, por conferir características especiais, pois os indivíduos só se desenvolvem a partir da aprendizagem. Quanto a isso, cabe referendar Vygotsky (1995, p.150), o qual afirma

[...] toda função do desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiramente no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo depois no interior da criança como categoria intrapsíquica. [...] Temos pleno direito de considerar a tese exposta como uma lei, mas o passo natural, do externo ao interno, modifica o próprio processo, transforma sua estrutura e funções.

A partir da *lei geral* do desenvolvimento humano, Vygotsky (1995) analisa outros aspectos que interferem e influenciam na aprendizagem, como a *Zona de Desenvolvimento Real* (ZDR) e a *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP). O ZDR, aplicado à educação, indica aquilo de que a criança já conseguiu se apropriar como resultado de seu processo de aprendizagem, podendo resolver situações sem ajuda de outras pessoas, pois lida com conteúdo escolar do qual já tem conhecimento. Já a (ZDP) indica a existência de funções ainda em processo de maturação, que dependem da ajuda do outro para se desenvolverem, tendo a criança que lidar diversos conteúdos que ainda não domina, mas possui a possibilidade de aprender, por meio das atividades realizadas com a ajuda de um mediador mais experiente.

Discorrer sobre a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), que é um conceito chave na teoria sociocultural do desenvolvimento proposta por Lev Vygotsky, é crucial neste estudo. Essa zona representa o nível de habilidades e competências que uma pessoa é capaz de demonstrar de forma independente, sem a ajuda de outros indivíduos. Ou seja, é o que alguém é capaz de fazer sozinho, sem suporte adicional.

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento humano não ocorre apenas por meio das capacidades individuais, mas também mediante das interações sociais e da aprendizagem mediada por outras pessoas. É nesse contexto que surge a zona de desenvolvimento real.

A ZDR pode ser compreendida como um ponto de partida para o aprendizado e o crescimento. No entanto, existe um potencial maior de desenvolvimento além dessa zona, que é chamado de zona de desenvolvimento proximal.

O objetivo da teoria e, por conseguinte, deste estudo é ajudar a pessoa a avançar além de suas habilidades atuais, ampliando sua zona de desenvolvimento real e permitindo que ela adquira novas habilidades e conhecimentos. A interação com um mediador qualificado estimula a aprendizagem e promove um desenvolvimento mais avançado.

Portanto, a zona de desenvolvimento real é um ponto de partida fundamental para identificar o potencial de crescimento e aprendizado de uma pessoa. Ela representa o nível de autonomia e competência que alguém possui atualmente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal mostra o que pode ser alcançado com a orientação adequada. Ao reconhecer e atender às necessidades da zona de desenvolvimento proximal, é possível promover um desenvolvimento humano mais completo e enriquecido.

O conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) se refere à diferença entre o nível atual de habilidades e conhecimentos de um indivíduo, ou seja, a ZDP é a diferença entre o que uma pessoa pode fazer sozinha (ZDR) e o que ela é capaz de realizar com o apoio de outra pessoa mais competente, como um professor, um tutor ou um colega mais experiente. Essa pessoa mais habilidosa desempenha o papel de mediador, fornecendo orientação, suporte e desafios adequados ao nível de desenvolvimento do aprendiz.

Diante da importância da ZDP no processo de aprendizagem, convém salientar que, na ZDP, os alunos são desafiados a ir além de seu nível atual de desenvolvimento, mas contando com o suporte adequado do professor. O papel do professor como mediador é essencial, pois ele fornece orientação, estratégias e recursos para promover o aprendizado dos alunos, adaptando sua instrução às necessidades individuais de cada um.

O aprendizado com foco na ZDP ocorre por meio de interações sociais e colaborativas. Os alunos são encorajados a participar ativamente, fazer perguntas, resolver problemas e refletir sobre seu próprio pensamento. Por intermédio dessas interações, eles são desafiados a desenvolver novas habilidades, adquirir conhecimentos e ampliar suas competências.

Cabe assinalar ainda que a abordagem da (ZDP) valoriza a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Reconhece-se que as interações com os outros desempenha um papel fundamental no avanço das capacidades individuais.

Em suma, explorar o conceito da ZDP, evidencia sua relevância no processo de aprendizagem. Enfatiza-se a importância do papel do professor como mediador, que oferece suporte, orientação e estratégias adequadas para promover o aprendizado dos alunos. Além disso, ressalta-se a pertinência das interações sociais e colaborativas na construção do conhecimento e no desenvolvimento das capacidades individuais dos estudantes.

Desse modo, a ZDR é um ponto de partida fundamental para identificar o potencial de crescimento e aprendizado de uma pessoa. Ela representa o nível de autonomia e competência que alguém possui atualmente, enquanto a ZDP mostra o que pode ser alcançado com a orientação adequada. Ao reconhecer e atender às necessidades da ZDP, é possível promover um desenvolvimento humano mais completo e enriquecedor.

Apropriando-se dessas contribuições de Lev Vygotsky, Alexei N. Leontiev (2010) desenvolveu seus trabalhos e pesquisas com o intuito de melhor compreender a forma pela qual o conhecimento adquirido nas relações interpessoais é apropriado pelos indivíduos, tornando-se conteúdo intrapsíquico, portanto, tornando-se propriedade interna do sujeito da aprendizagem. Essas discussões são de suma importância e corroboram no desenvolvimento da Teoria da Atividade. De acordo com Leontiev, esse

processo é realizado nas relações do indivíduo com o mundo, satisfazendo, assim, uma necessidade especial,

Todavia, a vida ou atividade como um todo não é construída mecanicamente a partir de tipos separados de atividades. Alguns tipos de atividades são principais em um certo estágio, e são da maior importância para o desenvolvimento subsequente dos indivíduos, e outros tipos são menos importantes. Alguns representam papel principal no desenvolvimento, e outros, um papel subsidiário. Devemos, por isso, falar da dependência do desenvolvimento psíquico em relação à atividade principal e não na atividade geral (LEONTIEV, 2010, p. 63).

Sendo assim, cada atividade é pensada e estruturada em cinco⁵ etapas, ou seja, cinco elementos estruturais que formam uma unidade relacional: 1) as *necessidades*, que podem ser tanto naturais (biológicas) e/ou superiores (subjetivas), que possuem os elementos propriamente humanos da atividade; 2) o *motivo*, traduzido pela necessidade consciente do indivíduo, quer dizer, é o elemento propulsor da ação, e aparece sempre que, tendo uma necessidade, o indivíduo encontra o objeto que pode satisfazer essa sua necessidade, que o leva a agir, o coloca em movimento; 3) as *ações*, ou seja, os indivíduos agindo na realidade concreta. A ação é o indivíduo em movimento em busca do objetivo, é ela que põe em marcha a atividade do sujeito. Dessa maneira, uma atividade pode ser constituída por mais de uma ação, formando uma teia de ações, cada qual com seu objetivo, mas todas elas direcionadas pelo motivo que gerou a atividade; 4) as *operações*, que se constituem como meio ou modo de ação no interior de uma atividade. A diferença entre ação e operação está nos condicionantes de sua realização: a ação se organiza em função do alvo a atingir e a operação em função das condições que estão dadas para atingir esse alvo. Enquanto a ação é determinada pelo objetivo da atividade, a operação é conformada pelas condições da realização da ação; 5) os *objetivos*, que significam a “representação imaginária dos resultados possíveis a serem alcançados com a realização da ação concreta” (NÚÑEZ, 2009, p. 81). Nesse

⁵ Davidov, ao comentar as contribuições de Leontiev, aponta que “A. Leontiev prestou especial atenção ao intercâmbio e à transformação da estrutura mesma da atividade como um sistema integral no processo de sua realização. Assim, a atividade pode perder seu motivo e transformar-se em ação; esta, se se modificar sua finalidade, pode converter-se em operação. O motivo de uma atividade pode passar a ser a finalidade da ação, como resultado do qual esta última se converte em outra atividade. Tendo lugar permanente as seguintes transformações mútuas: Atividade « ação « operação e motivo « finalidade « condições” (DAVIDOV, 1988, p.32.).

sentido, o objetivo é a mediação entre aquilo que foi idealizado e aquilo que foi realizado, e refere-se à ação intencional do sujeito na busca da satisfação de uma necessidade⁶.

Assim, é essencial compreender as contribuições práticas e teóricas apresentadas pela THC de Vygotsky e pelos estudos de Leontiev para o campo educacional e suas aplicações. Ambos os autores foram influentes no desenvolvimento de abordagens pedagógicas e psicológicas que enfatizam a relação intrínseca entre o indivíduo e o meio social, bem como a importância do contexto histórico e cultural na formação do conhecimento e do desenvolvimento humano.

A THC enfatiza o papel das interações sociais e da linguagem na construção do conhecimento. Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo é fortemente influenciado pelas interações com outras pessoas e pelo uso da linguagem como ferramenta de mediação do pensamento. Nesse sentido, o ambiente social e cultural em que o indivíduo está inserido desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento.

Por sua vez, Leontiev também contribuiu com a concepção de que o desenvolvimento humano está enraizado no contexto social. Ele desenvolveu a Teoria da Atividade, que enfatiza o papel das atividades práticas na formação das funções psicológicas superiores. De acordo com essa perspectiva, a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem por meio da participação ativa em atividades sociais e culturais, nas quais o indivíduo é guiado e apoiado por pessoas mais experientes.

Ao compreender as contribuições dessas abordagens, é possível embasar práticas pedagógicas que valorizam o papel do ambiente social e cultural na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos. As estratégias educacionais podem ser planejadas considerando as interações sociais, o diálogo, a colaboração e o uso da linguagem como ferramentas essenciais para o processo de construção do conhecimento. Além disso, ao aplicar essas teorias, os educadores podem promover a participação ativa dos alunos em atividades

⁶ Isaura Beltrán Núñez, em seu livro *Vygotsky, Leontiev, Galperin: Formação de conceitos e princípios didáticos*, apresenta uma estrutura mais complexa do que a apresentada nesse projeto, quer dizer, uma determinação mais precisa da apresentada por Leontiev em seu livro *Actividad, consciencia y personalidad*.

significativas e contextualizadas, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades e competências relevantes para a vida em sociedade.

Dessa maneira, compreender as contribuições práticas e teóricas apresentadas pela THC e inseri-las no processo de ensino e aprendizagem constitui recurso metodológico de suma importância para o planejamento de estratégias educacionais, pois possibilita uma análise do conteúdo da atividade de aprendizagem, ao delimitar a estrutura de seus componentes principais e as relações funcionais que entre eles se estabelecem. Possibilita, ainda, auxiliar o ser humano se desenvolver de maneira integral (Gramsci, 2001), ao fazer com que ele se aproprie daquilo que foi histórica e socialmente produzido.

O papel do docente ganha relevância primordial, pois ele organiza e põe em movimento a direção no processo de ensino ao possibilitar “[...] a assimilação da atividade que o aluno deve realizar para a aprendizagem de um determinado conteúdo, seguindo os indicadores qualitativos determinados nos objetivos de ensino” (Núñez, 2009, p.71).

A partir dessa perspectiva, os estudantes aprendem e, dessa maneira, se desenvolvem – a partir de sua ação direta. Em outras palavras, para o desenvolvimento das atividades, considera-se a aprendizagem e o ensino como categorias sociais, na qual os indivíduos, estudantes e professor, devem ser ativos e buscar desnaturalizar o cotidiano escolar e as relações sociais mais amplas. Assim, a socialização e apropriação de conceitos científicos da Sociologia têm uma dimensão político-pedagógica e se torna instrumento de reflexão da realidade, o que permite ao estudante entender e compreender de forma detalhada e profunda o conteúdo problematizado em sala de aula.

O conjunto de ações que se combinam para cada sequência didática, e que compõem uma atividade, objetiva proporcionar a apropriação pelos estudantes do EM acerca dos conceitos científicos como instrumental intrapsicológico, interagindo e impulsionando o seu desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, um dos principais objetivos dessa metodologia é auxiliar os estudantes a desenvolverem o conceito científico, que, tendo caráter social,

[...] se produz nas condições do processo de instrução, que constitui uma forma singular de cooperação sistemática do pedagogo com a criança. Durante o desenvolvimento desta cooperação maduram as

funções psíquicas superiores da criança com ajuda e participação do adulto. Na esfera que nos interessa, isto encontra sua expressão na crescente relatividade do pensamento casual e o fato de que o pensamento científico da criança avança até alcançar um determinado nível de voluntariedade, nível que é produto das condições de ensino (VYGOTSKI, 1996, p.183, tradução nossa).

Partindo dessa perspectiva, contrariamente à Proposta Curricular do Estado de São Paulo, segundo a qual [...] “o alvo do aprendizado não é a apreensão de conceitos, mas uma relação com a realidade social mais nuançada e diferenciada do que a do senso comum” (São Paulo, 2008)⁷, para a THC, a única forma de fazer com que o estudante aprenda e desenvolva suas funções psíquicas superiores (atenção voluntária, autonomia, entre outras) – processo que visa colaborar para o desenvolvimento integral da sua personalidade – é por meio de um ensino no qual o conteúdo seja o conhecimento teórico a ser apropriado e reelaborado pelo indivíduo envolvido no processo de ensino e aprendizagem, de modo que possibilite a socialização e apropriação de conceitos científicos da Sociologia. Isso permite, portanto, uma político-pedagógica que se torna instrumento de reflexão da realidade, o que possibilita ao estudante entender e compreender de forma detalhada e profunda o conteúdo problematizado em sala de aula, tornando-se uma ferramenta norteadora das atividades do indivíduo.

Em vista desse cenário, é urgente a extensão de experiências e práticas didático-pedagógicas diferentes das atuais, bem como a elaboração de materiais didáticos a serem consultados e utilizados pelos docentes e discentes, de maneira a viabilizar o acesso do acúmulo sócio-histórico dos conteúdos sociológicos produzidos pela humanidade. Esse acesso deve ser feito de maneira a desenvolver e produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens e das mulheres (Saviani, 2009).

A atividade da espiral foi inicialmente concebida para facilitar o primeiro contato em sala de aula com estudantes de diferentes turmas do Ensino Médio. Nas salas de aula da Escola Estadual Maristela, (nome fictício), a qual foi campo

⁷ Cabe apontar que esta mesma concepção foi reafirmada pelas autoras dos Cadernos - Stella Christina Schrijnemaekers e Melissa de Matos Pimenta – no artigo Sociologia no Ensino Médio: escrevendo cadernos para o projeto São Paulo faz escola, publicado recentemente no caderno CEDES (Centro de Estudos Educação & Sociedade), nº 85.

de pesquisa deste estudo, e possivelmente em outras escolas públicas também, os alunos costumam ser vistos como um corpo único, tratados de forma homogênea com métodos pedagógicos padronizados. No entanto, por meio da implementação da abordagem da espiral, é possível romper com essa imagem superficial e explorar a multiplicidade de percepções presentes na sala de aula.

Ao utilizar a espiral, foi possível ultrapassar as suposições gerais sobre as capacidades de aprendizagem dos alunos e reconhecer suas forças individuais e características únicas. O simples ato de aprender e memorizar o nome dos alunos, bem como compreender seus interesses, mostrou-se fundamental para promover um processo de ensino e aprendizagem mais eficiente.

Essa abordagem permite enxergar os alunos como indivíduos distintos, com origens e experiências diversas, cada um contribuindo com suas próprias perspectivas para o ambiente de aprendizagem. Ao reconhecer e valorizar essas diferenças individuais, fomos capazes de adaptar nossos métodos de ensino e aprendizagem e ajustar o currículo para atender melhor às necessidades e interesses dos alunos.

A atividade da espiral não apenas promoveu uma abordagem educacional mais inclusiva e personalizada, mas também fortaleceu a relação entre professores e alunos. Os estudantes se sentiram reconhecidos e respeitados como indivíduos, o que influenciou positivamente seu engajamento e motivação no processo de aprendizagem.

Em conclusão, a implementação da atividade da espiral desafiou a abordagem tradicional de tamanho único na educação e incentivou uma compreensão mais profunda da singularidade dos alunos. Enfatizar a importância de conhecer cada aluno como indivíduo tem se mostrado fundamental para criar uma experiência de ensino e aprendizagem mais significativa e eficaz, tanto para os alunos quanto para os professores.

3.2 Organização das turmas

A organização das turmas de 1ª série do Ensino Médio e suas consequências imediatas e mediatas tanto para a prática docente em sala de

aula quanto para a formação da identidade e perfil das turmas são abordadas neste espaço de discussão.

Na Escola Estadual Maristela (nome fictício) em que foi desenvolvida esta pesquisa, assim como em muitas outras escolas públicas, as turmas são estruturadas ao final do ano letivo pelos próprios professores, seguindo critérios como "capacidade", "rendimento escolar", "dificuldades de aprendizagem", "problemas de convivência" e "indisciplina". Essa prática acaba qualificando e agrupando os estudantes em turmas específicas de acordo com suas habilidades e supostas incapacidades. Segundo o professor Irapuan (2014, p.114),

Todavia, é mais comum vermos o estabelecimento de conflitos entre esses agrupamentos e o corpo diretor da escola que, como discutido não entende os signos identitários, não reconhece o capital cultural que expõem e ainda temem por serem um "corpo estranho" dentro de um sistema educacional que está a exigir profunda mudança e ampliação.

Essa forma de organização resultou na formação de três turmas com perfis diferenciados: turma A, na qual estão os alunos considerados os melhores em rendimento e capacidade; turma B, composta por alunos medianos; turma C, com alunos que enfrentam problemas não apenas de rendimento, mas também de convivência e indisciplina.

Essa organização acarreta diversos problemas em sala de aula. Os alunos têm consciência da classificação imposta e muitas vezes acabam se comportando de acordo com os estereótipos associados a cada perfil de turma, assumindo uma identidade que foi imposta por essa forma de organização. As consequências, para os principais envolvidos, nessa prática são notáveis:

- Aumento da indisciplina e dos problemas nas turmas com maiores dificuldades;
- Estabelecimento de um sistema de diferenciação que acaba excluindo ao invés de incluir, reforçando estereótipos nos diferentes grupos;
- Na turma A, os ânimos são bons, os alunos bem participativos e se ajudam muito, há um trabalho coletivo e de equipe forte nessa turma;

- Na turma B, há criação de uma competição e uma suposta "identidade de superioridade" frente às outras turmas;
- Na turma C, os alunos têm bastante dificuldade, defasagem de habilidades e os discentes são bem tímidos, não há por parte dos alunos disposição para fazer atividades em grupo, a maioria dos estudantes prefere fazer atividades individualmente.

Essa forma de organização reflete as dificuldades que o corpo docente e a direção da escola enfrentam para lidar com a diversidade e com as demandas da sociedade e da comunidade. Infelizmente, essa prática acaba por tentar neutralizar as diferenças e uniformizar os grupos, acreditando que isso facilitará a gestão da sala de aula. De acordo com Irapuan (2014, p.114),

Esse “novo” aluno – preto, pobre de periferia, – é elemento “estranho” à Escola média; compartilha capital cultural distinto daquele incorporado pelos professores e gestores; e como demonstramos aqui é, frequentemente “mal-vindo” e, não raro, temido.

Esquece-se, no entanto, que a escola e a sala de aula são espaços marcados pelas diferenças e pela diversidade social e cultural. Ao seguir essa lógica, a escola acaba selecionando apenas os alunos que são considerados os melhores, deixando de lado aqueles que possuem mais dificuldades. Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem acaba reproduzindo as desigualdades presentes na sociedade. Na visão do professor Irapuan (2014, p.114)

A vivência do jovem no Ensino Médio, portanto é algo conflitivo. Esse contexto precisa ser analisado e compreendido para se saber que a adesão aos agrupamentos e estilos de vida dentro da Escola também gera mais conflito.

Por um lado, há o aspecto já comentado da própria adequação do sujeito às regras do estilo de vida e sua expressão prática nos agrupamentos. Por outro, também podem ser estabelecidos conflitos e disputas em dois polos: dos agrupamentos entre si; destes com o corpo gestor da Escola.

É preciso lembrar que a diversidade é uma realidade inerente à sala de aula e que a escola deve acolher e valorizar as diferenças, criando um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os estudantes. Devemos buscar alternativas que promovam a igualdade de oportunidades e permitam que cada aluno

alcance seu potencial máximo, independentemente de suas habilidades iniciais. Somente assim poderemos construir um ambiente educacional mais justo e equitativo.

Para atender às necessidades de cada classe, as atividades propostas neste estudo foram adaptadas às particularidades de cada turma. Para tal, buscou-se, nesta pesquisa, desenvolver o trabalho de forma adequada e lúdica com os discentes.

A organização das atividades do grupo se baseou principalmente em discussões que permitiram a construção colaborativa dos conteúdos, metodologias e práticas de ensino a serem desenvolvidas. Nesse processo, também se levou em conta as conversas prévias com os alunos, buscando compreender seus conhecimentos e, assim, integrar o conteúdo planejado com as contribuições dos próprios estudantes.

O primeiro contato com a sala de aula ocorreu de maneira tranquila. Foi feita uma breve apresentação da disciplina de Sociologia, a fim de que os alunos se sentissem à vontade para expressar suas opiniões e ideias, incentivando uma participação mais ativa.

Dessa forma, o diálogo tornou-se um processo contínuo de construção, possibilitando ao mesmo tempo perceber a singularidade da escola sem perder a conexão com o contexto mais amplo. Segundo Antônio Candido (1987, p.12-13),

Os elementos que integram a vida escolar são em parte transpostos de fora, em parte redefinidos na passagem, para ajustar-se às condições grupais; em parte desenvolvidos internamente e devidos a estas condições. Longe de serem um reflexo da vida da comunidade, as escolas têm uma atividade criadora própria, que faz de cada uma delas um grupo diferente dos demais.

Essa perspectiva enfatiza que a vida escolar é moldada por múltiplos fatores e dinâmicas. Alguns aspectos são trazidos de fora, como as influências da comunidade local, da cultura, da política e das expectativas sociais. No entanto, esses elementos não são meramente reproduzidos na escola, mas redefinidos e adaptados para se adequarem às características e necessidades específicas do grupo escolar.

Além disso, a vida escolar é fortemente influenciada pelas interações e relações entre os membros da comunidade educativa, como alunos,

professores, funcionários e direção. Essas interações geram um ambiente único e dinâmico, no qual se desenvolvem novas práticas, valores e normas, que tornam cada escola um grupo diferenciado e singular em relação às demais.

Desse modo, as escolas não são meros espelhos da comunidade em que estão inseridas, mas instituições com uma atividade criadora própria, moldada pelas interações e pelo contexto específico em que estão situadas. Essa compreensão é essencial para entender a complexidade da vida escolar e para promover uma abordagem pedagógica mais contextualizada e adaptada às necessidades e características de cada escola.

As atividades, na escola, tiveram início com o objetivo de conhecer melhor os estudantes dos primeiros anos do EM. Consideramos fundamental entender as perspectivas dos alunos em relação ao aprendizado de Sociologia, suas inquietações, desejos e sugestões.

A espiral foi idealizada para mediar o primeiro contato em sala de aula com os alunos. Essa abordagem consiste em um questionário em formato de percurso, em que cada pergunta está conectada à próxima, permitindo que o aluno siga um caminho até o final. Isso ajuda a tornar o questionário mais descontraído e superar a frieza de um simples questionário tradicional.

As perguntas elaboradas tiveram como foco descobrir quem eram os alunos, que seriam posteriormente parceiros nas atividades de Sociologia. Explorar o universo dos alunos, desde o ambiente escolar até suas vidas fora da escola, seus gostos individuais e coletivos, tudo relacionado a temas da Sociologia, como trabalho, cultura e sociedade foi levado em consideração.

Essas perguntas permitiram a construção do instrumento em formato de espiral, criando um percurso pelo texto com questões devidamente articuladas. Além disso, foram estabelecidas conexões com os temas propostos pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Sociologia.

As respostas dos alunos geraram uma grande quantidade de dados. A partir de uma sistematização desses dados, foram realizadas análises do perfil das turmas, buscando preservar as vontades expressas em cada resposta. O conjunto das respostas foi analisado para compreender o universo pesquisado e abordar coerentemente os aspectos pertinentes.

Nesse processo, destaca-se a importância do aspecto lúdico presente no formato da espiral, o qual tornou o questionário mais envolvente e facilitou a

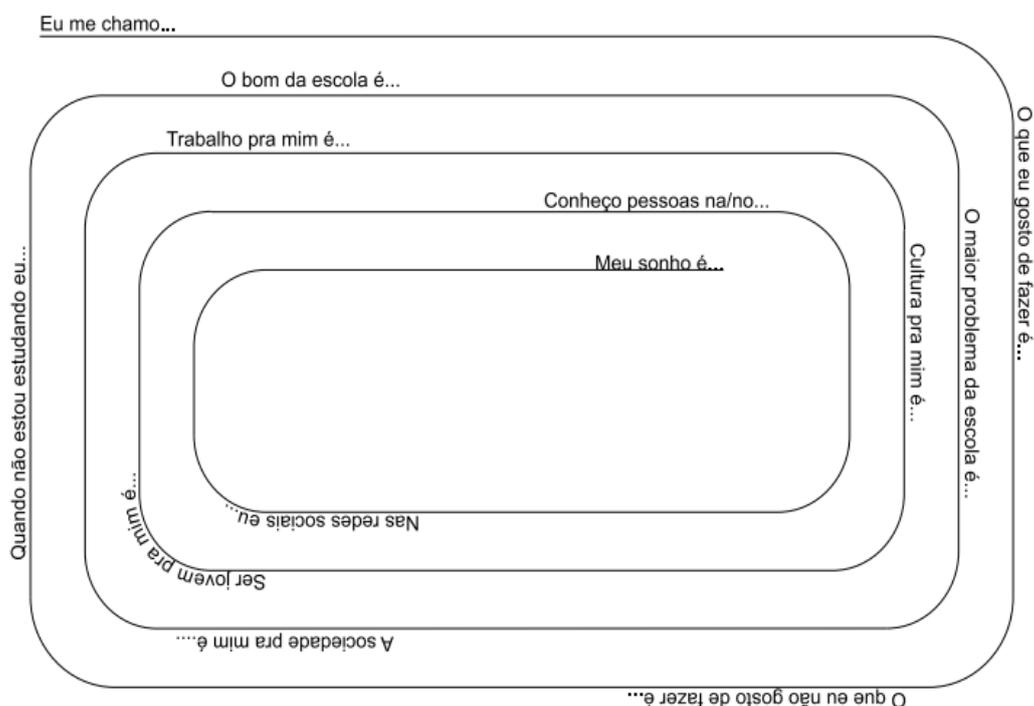
participação dos alunos. Essa abordagem revelou informações valiosas sobre os estudantes, possibilitando uma compreensão mais profunda de suas realidades e ajudando a aproximar o conteúdo das aulas com suas vivências e interesses.

A atividade com a espiral, que consiste em um instrumento de análise do perfil dos alunos, tinha como objetivo compreender questões relacionadas à juventude. Para isso, a atividade foi estruturada em eixos principais, cada um com algumas questões.

A proposta era conhecer melhor as temáticas, interesses e vontades dos alunos, explorando suas relações com a identidade, a escola, o trabalho, a sociedade, a cultura e o conhecimento.

As questões foram elaboradas de acordo com cada eixo temático e as análises obtidas foram:

1º Ano



Eixo 1: O Jovem e a Identidade

- Eu me chamo
- O que eu gosto de fazer é

- O que eu não gosto de fazer é

Durante nossa análise, foi possível notar que as atividades relacionadas ao esporte, mídia e artes tiveram um destaque significativo entre os alunos. O interesse por esportes é muito forte e a mídia faz parte intensamente do cotidiano deles. Além disso, a tecnologia exerce um fascínio sobre eles e, muitas vezes, dita o ritmo de suas vidas. Outro ponto observado foi que alguns problemas de relacionamento são fonte de descontentamento para a maioria dos estudantes.

Diante dessas percepções, considera-se que o tema das relações interpessoais entre os jovens, suas famílias e amigos, tanto dentro como fora da escola, é de grande interesse para trabalhar com os alunos. Com base nesses interesses e desafios identificados, entende-se que abordar essa temática pode ser uma maneira relevante e envolvente de promover discussões e reflexões significativas em sala de aula.

Explorar como os alunos se relacionam e lidam com conflitos e desafios nas suas interações sociais pode ser uma oportunidade valiosa para promover a empatia, o respeito mútuo e o desenvolvimento de habilidades sociais. Além disso, essa abordagem pode ajudar a construir um ambiente escolar mais acolhedor e harmonioso, no qual os alunos se sintam compreendidos e apoiados em suas vivências cotidianas.

Desse modo, ao considerar o interesse dos alunos por esportes, mídia e tecnologia, bem como suas questões relacionadas aos relacionamentos interpessoais, é possível criar atividades e discussões enriquecedoras que contribuam para o desenvolvimento integral dos estudantes e promovam uma educação mais conectada à realidade e às necessidades dos jovens.

Eixo 2: O Jovem e a Escola

- O bom da Escola é...
- O maior problema da Escola é...

A partir da análise das respostas neste eixo, percebe-se que muitos alunos veem a escola como um meio de ensino que lhes proporcionará um futuro promissor. Eles valorizam a socialização na escola, como fazer amigos e

conhecer pessoas novas, mas também reconhecem a importância desse espaço para a aprendizagem e o conhecimento. Todavia, uma questão recorrente apontada por eles é a presença de alguns professores que são considerados "ruins", "que não sabem dar aulas" ou "chatos". Isso é visto como o maior problema da escola para a maioria dos alunos.

Cabe evidenciar que um número expressivo de alunos reconhece que o problema pode estar também nos próprios alunos, sugerindo que um maior comprometimento e diálogo entre professores e alunos, além da introdução de atividades inovadoras, poderia tornar a escola um lugar melhor.

Em vista disso, a análise revela que, para os alunos, a escola é valorizada tanto pelo aspecto social quanto pelo aprendizado, mas a qualidade do ensino e a interação entre professores e alunos são fatores cruciais para a melhoria da experiência escolar. A partir dessas percepções, é possível considerar estratégias que promovam um ambiente mais positivo e colaborativo na escola, enfatizando o diálogo, a inovação pedagógica e o envolvimento dos alunos no processo educacional. Isso pode contribuir para tornar a escola um espaço mais motivador e significativo para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes.

Eixo 3: O Jovem e a Sociedade

- A sociedade para mim é...

Ao analisar as respostas dos alunos sobre o conceito de sociedade, nota-se que alguns têm uma compreensão clara do tema, enquanto outros demonstram não ter uma ideia mais precisa sobre como defini-lo. Muitos dos alunos apresentaram respostas vagas, limitando-se a frases como "é boa" ou "é legal", revelando dificuldade em expressar uma definição mais elaborada.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o conceito de sociedade e seus desdobramentos, assim como sua influência e manifestação em nossas vidas, deve ser abordado de forma mais aprofundada. É essencial proporcionar aos alunos um espaço para reflexão e discussão sobre o que realmente significa viver em sociedade, como ela se organiza, seus valores, normas e impactos em nossa existência.

Ao aprofundar esse tema, os alunos terão a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais sólida sobre as estruturas sociais, as relações

interpessoais, a cultura, a política e outros aspectos que permeiam a vida em sociedade. Isso contribuirá para uma visão mais crítica e informada dos estudantes sobre o mundo em que vivem, incentivando-os a participar ativamente da sociedade de forma consciente e responsável.

Dessa forma, uma abordagem mais aprofundada sobre o conceito de sociedade e seus desdobramentos pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, estimulando os alunos a questionar, refletir e se envolver de maneira mais significativa com o tema, tornando-os cidadãos mais conscientes e engajados em suas comunidades.

Eixo 4: O Jovem e o trabalho

- Trabalho para mim é...

A partir da análise das respostas dos jovens sobre o trabalho, percebe-se que a maioria deles entende a importância do trabalho como um meio de ascensão social e o associa a uma perspectiva positiva de garantir um futuro melhor. Eles veem o exercício de uma ocupação como algo essencial em suas vidas.

Quando questionados sobre o trabalho ideal, as respostas variam significativamente. Essa diversidade de opiniões deixa claro que os jovens têm vontades particulares e diferentes aspirações em relação ao trabalho. Fica evidente que trabalhar naquilo que mais gostam e com o qual se identificam seria a melhor escolha para eles.

Essa percepção revela a importância do alinhamento entre as preferências pessoais e a escolha da carreira. Os jovens reconhecem que encontrar um trabalho que esteja alinhado com suas paixões e habilidades pode trazer maior satisfação, realização pessoal e até mesmo melhor desempenho profissional.

Dessa forma, pode-se considerar que incentivar os jovens a explorar seus interesses e descobrir suas vocações pode ser uma abordagem relevante no processo de orientação profissional. Proporcionar oportunidades para que eles conheçam diferentes áreas de atuação e encontrem o trabalho que realmente lhes traga felicidade e realização pode contribuir para uma escolha profissional mais consciente e bem-sucedida, no futuro.

Especificamente na questão que diz respeito ao trabalho, os alunos, em sua grande maioria, o entendem como: “meio de sobrevivência”, “forma de ganhar dinheiro”, “forma de subir na vida”, “pão de cada dia”, entre outras concepções que se situam na mesma ótica, ou seja, de maneira superficial, reproduzindo o discurso do senso comum. O conceito de trabalho, na sociologia, especificamente em Karl Marx, está muito para além dessa concepção utilitarista e imediatista. Para Marx, o trabalho é, de forma genérica, em sentido ontológico, o modo pelo qual seres humanos produzem a sua humanidade, ou seja, produzem e reproduzem a sua existência. O trabalho é, portanto, o elemento mediador da relação metabólica entre ser humano e natureza, independentemente de qualquer forma social determinada.

Esse foi um dos conceitos que mais chama atenção, revelado na Espiral, como necessidade de se trabalhar nas aulas, assim sendo elaborou-se uma atividade de caráter lúdico para que os estudantes pudessem aprofundar e compreender o conceito. A atividade consistiu em disponibilizar materiais tais como: tesouras, papéis coloridos, colas, palitos de sorvetes, lápis de cor, tintas guache, dentre outros materiais, para que os alunos, a partir do material proporcionado, produzissem qualquer artefato que quisessem.

A ideia foi que eles entendessem, inicialmente, o trabalho enquanto alienação/objetivação, ou seja, que percebessem que o momento em que o ser humano concebe uma ideia e a transporta para o plano material, manipulando a natureza ao seu redor, isso é trabalho objetivado. Nessa esfera, foi possível depreender que a atividade foi exitosa, uma vez que os estudantes, ao interagirem prazerosamente com uma atividade que mais se assemelhasse ao “brincar”, empenharam-se na produção desse material e conseguiram, assim, absorver o conhecimento produzido no âmbito da sala de aula e aprenderam um novo conhecimento na perspectiva sociológica de desnaturalizar a realidade social mais imediata.

Eixo 5: O Jovem e a Cultura

- Cultura para mim é...
- Ser jovem pra mim é...
- Conheço pessoas na/no...
- Nas redes sociais eu...

Ao analisar as respostas dos alunos, fica evidente que alguns deles apresentam dificuldades em compreender o conceito de cultura de forma mais abrangente. Eles associam cultura ao entretenimento, conhecimento, ideias e costumes, mas são classificações iniciais que demandam um trabalho mais aprofundado e sistemático para uma compreensão mais precisa.

Apesar de considerarem a escola como um local de sociabilidade e de aprendizagem, a maioria dos alunos ressalta que a diversão ocorre principalmente fora dela. Eles relacionam a aprendizagem com o conceito de novidade, e uma parte dos alunos acredita que essas novidades podem levar a melhorias no processo de aprendizado. É interessante notar que, embora a maioria dos alunos considere aprender mais na escola, muitos também reconhecem que o dia a dia e a casa também são espaços importantes de aprendizado para eles.

Diante dessas percepções dos alunos sobre cultura e aprendizagem, torna-se relevante desenvolver um trabalho pedagógico mais aprofundado e contextualizado que promova uma visão mais ampla e crítica desses conceitos. É fundamental incentivar os alunos a explorar e refletir sobre diferentes manifestações culturais, bem como a identificar a cultura presente em suas próprias vidas e em suas comunidades.

Além disso, é importante estimular uma aprendizagem significativa que vá além do simples acúmulo de informações e que valorize a curiosidade, a criatividade e a busca constante por novos conhecimentos.

Assim, ao proporcionar um ensino mais contextualizado e reflexivo, é possível ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão mais aprofundada da cultura e a enxergarem a aprendizagem como um processo contínuo, presente em diversas dimensões de suas vidas, contribuindo para uma formação mais completa e crítica.

Eixo 6: O Jovem e o futuro

- Meu sonho é...

Ao questionar os alunos do ensino médio sobre seus sonhos, encontra-se uma diversidade de aspirações e perspectivas. Cada estudante possui seus desejos e ambições particulares, refletindo a pluralidade de sonhos presentes nessa fase da vida.

Alguns alunos compartilham o desejo de ingressar em uma universidade renomada, buscando aprimorar seus conhecimentos em uma área específica e alcançar uma carreira bem-sucedida. Outros almejam empreender e criar seus próprios negócios, buscando autonomia e realização profissional.

Há também aqueles que sonham em viajar pelo mundo, conhecer novas culturas e expandir seus horizontes. Viajar é visto como uma oportunidade de aprendizado, enriquecimento pessoal e descoberta de novas possibilidades. Alguns alunos expressam o sonho de ajudar a comunidade em que vivem, por meio de trabalhos sociais ou ações voluntárias. Esses jovens buscam contribuir positivamente para a sociedade, promovendo mudanças e impactando vidas.

Além disso, muitos estudantes mencionam o desejo de ter uma vida equilibrada e feliz, valorizando as relações interpessoais, a saúde e o bem-estar emocional.

É notável a diversidade de sonhos entre os alunos, cada um trazendo consigo suas experiências, valores e aspirações únicas. Essa variedade reflete o momento de descobertas e construção de identidade próprio da adolescência. Nesse contexto, o papel da escola e dos educadores é fundamental para apoiar e orientar os jovens na busca de seus sonhos. Proporcionar um ambiente de aprendizagem que estimule o desenvolvimento de habilidades, competências e autoconhecimento é essencial para que eles possam traçar seus caminhos com confiança e determinação.

Ao conhecer os sonhos e projetos de vida dos alunos, nós educadores podemos adaptar nossas práticas pedagógicas, conectando os conteúdos curriculares com as aspirações dos jovens, tornando o ensino mais significativo e relevante para eles. Ao reconhecer e respeitar a singularidade de cada aluno, a escola contribui para que se sintam valorizados e empoderados para construir um futuro promissor, em que seus sonhos possam se tornar realidade.

No decorrer do projeto, tornou-se evidente que o processo de aprendizagem está diretamente relacionado à conexão pessoal que o aluno estabelece com o professor. O que é abordado em sala de aula precisa estar vinculado à realidade dos alunos para que se torne significativo. A experiência de ministrar aulas revelou que a abordagem tradicional, com o professor posicionado à frente da turma, pode gerar um distanciamento entre as partes, dificultando o envolvimento e a atenção dos alunos.

Aspectos do cotidiano dos alunos, como seus interesses em esportes ou hobbies musicais, têm sido úteis para reforçar os temas da aula de Sociologia, possibilitando uma abordagem que se alinha à visão e aos interesses dos estudantes. Dessa forma, é criada uma relação dinâmica entre o professor e o aluno, em que o conhecimento compartilhado é construído em conjunto, e informações passadas ressurgem para contribuir com novas reflexões e questionamentos.

Essa abordagem requer tempo e paciência, pois não acontece de maneira imediata. Assim como em uma novela, em que os acontecimentos se desenvolvem ao longo dos capítulos, o processo de aprendizagem se constrói gradualmente, tendo o professor como um mediador desse enredo. Para isso, é fundamental que o professor se identifique com os acontecimentos em sala de aula, permitindo que a aprendizagem seja uma construção enraizada na vivência dos alunos.

A mera reprodução de informações sem conexão com a realidade dos alunos não se mostra eficaz, uma vez que os estudantes não conseguem se reconhecer no que está sendo ensinado. A aprendizagem se torna mais eficiente quando se relaciona com as necessidades cotidianas dos alunos.

Além disso, a literatura nos mostra que o conhecimento precisa ser acessível e compreensível para o aluno, haja vista que cada um possui uma história única, e o professor deve reconhecer essa singularidade e estar aberto a aprender com seus alunos, criando um ambiente de troca de conhecimentos e experiências enriquecedoras para ambos os lados.

Para Vygotsky, só é possível compreender o pensamento humano a partir de sua base afetivo-volitiva,

[...] da esfera motivacional de nossa consciência, que abarca nossas inclinações e nossas necessidades, nossos interesses e impulsos, nossos afetos e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva. [...] A compreensão real e completa do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a trama afetivo-volitiva oculta por detrás dele (Vygotsky, 2001, p. 479) .

É uma pena que, nas salas de aula dessa escola, nas quais foi conduzida a análise com a espiral e, talvez, em outras escolas públicas, percebe-se que os alunos são vistos como um fardo pela equipe pedagógica. Isso nos afasta da ideia original de que a escola tem o propósito de humanizar e ser um espaço

para a formação de indivíduos autônomos. Nesse cenário, atitudes como não se preocupar em conhecer os nomes dos alunos ou saber o mínimo sobre seus gostos e interesses contribuem para essa ruptura no tratamento direcionado a eles.

Sem esse contato e proximidade com os alunos, torna-se difícil para o professor descobrir suas necessidades e demandas específicas, que são essenciais para integrá-las à dinâmica do processo de construção do conhecimento. A falta desse envolvimento afetivo e da consideração das particularidades dos estudantes pode limitar o desenvolvimento de uma relação mais significativa e empática entre educadores e educandos.

Desse modo, é fundamental reconhecer a importância do contato pessoal com os alunos, pois isso permite que o processo educacional seja mais humanizado e eficaz. Conhecer suas individualidades e necessidades contribui para criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e adaptado às suas realidades, possibilitando um ensino mais personalizado e engajado com as experiências dos estudantes.

Por outro lado, não menos importante, é preciso analisar minuciosamente o seguinte eixo, pois é de extrema relevância refletir sobre.

Eixo 7: Jovem fora da escola

- Quando não estou estudando eu...

Ao serem questionados sobre o que fazem quando não estão na escola, foi possível descobrir inúmeras funções dos nossos discentes. Ao serem questionados sobre o que fazem quando não estão na escola, inúmeras situações foram relatadas pelos discentes: muitos praticam algumas atividades ou tem interesses em coisas que podem variar muito de acordo com a região da cidade onde moram ou, ainda, de acordo com a condição social. A maioria costuma passar muito tempo fazendo uso do seu celular, navegando nas redes sociais como Instagram, TikTok e Snapchat, interagindo com amigos, ou até mesmo com um desconhecido, consumindo conteúdo e fazendo suas próprias postagens.

Outra forma popular de entretenimento são os jogos eletrônicos. Vários estudantes relataram passar horas jogando videogames online como *Fortnite*, *Minecraft* e *League of Legends* e recentemente até os jogos de azar como o *Tigrinho* tem dominado o universo dos nossos secundaristas, muitas vezes,

trazendo dinheiro fácil, fazendo o discente gastar o pouco que tem, para manter a plataforma e após sucessivas vantagens de ganho vai investindo mais e mais, até que começar a derrocada, o que faz muitas vezes que o aluno pense em desistir devido ao sentimento de imponência frente a tudo isso. Além disso, as pessoas frequentemente assistem a séries e filmes por meio de plataformas de streaming como *Netflix* e *Disney+*, dentre outras que são utilizadas para ver filmes ou seriados.

Passar tempo com amigos andando pela cidade, parques e festas, além de participar de eventos culturais como hip hop e festivais, também faz parte da vida social dos nossos adolescentes. Muitas pessoas têm interesses e hobbies pessoais, como aprender a tocar música, desenhar, ler livros, HQs e mangás, ou produzir conteúdo, como blogs, fanfics, vídeos e podcasts. Uma grande parte dos alunos se inspiram nesses digitais influencers e acham que vão conseguir ganhar a vida fácil.

Alguns adolescentes são menores aprendizes e têm empregos de meio período para ganhar dinheiro e fazer seu pezinho de meia, além de ganhar experiência em alguma atividade. Enquanto outros, quando os pais ou responsáveis estão trabalhando, ajudam em casa, atentando muitas vezes da rotina do lar fazendo tarefas como limpar, cozinhar e cuidar de irmãos ou animais de estimação.

Faz-se, até mesmo aqui uma ressalva, há muitos lares que o filho homem, às vezes é o único homem da casa, tendo como referência apenas a sua matriarca. Traz-se esse exemplo apenas para ilustrar a mudança que está presente no seio das famílias do Brasil, uma vez que os lares estão cada vez mais escassos, seja por falta de um ente familiar provedor ou por desestrutura familiar mesmo. Para finalizar esse parênteses, expõe-se que todo lar é aquele que tem afeto, atenção e muito amor independentemente se é um lar homoafetivo ou heteroafetivo. Muitos discentes também participam de atividades extracurriculares, como aulas de idiomas, cursos de programação, arte e música ou projetos de voluntariado.

Os percalços e problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, são agravados pelas pressões sociais e acadêmicas, essa última agravada no contexto pós pandemia. Nesse cenário, a defasagem dos nossos alunos é gritante. O estresse de uma boa parte dos nossos alunos provém da

pressão por escolhas de carreira, transição para a universidade ou o mercado de trabalho e preocupações com o futuro, o que vou fazer quando sair do ensino médio? O que me espera? Além disso, a adolescência é um período de autodescoberta em que os jovens exploram suas próprias identidades, valores e crenças e vão se lapidando com base nas descobertas da vida e até mesmo do corpo, nesse sentido, começam também os namorinhos. Nesse período, muitos deles se envolvem cada vez mais em questões sociais e políticas, participando de movimentos ativistas e vão participando desses debates.

Em meio às questões existentes na Espiral, é possível identificar quais são as principais indagações e conflitos dos jovens e olhares em relação à escola, trabalho, sociedade, cultura, conhecimento e, por último, aos temas desejados por eles a serem trabalhados em sala de aula. Assim, é possível problematizar com os alunos que o conhecimento sobre a sociedade não é mera informação, pois aprender a pensar sobre ela e suas implicações sociais e políticas é o caminho possibilitado pelo ensino de Sociologia, sobretudo, quando dialoga com o universo dos agentes sociais da escola.

CAPÍTULO 4 – O QUE A ESPIRAL CONSEGUE CAPTAR

4.1 Integrando Teoria e Prática no Ensino de Sociologia

No curso da licenciatura em Ciências Sociais da UNESP/Marília, o PIBID se consolidou como um espaço crucial para integrar os conhecimentos relacionados à prática docente. O grupo do PIBID se transformou em um valioso laboratório para práticas escolares no ensino de sociologia. Sob a coordenação de pesquisadores das Ciências Sociais, que possuem um vínculo forte com questões de ensino e aprendizagem e que se fundamentam na Teoria Histórico-Cultural, o grupo delineou alguns passos para valorizar a Sociologia como disciplina escolar. Entre esses passos estão: o diagnóstico da realidade escolar, a análise dos estudantes e de suas necessidades de conhecimento; e o desenvolvimento das atividades com base no referencial teórico da perspectiva da atividade de ensino (Moura, 2001; Sforzi, 2004; Soares, 2008).

Para o diagnóstico, o objetivo definido foi conversar com os alunos da escola pública para entender seus requisitos. A partir dessas informações, é possível desenvolver material didático-pedagógico que mantenha os fundamentos teóricos e, ao mesmo tempo, relacione-se com a vida real dos alunos. O grupo começou a desenvolver sugestões de práticas pedagógicas para o ensino de sociologia no ensino médio a partir do conhecimento da realidade escolar e das necessidades das escolas.

A análise sociológica da escola e o modelo de diagnóstico espiral foram usados para explorar a escola, principalmente as salas onde as aulas eram ministradas (Silva, 2011). O objetivo da análise sociológica é ir além da observação e mostrar como as coisas de ordem macrossocial afetam e impactam o cotidiano escolar. Ela procura entender as variedades de cada ambiente, bem como os sujeitos sociais que os conformam. Essa perspectiva sobre a escola se aproxima da ideia de Dayrell (2001, p.136), o qual afirma que a escola é um espaço sociocultural.

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na

história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

É comum ouvir as pessoas dizerem: “a escola é fundamental para arrumar emprego, para ganhar dinheiro, para se dar bem na vida, pra isso e pra aquilo”, mas vemos que as escolas têm se deparado com uma situação paradoxal, ou seja, ao mesmo tempo em que é seu papel participar quase que integralmente da formação do indivíduo, ela se encontra esvaziada de significado, em crise, cada vez mais desinteressante, não atraindo os alunos, que estão cada dia mais desinteressados pelo processo de ensino e aprendizagem, que quando estão na escola, não parecem estar de bom grado, mas forçado, como se ali estivessem pagando penitência, um sacrifício sem sentido, mas necessário.

Participando na observação do cotidiano escolar, é fácil perceber, logo quando se chega à sala, as tensões causadas por professores, muitas vezes já desgastados de tal forma que nem mais se esforçam para produzir um ambiente agradável, a fim de socializar os conteúdos, e alunos, que relutam bravamente a esse conteúdo, seja mediante a falta de atenção, das conversas incessantes, dos celulares tocando música enquanto o professor fala, das meninas se maquiando, dos meninos do fundão jogando papel e objetos nos alunos da frente, enfim, são comportamentos rotineiros no interior das salas de aula.

Esse perfil que varia pouco de uma sala para outra, faz-nos lembrar o conceito de *habitus*, em Bourdieu, ao descrever um sistema de disposições duráveis e transponíveis que influenciam a percepção, pensamento e ação dos indivíduos. Esse conceito é fundamental para compreender como grupos sociais, como a "galera do fundão", formam seus comportamentos e práticas comuns.

O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a busca consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los, sendo objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem serem produto da obediência a regras (Bourdieu, 2007, p.88).

Por outro lado, Antônio Candido explica os processos de formação, interesses comuns, hierarquia, rebeldia, agrupamentos, inclusão, dentre outros processos, os quais incorporam um conhecimento já dado no campo, ou seja, o

sujeito aprende aquilo que já está no perfil dos alunos do fundão, ele retém esse conhecimento adquirido e atua ressignificando o mesmo, criativamente, o aluno não é passivo, os papéis não estão só determinados na estrutura, ou no campo simbólico do fundão, mas ao se apropriar desse conhecimento, o aluno o manifesta de modo inventivo em sua práxis. De acordo com o autor,

A formação de grupos sociais e suas práticas são processos que envolvem a criação de interesses comuns, hierarquias internas, rebeldias contra normas estabelecidas e a inclusão ou exclusão de membros com base em critérios compartilhados pelo grupo. Esses processos refletem e reforçam a estrutura social mais ampla, contribuindo para a perpetuação ou transformação das relações de poder (CANDIDO, 1997, p.221).

Essas citações ilustram como os conceitos de *habitus* e *processos de formação de grupos* ajudam a compreender as dinâmicas sociais e culturais presentes em ambientes como a sala de aula. É claro que há salas que não produzem tanta algazarra quanto outras, seja por terem menos alunos ou pelo próprio perfil da sala, mas as dificuldades para o acontecimento das aulas de forma qualitativa são relativamente similares.

Por outro lado, uma das vantagens da vida escolar é a alegria e o entusiasmo vividos por parte dos nossos alunos por ir à escola. A escola é para muitos alunos mais do que apenas um local para aprender, mas também um local para se relacionar entre amigos ou até mesmo um relacionamento afetivo conjugal, explorar e se divertir. Essa experiência positiva é fortemente influenciada pela interação com amigos, participação em atividades extracurriculares e eventos escolares.

As atividades artísticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento psíquico dos alunos, proporcionando autonomia para expressão pessoal e criativa, é nesse momento que conhecemos os artistas natos das escolas. Aulas de arte participativas e com música, teatro e dança não apenas estimulam a criatividade, mas também ajudam os alunos a desenvolverem habilidades de colaboração, disciplina e autoexpressão. Participar de projetos artísticos e apresentações escolares permite que os alunos mostrem seus talentos e se sintam valorizados como indivíduos, colocar os alunos como protagonistas desse momento é proporcionar para eles oportunidades de desenvolver autonomia.

Na posição de autor do presente estudo, lembro de certo momento de uma escola que trabalhei como bolsista do PIBID no município de Marília, na escola Monsenhor Bicudo, em 2013, quando idealizamos uma semana de arte e cultura, construir essa semana com os alunos, aula a aula foi fantástico. Cada disciplina do currículo escolar produziu algo condizente com percurso aprendido pelos alunos. A disciplina de Sociologia ficou responsável por montar a "Sala da Sociologia", por trabalhar somente com o 2º ano do Ensino Médio, foi elaborado um roteiro de atividades para os alunos estruturarem a sala "Racismo e Violência", "Meios Comunicação", "Relativismo Cultural", "Religião" "Violência de Gênero". Os alunos ficaram à vontade para trabalhar em grupos ou individualmente, surgiu jornal cultural, painéis contra o racismo, poesias. Colocar os alunos para construir essa semana cultural foi a coisa mais rica de conhecimento que já pude compartilhar com amigos da educação e com os próprios discentes.

Os alunos quando envolvidos nesse processo como protagonistas tendem a se comportar de forma mais cooperativa e positiva em sala de aula, estando engajados e motivados, o docente corrobora muito para buscar esse nível de participação dos alunos. Com professor e alunos ativos nesse processo de ensino e aprendizagem eles se perguntam, questionam, compartilham ideias e trabalham juntos. Esse tipo de ambiente de aprendizado cria um ambiente de respeito mútuo, no qual todos estão motivados a ajudar uns aos outros e aprender uns com os outros.

A escola é perfeita para fomentar boas conversas e promover um debate de ideias entre alunos e professores. Os alunos, ao tomarem ciência nas disciplinas de história, literatura, sociologia e filosofia lapidam o conhecimento prévio que eles têm acerca de certo conteúdo, tendo a oportunidade de adquirir conhecimento em diferentes perspectivas, confrontar pontos de vista diferentes e aprender a pensar criticamente. As discussões em sala de aula não apenas ajudam os alunos a aprender mais, mas também os ajudam a formar opiniões inteligentes e a respeitar uns aos outros, o que os prepara para viver em sociedade.

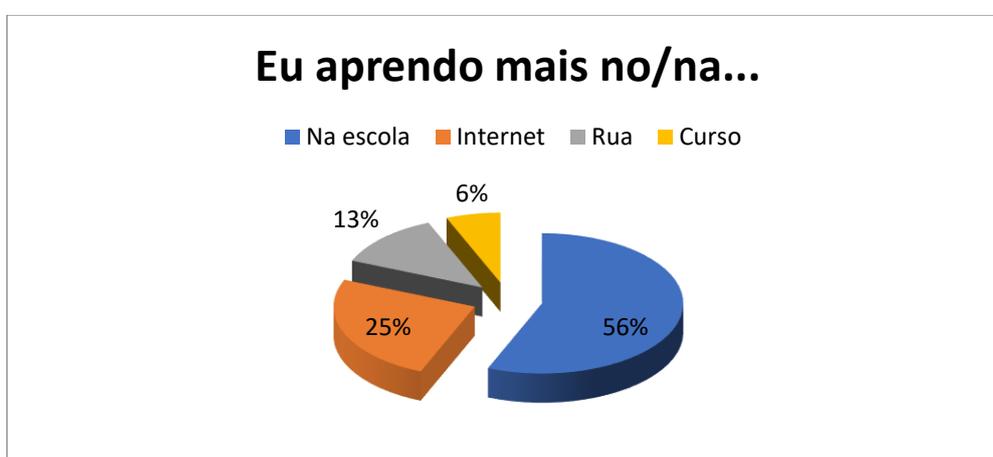
Os alunos podem e devem ter uma experiência escolar positiva e enriquecedora, quando há um ambiente que incentive o prazer de aprender, a participação em atividades artísticas, o comportamento engajado em sala de

aula e bons debates entre professores e alunos. Esses componentes ajudam os alunos a crescerem pessoal, social e emocionalmente, além de melhorar seu desenvolvimento psíquico. Para construir uma comunidade escolar em que todos os alunos se sintam motivados, apoiados e inspirados a atingir seu máximo potencial, é essencial valorizar e fortalecer essas qualidades positivas que fomentem com inteireza a formação discente.

A análise da Espiral nos dá um aporte que tem como finalidade colher um prévio diagnóstico dos alunos, com base em questões já elencadas nos eixos do capítulo 3. Esse instrumento pedagógico de análise é composto por treze questões e foi aplicado aos alunos da Escola Estadual Maristela. A espiral teve como objetivo fazer um diagnóstico dos alunos de cada sala dos 1º anos do Ensino Médio da escola em questão. A partir de questões presentes nos eixos, as aulas foram planejadas e dinamizadas na perspectiva das respostas obtidas com a espiral.

Por meio desse instrumento, problematizei duas questões que mais nos interessam no momento, que são: “A escola para mim é...” e “Eu aprendo mais na/no...”. O objetivo é usar esse caminho para o início de uma intervenção pedagógica de sucesso, ou seja, mediante as respostas dos estudantes, verificar, na observação cotidiana das aulas, se efetivamente há coerência com o que foi escrito por eles na espiral. Dessa forma, aborda-se o significado da escola para os alunos, o papel que a escola tem para eles e se realmente a escola, na realidade, cumpre esse papel que lhe é atribuído.

Contabilizam-se cinquenta e nove espirais respondidas, essa é a média de frequência nas aulas dessas turmas, visto que as classes sofrem uma grande defasagem com um alto número de evasão pós ensino remoto. Os resultados foram obtidos, a partir da análise, são expressos nos dois gráficos que seguem:



Nos gráficos anteriores, fica claro o sentido que é atribuído à escola, seu papel, sua função e seu lugar na sociedade. 50% dos que responderam ao questionário avaliam que a escola é lugar para aprender e 56% dizem aprender mais na escola. As respostas dos estudantes dizem, em sua grande maioria, que a escola é um lugar que detém consigo o domínio do ensino, cumpre a função da transmissão do conhecimento e os alunos encontram-se ali para adquiri-lo.

O segundo gráfico só reforça o que já é produzido no gráfico anterior, ou seja, a escola concentra em si os recursos para que se dê a aprendizagem, sendo o melhor lugar para se aprender, segundo os estudantes. Cabe, aqui, uma atenção especial para a internet com 25% das respostas, esse é um problema que as escolas vêm enfrentando, ou seja, os conteúdos escolares não se articulam com o espaço virtual já incorporado nas vivências dos estudantes. A escola, em sua estrutura, é arcaica e geralmente não oferece estímulo nenhum para o estudante. Esse problema é urgente na pauta da escola, porém não é

nosso objetivo aprofundar essa problemática de tecnologia e inovação, mas nos preocupar com o significado da escola.

Diferentemente do que os gráficos mostram, os alunos – apesar de responderem que a escola é o lugar de aprendizagem e que lá está o melhor meio para tal fim – parecem, cada vez mais, menos interessados nas aulas. Nestas salas, em específico, há um índice alto de evasão. Ao ser questionada, a direção não oferece respostas satisfatórias, parece haver um descaso, uma despreocupação no tocante aos alunos evadidos. Os problemas que se dão internamente são suficientes para que a própria direção não consiga resolvê-los. Desse modo, preocupar-se com os que não estão indo questionar os motivos pelos quais não comparecem às aulas e trabalhar no sentido de minimizar esse problema são demandas estão longe de serem solucionadas pela direção. Aliás, parece haver um sentimento de “não é problema meu” para com os evadidos, sendo função da escola apenas dar conta dos alunos que estão frequentando as aulas.

Mas será que esse não é um problema da escola? Onde estão esses jovens que não estão na escola? Quais são os motivos que os levaram a abandonar a escola? Tais problemas que se dão na realidade escolar são um comunicado a nós da emergência que se dá desde a estrutura até a metodologia de ensino. Essa realidade triste atinge todos que, de alguma forma, estão envolvidos com a educação e, por isso, tornamo-nos todos responsáveis por tal estado em que a escola se encontra.

É comum ouvir as pessoas dizerem: “a escola é fundamental para arrumar emprego, para ganhar dinheiro, para se dar bem na vida, pra isso e pra aquilo”, mas vemos que as escolas têm se deparado com uma situação paradoxal, ou seja, ao mesmo tempo em que é seu papel participar quase que integralmente da formação do indivíduo, ela se encontra esvaziada de significado, em crise, cada vez mais desinteressante com alunos não menos desinteressados

Mesmo em face de tantos problemas, alguns deles apontados aqui, a escola, como vimos nos resultados da espiral, ainda possui o seu sentido histórico, o sentido da transmissão do conhecimento; ela está na gênese da cadeia construtiva do indivíduo em sociedade, legitimada e pelo mesmo corpo social.

Historicamente, coube à instituição escolar a guarda e a responsabilidade social da transmissão do conhecimento. Essa característica marca o objetivo da escola, que embora passe por crises exatamente por não atender a contento tal meta, nem por isso tem negada sua função social, ou seja, há, ainda, um reconhecimento social da sua necessidade e de seu conteúdo histórico específico (MENDONÇA, 2011, p. 347).

Aqui, a autora situa o problema da crise de significado que a escola tem passado, mas a escola ainda tem a credibilidade social de ser a instituição que é responsável por transmitir esse ensino, é nela que se deposita a responsabilidade de formação do cidadão. A autora continua.

Concretamente, ela não tem conseguido a socialização/transmissão de conteúdos escolares, a ponto de seus agentes sociais diretos professor e estudante definirem claramente o objetivo da escola, por um lado, e, por outro, também reconhecerem que tal objetivo não se concretiza, não se efetiva como espaço de produção e socialização de conhecimento (MENDONÇA, 2011, p. 347).

Efetivamente, não há êxito no que diz respeito aos objetivos da escola. Como frisa a autora, a socialização/transmissão dos conteúdos escolares é parca, reduzida e insuficiente. No espaço da sala de aula parece haver uma guerra de forças em que, de um lado, o professor, que é a figura que porta em suas mãos a autoridade legitimada pela estrutura, tenta transmitir, à base de gritos e pausas para broncas, os conteúdos escolares, e do outro lado estão os alunos, que oferecem resistência para o conteúdo pedagógico. Os estudantes costumam dizer repetidas vezes sobre os conteúdos: “para que me serve isso?”, “Por que eu devo”, por exemplo “saber sobre coisas que já aconteceram no passado?”. Essas questões expressadas cotidianamente pelos alunos indicam para nós as questões referentes à própria metodologia de ensino. A forma de socializar os conteúdos, por parte do professor, é tarefa essencial para definir o andamento da aula, se neste material apresentado não houver qualquer relevância para o estudante, ou melhor, se o professor, mediador entre os conteúdos e os estudantes, não conseguir mostrar essa relevância, a importância que existe ali, do conteúdo para o aluno e se esse conteúdo não aparecer em relação íntima com a própria realidade do aluno, a ponto de gerar uma necessidade de apreendê-lo, e fazê-lo de tal modo a interiorizar tais conteúdos que serão, posteriormente, causadores de um novo posicionamento

no mundo – isto num processo dialético -, será difícil fazer com que a escola, as aulas, faça sentido para o estudante.

O conjunto de conteúdos oferecidos pela escola deve, necessariamente, causar uma necessidade para o aluno, o fato de, diversas vezes, o professor, ou qualquer outro, tentar fazê-lo necessário mediante de discursos moralistas, palavras bonitas ou mesmo tentar incutir o medo no estudante que reluta em estudar, não avançará em nada e mesmo que avance, esses conteúdos serão apenas decorados – essa é mesma a proposta primária, por meio do conteúdo enciclopédico, das escolas em geral, a fim de preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, mas não apropriados e ressignificados em suas vivências.

É comum professores, coordenadores, diretores, agentes de organização escolar gritarem com os alunos sobre suas irresponsabilidades e infantilidades, ao participar como observador de uma aula de história numa classe de 2º ano do ensino médio, presenciei, como em outras vezes, esse fato: a professora usou mais da metade da aula para dizer aos alunos a importância do estudo, falando sobre sua vida e a vida dos seus filhos, utilizando-os como exemplos a serem seguidos, porém essas falas, normalmente, não surtem qualquer efeito em relação aos alunos. Não adiantará um milhão de frases de efeito se ao ter contato com o conteúdo escolar se o estudante não enxergue os nexos entre o ensino oferecido pela escola e sua vida como todo, em todas os nichos sociais ao qual ele transita e se relaciona.

Pensar os sentidos que os conteúdos têm para os estudantes é fundamental, se a escola é um lugar que, entre aquilo que os professores falam e aquilo que os alunos vivem, situa-se uma parede intransponível, então, instalam-se aí as contradições com a qual nos deparamos atualmente. A escola deve ser um ambiente no qual os alunos se sintam acolhidos, seguros e valorizados como se sentem em suas casas, próximo dos amigos ou de lugares que costumam frequentar. É necessário refletir suas vidas extracurriculares. Isso inclui criar um ambiente que aceite suas experiências, culturas e interesses e que seja inclusiva. A escola pode se tornar mais atraente e relevante para os alunos se incorporar atividades extracurriculares como clubes de interesse, esportes e arte. Além disso, essa conexão forte entre professores e alunos pode e é fortalecida por meio do uso de metodologias ativas de ensino que valorizam a participação e o protagonismo dos alunos. A escola deve ser, primeiramente,

a ponte que leva ao acesso do conhecimento das estruturas dos fenômenos que os estudantes se deparam no seu dia a dia, se essa premissa não for respeitada, então será quase impossível um ensino que dê conta de questões mais amplas, mais globais, sobretudo, os conceitos e o pensamento abstrato.

Portanto, a construção de uma educação que respeite e valorize as experiências dos alunos é essencial para a superação das contradições presentes no sistema educacional atual e para a promoção de um ensino significativo e transformador.

4.2 A Escola Hoje

A presente pesquisa constatou que o instrumento de análise espiral é um forte aliado para ajudar o docente a ter uma boa integração com os discentes de uma maneira lúdica e criativa. Por meio desse primeiro diálogo com os alunos, podemos transformar o percurso que eles vão trilhar ao longo do ano, garantindo que eles estejam alinhados com os objetivos das disciplinas e engajados no processo de aprendizagem. Com o resultado de cada sala, é possível obter um diagnóstico do que se pode usar para criar um vínculo e um diálogo rápido e preciso com os alunos.

Em uma sala de aula em que o maior contato dos alunos é com seriados, por exemplo, é possível recorrer à sétima arte para trabalhar a filmografia. Em outra, pode-se usar a música, moda, dança, entre outros elementos. Partindo da espiral, é possível criar um mundo de perspectivas e fazer uma trilha formativa que respeite o currículo da disciplina, mas que o molde de acordo com a realidade da escola e dos alunos.

Certa vez, em uma escola na Diretoria de Ensino de Itu, trabalhei a disciplina de Sociologia em uma turma usando seriados. No 2º Ano do Ensino Médio, o currículo trazia habilidades relacionadas ao tema da violência. Selecionamos, junto com os alunos, alguns seriados e filmes, e a partir dessas obras, criei um percurso para trabalhar nossas aulas. O resultado foi um sucesso total, com altos índices de participação de toda a sala. Em outra turma, que optou pela música na espiral, fizemos um recorte similar e não houve atrito, pois trabalhei em cada sala uma perspectiva de acordo com o resultado da espiral aplicada.

Algumas atividades foram pensadas da mesma maneira para todas as salas do 2º Ano EM. O ponto alto foi o conceito de trabalho, inicialmente abordado com um texto base. Após uma sondagem sobre o conteúdo apreendido, proporcionamos uma experiência prática: a criação de uma linha de produção. Dividimos a sala como uma fábrica e os alunos como trabalhadores, produzindo itens como lanches, celulares ou envelopes. A linha de produção de sanduíches foi especialmente bem recebida, culminando em uma confraternização com os lanches produzidos pelos próprios alunos, reforçando o conceito de trabalho aprendido na teoria e na prática.

Em outra oportunidade, onde o poder de cátedra do docente foi questionado e colocado em xeque a todo momento pelo bolsonarismo e seus asseclas, trabalhar alguns temas do currículo causava medo e espanto. Passei por um enfrentamento em uma escola, quando um aluno me questionou sobre a ditadura civil-militar e eu expliquei o processo histórico pelo qual o Brasil passava naquele período. Os alunos gostaram da maneira como conduzi a aula, porém esse mesmo aluno gravou a aula sem meu conhecimento e editou, fazendo cortes que tiravam de contexto o que eu disse. Comecei a ser perseguido virtualmente pelo irmão dele. Nesse contexto brasileiro, muitos professores eram perseguidos pela direita radical e pelo Movimento Brasil Livre (MBL).

Fiquei receoso com toda a situação, mas fui para o embate. Informei o gestor, que chamou os familiares do aluno, inclusive o irmão que também estudou naquela escola. O gestor questionou a ação do aluno, que gravou a aula desrespeitando o poder de cátedra do professor e infringindo uma lei, pois é vetada a gravação de aula sem o consentimento do professor. O irmão, que chamarei de Jota (nome fictício), disse: “O professorzinho está nervoso porque a aula é pública, não tem problema ser gravada.” O diretor respondeu: “A escola é pública, mas a aula do professor não é pública, é somente para os discentes matriculados no ano e na série. Portanto, gravação sem consentimento é crime. “Quero a gravação na íntegra e a editada e se não forem retiradas e se não houver retratação, tomaremos outras providências e o crime será informado às autoridades competentes. Estou dando total apoio à liberdade do professor, que faz um excelente trabalho com os alunos.”, foi o posicionamento do gestor. Jota foi repreendido não só pelo diretor, mas também pelos pais, que ficaram

envergonhados com a atitude do filho e forçaram-no a entregar o que foi gravado e a excluir os vídeos.

Foi um momento tenso que me fez repensar muito minha prática docente. Nesse período, comecei a trabalhar com temas polêmicos e adotei a sala de aula invertida. Envolvia os alunos no processo de ensino e aprendizagem, eles pesquisavam sobre o tema e desenvolviam seminários com base no que pesquisaram. Eu, como professor, fazia apenas alguns adendos diante do que os discentes traziam para a sala de aula. Mudar a abordagem de trabalho com algumas habilidades do currículo me proporcionou fazer um trabalho excepcional com os alunos, marcando uma geração. Os alunos, que tinham tido aula apenas com um professor até aquele momento, tiveram a oportunidade de ter aula com outro que mudou a maneira de ver as disciplinas das ciências humanas. Meus alunos costumavam dizer que, comigo, aprenderam que Filosofia, Geografia, História e Sociologia não se estudam, vivem-se. Comecei a incorporar isso na prática docente. Realmente, não se estuda, vivemos, pois estamos inseridos dentro do processo histórico, em um espaço no qual precisamos ter ética e conhecimento para vivermos bem em sociedade.

Escutar o enredo que *Estação Primeira de Mangueira*, “Histórias para ninar gente grande”, levou para a Marques de Sapucaí em 2019, motivou-me muito a mudar a abordagem sobre alguns conteúdos trabalhados em sala de aula. De acordo com a letra da música,

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões
Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês (MANGUEIRA, 2019)

A partir desse universo multicultural, o objetivo foi trazer elementos que promovem assuntos atuais sobre as questões da diversidade étnica, histórica, social e cultural do Brasil, que são apresentados em vários enredos das escolas de samba. Além disso, a importância da cultura popular, representada pelo samba e pelos enredos das escolas de samba, efetivou-se como um meio de aproximar os alunos da história do Brasil de maneira divertida e significativa.

Usando o que vi na avenida e cantado, em verso e prosa, pela Mangueira usei as minhas aulas para recontar a História do Brasil, levei as músicas que foram temas de enredos de carnaval dos anos 2000, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, onde as agremiações escolas de samba e cultural tiveram que desenvolver enredos recontando a história do Brasil em comemoração aos quinhentos anos do descobrimento — embora não houvesse realmente o que comemorar, dadas as condições adversas e barbaridades cometidas pelos portugueses ao chegarem em terras brasileiras e encontrarem os povos originários — resultou em verdadeiras obras primas. O que há por trás de tudo isso? Grandes profissionais das ciências humanas que traçam estudos para poder produzir um belo enredo.

Costumo dizer que muitas vezes as escolas de samba, com suas críticas sociais, trazem para a avenida uma verdadeira aula ao ar livre com requinte de poesia e samba. Trazer esse momento para a sala de aula contribuiu muito para o ensino de sociologia e história durante a pandemia de Covid-19. Os alunos participaram das aulas atentos, absorvendo cada verso que representava cada período da história do Brasil, pelo qual cada agremiação era responsável. Foi uma aula riquíssima de cultura popular, com os alunos vidrados no conteúdo que se transformava em samba, aproximando os discentes da história e trazendo para a sala de aula o que foi aclamado pelo povo no sambódromo do Anhembi ou da Sapucaí, levando cultura viva para dentro das escolas.

Portanto, a espiral proporcionou tornar o ensino de Sociologia atrativo para os alunos, saindo do ensino tradicional conteudista e entrando em um

processo de ensino e aprendizagem de Sociologia com professores e alunos ativos nesse processo. Isso facilitou o contato e o trabalho com alunos interessados pela disciplina e próximos dos professores. Estamos em um momento de desmonte sério da educação, “tirando água de pedra” para formar jovens com excelência e cidadãos críticos frente à onda conservadora que vem enxugando o Estado e transformando a educação em mercadoria.

O estado de São Paulo, desde 1994, foi governado por tucanos, tendo seu último governador João Dória que, juntamente com o Secretário de Estado de Educação Rossieli Soares, promoveu um verdadeiro desmonte da escola pública paulista, retirando direitos e promovendo uma reforma desastrosa da rede estadual, quando propôs a nova carreira do magistério e retirou direitos adquiridos do professorado. Com o fim de seu mandato e a possibilidade de seu herdeiro, Rodrigo Garcia – PSDB no processo eleitoral de 2022, tornar-se o próximo governador, causava-nos arrepio. No entanto, “para nossa alegria” o seu candidato não era competitivo e, para nós, paulistas, ver o professor Fernando Haddad – PT seguir na liderança durante todo o processo eleitoral, tendo como principal oponente Tarcísio de Freitas – Republicanos nos deu folego e animo para pensarmos que o progresso chegaria as escolas paulista, e um novo tempo chegaria a SEE. Encerrou-se o resultado da eleição primeiro turno e indicava um segundo turno entre Tarcísio que ficou em primeiro lugar contrariando as projeções das pesquisas e Haddad, que ficou em segundo lugar, nossa alegria se transformou em tristeza pois o aventureiro que saiu do Rio de Janeiro, tornou-se a aposta bolsonarista cara para o Estado. Não deu outra, Tarcísio foi eleito governador e trouxe o senhor Renato Feder para ser Secretário de Estado de Educação, em sua gestão.

Feder, conhecido por sua gestão controversa no Paraná, promoveu uma verdadeira “caças às bruxas”, seguindo uma gestão neoliberal para a educação e muito social e amiga para seus asseclas. O desmonte da rede pública de educação e as parcerias como o mercado marcaram sua gestão naquele estado e saberíamos que provavelmente marcaria por aqui também. Ele assumiu a pasta, criando mecanismos para aumentar aulas de exatas e diminuir aulas de humanas, inclusive tirando aulas das ciências humanas que adquirimos por meio de muita luta para colocar itinerários vazios de habilidades e conteúdos e

colocando aulas de ciências humanas como expansão no contraturno do período de aula dos alunos.

Ademais, estabeleceu parcerias com grandes empresários da educação e ampliou o CMSP, com outras plataformas internas como Redação Paulista, Educação Fisrt, Leia SP, Me Salva, Alura, Material Digital, Tarefa SP e Khan Academy, Prova Paulista e Apoio Presencial. Essas plataformas existem no Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) para “apoiar” o aprendizado dos alunos e a prática dos professores. Desse modo, a seguir, dispõe-se algumas informações referentes às funções de cada uma dessas plataformas.

- Redação Paulista:

Função: Facilita a produção escrita dos alunos.

Como funciona: ajuda os alunos a melhorar suas habilidades de escrita por meio de atividades e correções de redações, bem como feedback crítico.

- Educação Fisrt:

Função: Ajuda a aprender novos idiomas, principalmente inglês.

Como funciona: Oferece cursos de inglês online com aulas interativas e recursos multimídia para ajudar as pessoas a aprender.

- Leia SP:

Função: Ajuda os alunos a ler mais.

Como funciona: Oferece uma ampla variedade de atividades de leitura e livros digitais, bem como incentiva projetos e campanhas destinadas a aumentar o interesse dos alunos pela leitura.

- Me Salva:

Função: Apoia uma variedade de disciplinas escolares.

Como funciona: Ajuda os alunos a revisar e entender melhor os conteúdos por meio de videoaulas, exercícios e resumos de vários conteúdos do currículo escolar.

- Alura:

Função: fornece treinamento em tecnologia e habilidades digitais.

Como funciona: fornece aulas online sobre temas como programação, design, marketing digital e desenvolvimento pessoal, ajudando os alunos a aprender tecnologia.

- Material digital:

Função: fornece recursos digitais para instrução.

Como funciona: Apostilas, livros didáticos e outros materiais digitais são fornecidos aos alunos para que possam acessar conteúdos curriculares.

- Tarefa SP:

Função: Controlar as atividades e tarefas escolares.

Como funciona: permite que os professores atribuam tarefas e que os alunos realizem atividades online, o que facilita o acompanhamento do progresso acadêmico e organiza o trabalho escolar.

- Khan Academy:

Função: fornece suporte em áreas como matemática.

Como funciona: Ajuda os alunos a praticar e dominar os conceitos por meio de videoaulas, exercícios interativos e tutoriais em várias áreas.

- Prova Paulista:

Função: Avaliar o desempenho acadêmico dos alunos.

Como funciona: Realiza avaliações regulares em diferentes áreas para avaliar o conhecimento e as habilidades dos alunos. Os resultados são usados para identificar áreas de melhoria e direcionar práticas pedagógicas. Isso ajuda a melhorar continuamente a qualidade da educação no estado.

- Apoio Presencial:

Estrutura para coletar e processar os comentários dos professores sobre as necessidades pedagógicas e as condições de trabalho, permitindo mudanças e melhorias contínuas nas políticas educacionais.

Acompanhamento: monitorar o desempenho dos professores e das turmas e fornecer apoio personalizado quando necessário para garantir que todas as necessidades educacionais sejam atendidas.

De acordo com a SEE, este programa visa melhorar o ambiente educacional para que os professores possam se concentrar no ensino e na formação integral dos alunos, sentindo-se valorizados e apoiados.

Partindo de toda essa estrutura que o Feder propôs e com quem ele estabeleceu essas parcerias, sim, com os amiguinhos da rede privada, já dá para ver o quanto ele engessou as escolas. Os alunos viraram cobaias dessas plataformas; nós, professores, tornamo-nos fiscais, e os gestores, gerentes de tudo isso. A cobrança vem de cima para baixo: somos pressionados pelo baixo desempenho ou pelo baixo acesso dos alunos a essas plataformas. No BI – Educação⁸, o governo lança os dados de acesso, criando índices que as escolas precisam cumprir para se enquadrarem dentro da meta proposta pela SEE. Somos, para esse secretário, marionetes que testam todo esse aparato de aplicativos, e ele, junto com seus amigos, usa isso para vender acesso a outras secretarias de educação, aumentando o capital dessas plataformas.

Tudo que foi construído e, na verdade, deformado desde a gestão de Rossieli, não partiu do diálogo com os professores ou profissionais de educação. Foi decretado, implantado e veio acompanhado de um "cumpra-se", com a ordem: "faça o que mando e não questione". Isso é um absurdo, pois estamos vindo de sucessivas derrotas, começando com Rossieli e agora com Feder na SEE-SP. O capital está tomando conta da educação, e, após a pauta do "Escola Sem Partido", a direita agora ataca a escola pública com a privatização. Esse é o novo debate que estamos enfrentando e lutando contra.

A privatização das escolas faz parte de um pacote de desestatização, no qual o governador Tarcísio aposta para este ano (2024) em São Paulo. Em 2022, o Paraná lançou um programa que propõe a entrega da administração de escolas à iniciativa privada. Essa iniciativa foi introduzida durante a gestão de

⁸ O termo "BI" frequentemente se refere a "Business Intelligence", que é um processo de análise de dados que visa transformar informações brutas em conhecimento significativo para a tomada de decisões estratégicas nas organizações. No contexto educacional do estado de SP, pode ser interpretado de forma mais geral como "Inteligência de Negócios" ou "Inteligência Institucional", adaptando os conceitos de análise de dados para melhorar a gestão e a eficiência das escolas, todas as plataformas interligadas resultam nesse BI, e é através desses resultados que os gestores e professores, são cobrados pela SEE na gestão Tarcísio.

Renato Feder que, na época, era secretário da Educação no estado. A proposta visa entregar a gestão das escolas para a iniciativa privada, promovendo um verdadeiro desmonte da rede pública de educação. Entregar a escola que sempre foi pautada pela sua função social, ao mercado especulador é de uma tristeza enorme. A escola pela qual lutamos por anos para ser universal e atender o maior número de alunos, visando acabar com o analfabetismo, está sendo destruída. A direita, a qualquer custo, quer fazer do estado um estado mínimo e tenta, por diversas artimanhas, desestruturar tudo isso para entregar de mão beijada à rede privada.

Os professores resistem, mas estamos cada vez mais perdendo força desde que nos tornamos categorias. Mais da metade da rede estadual hoje é composta por professores contratados, não efetivos. Com esse quadro de magistério insuficiente, o governo consegue, de certa forma, amedrontar e deixar o professor amarrado, impedindo greves ou paralisações para reivindicar direitos, uma vez que, por serem contratados, não têm estabilidade nenhuma.

Continuaremos a lutar por uma educação de qualidade ao conjunto dos alunos e não vamos esmorecer, é a lei da vida: acreditar naquilo que fazemos e fazemos bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou analisar criticamente o ensino de Sociologia no Brasil. O foco desta análise foi a proposta curricular de São Paulo, bem como as alterações recentes feitas pelos itinerários formativos e reformas do ensino médio. A pesquisa foi organizada em quatro capítulos principais, cada um focando em um tema específico, usando uma abordagem metodológica mista que combina revisão bibliográfica, análise de documentos e pesquisa-ação.

Em "Sociologia no Brasil", foi descrita a origem histórica e ideológica da sociologia no Brasil. Ademais, foram abordadas as influências políticas e sociais que moldaram o ensino da disciplina Sociologia; a implementação do plano curricular de São Paulo; e as consequências da reforma do ensino médio e dos itinerários formativos, destacando os desafios e as oportunidades que essas mudanças trazem.

O papel essencial das escolas na formação das sociedades e no desenvolvimento dos indivíduos é discutido no segundo capítulo, "A escola e suas diferentes dimensões". Além de serem simplesmente salas de aula físicas, elas abrangem uma variedade de aspectos interconectados da educação, como social, afetiva, administrativa e tecnológica. Cada uma dessas facetas ajuda na formação completa dos alunos e na construção de uma sociedade plural, igualitária e democrática.

O terceiro capítulo, "Espiral e Sequência Pedagógica", dedica atenção à espiral pedagógica como um instrumento teórico-metodológico baseado na Teoria Histórico-Cultural. Neste espaço, foi descrita como a espiral pode ser usada para estudar e melhorar a prática do trabalho docente com os discentes, enfatizando o papel das zonas de desenvolvimento proximal (ZDP) e real (ZDR) na aprendizagem. A discussão teórica foi essencial para entender os métodos pedagógicos inovadores que podem expandir essas áreas.

A espiral pedagógica em sala de aula é explorada no quarto capítulo, "O que a Espiral Consegue Captar", contemplando a avaliação dos resultados. A eficácia da espiral como ferramenta pedagógica foi discutida por meio da análise dos dados coletados. Os resultados mostraram que a espiral aumenta os ZDP e ZDR dos alunos, o que facilita um aprendizado mais profundo e significativo. Isso está de acordo com a previsão da Teoria Histórico-Cultural.

O método de pesquisa-ação, utilizado nesta dissertação, foi fundamental para a aplicação das teorias discutidas na vida real. A revisão de literatura ofertou uma base teórica sólida; a análise de documentos forneceu o contexto necessário para entender as reformas e diretrizes curriculares mais recentes; e a pesquisa-ação permitiu que as metodologias propostas fossem aplicadas e avaliadas na prática.

Em relação aos objetivos deste estudo, pontuamos que foram alcançados. Os parágrafos anteriores conferem base para conduzir a compreensão sobre como foram alcançados. Desse modo, agora, resgatamos cada um deles, com o intuito de salientar o aspecto que se sobressaiu.

Em relação ao objetivo geral, *desenvolver alternativas para a prática didático-pedagógica e para materiais didáticos, possibilitando uma nova perspectiva no ensinar e aprender sociologia a partir da Teoria Histórico-Cultural, utilizando como referência a disciplina de Sociologia os estudantes do Ensino Médio da rede pública paulista*, todo o constructo desta dissertação foi elementar para desenvolver, por meio da espiral, alternativas para a prática didático-pedagógica, em especial a comprovação mediante a voz dos envolvidos nesse processo: os estudantes e o professor. Aqueles mediante a vivência e exposição sobre como se sentiam quanto a espiral foi utilizada e este por intermédio de suas reflexões sobre o *ser professor*, subsidiadas pela referida teoria em articulação com a prática.

Quanto aos objetivos específicos, iniciando por Problematizar a importância da Sociologia na mediação do processo pedagógico e na construção de ações que objetivem a produção das máximas possibilidades de desenvolvimento da personalidade integral do estudante, ou seja, visando a apropriação pela(o)s estudantes dos conceitos científicos como instrumental intrapsicológico, interagindo e impulsionando o seu desenvolvimento psíquico, tal problematização foi alcançada mediante a articulação entre teoria, dados gerados na pesquisa e experiências do autor – resgatadas, neste estudo, reflexivamente. Esse todo elucida que essa problematização requer um constante pensar sobre como ocorre o processo de ensino e aprendizagem, constância auferida pela Sociologia que auxilia a trazer à luz pontos que não podem escapar ao *ser professor*.

Avançando para o segundo objetivo específico, *contextualizar as políticas educacionais, implementadas pelo Governo Estadual Paulista, bem como suas implicações na volta da Sociologia ao Ensino Médio*, foi alcançado mediante, principalmente, a tessitura dos capítulos 1 e 2.

No que se refere ao terceiro objetivo específico, analisar o material didático-pedagógico apostilado – os cadernos (do Professor e do Aluno) do sistema público paulista de ensino de Sociologia, foi alcançado mediante descrição atenta sobre esse material, o que, por sua vez, proporcionou apontar pontos positivos e pontos a melhorar em relação a esses cadernos. Pontuamos que essa análise deve ser inerente ao agir docente, dando ênfase à criticidade esperada do professor.

Quanto ao último objetivo específico, discutir, tendo como base a Teoria Histórico-Cultural, a necessidade do papel ativo dos estudantes dentro da atividade que realizam, para o desencadeamento do processo educativo e subsequente desenvolvimento das funções psíquicas superiores (atenção voluntária, autonomia, entre outras), foi alcançado por meio da explicitação sobre como – evidenciamos a mediação do professor – pode se conferir esse papel ao estudante e os impactos que esse papel gera no processo educativo, de modo geral, e no desenvolvimento de funções psicológicas superiores, com destaque à autonomia, de modo particular.

Considerando o que foi exposto até o momento, registramos as últimas reflexões do presente estudo. A escola passa por um momento de crise de sentido, está em face de um paradoxo com o qual tem de lidar e superar. Com uma estrutura extremamente arcaica e retrógrada, a escola tem de repensar suas bases a fim de dar um salto qualitativo e caminhar, no sentido de reformulação, até os dias atuais, colocando na pauta os problemas que se dão, sobretudo, em seu interior. O projeto PIBID do qual o autor dos presentes estudo foi bolsista durante a graduação e Mestrado Profissional em Sociologia proporcionou aprimorar os trabalhos que são desenvolvidos com os discentes. Isso é pontuado, aqui, pois auxilia a pensar e transformar um pouco esse quadro de defasagens e insuficiências, porém o alcance por parte desses projetos, apesar de serem importantíssimos, ainda é paliativo se considerada toda uma estrutura deficitária da rede de ensino estadual paulista. Esse debate deve

permear o mundo acadêmico, e as Ciências Sociais. Em particular, precisa olhar com mais atenção para as questões referentes à escola.

A Escola Estadual Maristela, na qual foram gerados os dados analisados neste estudo, carrega em si problemas que transcendem os muros escolares e estão presentes nas escolas, em geral. Esses problemas são vistos rotineiramente nas diferentes instituições escolares e já dados como normais, naturais.

Portanto, todo esforço e empenho nessa direção é fundamental. Todos que, de algum modo, lidam com a escola, ou que por ela se interessam, devem “arregaçar as mangas” e trabalhar na perspectiva de uma escola para além do seu caráter propedêutico no ensino fundamental.

A escola enfrenta uma crise de sentido e precariedade em relação aos trabalhadores que ali se encontram. Cada instância dessa instituição tem sofrido por inúmeros problemas, porém eles não são pontuais, fazem parte de um conjunto amalgamado que se dá na estrutura e nos pressupostos da escola no mundo capitalista.

Romper com isso está muito distante de nossas condições objetivas. No entanto, deve haver um esforço e empenho para que a escola não perca seu sentido e, antes, avance qualitativamente naquilo que se encontra em seus domínios. Ou seja, que ela possa cumprir, efetivamente, com a construção do cidadão, fazendo deste um ser consciente e que ele consiga entender os fenômenos com o qual a sociedade lida cotidianamente.

Por fim, o presente trabalho permite concluir que o uso da espiral pedagógica pode ser uma estratégia útil para melhorar o ensino de sociologia, pois promove uma aprendizagem mais envolvente e significativa. A pesquisa estimula a discussão sobre os métodos pedagógicos utilizados na educação brasileira e fornece informações úteis para educadores e formuladores de políticas educacionais.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. **Promovendo a Inclusão nas Escolas: Reflexões sobre Pesquisa, Política e Prática**. Routledge, 2020.

APPLE, M. W. **Conhecimento oficial – a educação democrática numa era conservadora**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

APPLE, M. W. **Ideologia e Currículo**. Routledge, 2004.

ASSUNÇÃO, P. Escrever a Educação Colonial: Separar, Reunir e Transformar Documentos In: COSTA, C. J. (Org.). **Fontes e Métodos em História da Educação**. Dourados: UFGD, 2010.
sília: MEC/SEB, v. 3, 2006.

BEANE, J. A. **Integração Curricular: Projetando o Núcleo da Educação Democrática**. Teachers College Press, 1997.

BLACK, P., & WILLIAM, D. **Avaliação e Aprendizagem em Sala de Aula**. Avaliação na Educação: Princípios, Política & Prática, 5(1), 1998, 7-74.

BOURDIEU, P. Reprodução Cultural e Reprodução Social. In: KARABEL, J. & HALSEY, A. H. (Eds.). **Poder e Ideologia na Educação**. Oxford: Oxford University Press, 1977.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 37-59.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Pé de Meia**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/pe-de-meia>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.396, 20 dez. 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 30 nov. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 15/1998. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação, 1998.

BRASIL. **Exposição de Motivos do Senhor Ministro da Educação e Cultura**. Brasília, DF, 30 mar. 1971.

BRASIL. **Guia de livros didáticos – PNLD 2012, Sociologia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 02 jun. 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm. Acesso em: 24 fev. 2024.

BRASIL. Ministério Da Educação E Do Desporto. Secretaria De Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências humanas e suas tecnologias, 2020.

BROWN, P. C., ROEDIGER III, H. L., & McDaniel, M. A. **Faça Ficar: A Ciência da Aprendizagem Bem-Sucedida**. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. 10ª edição, Editora Itatiaia, 1997.

CANDIDO, A. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L. (org.) **Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

CARVALHO, L.M.G. A trajetória histórica da luta pela introdução da disciplina de Sociologia no ensino médio no Brasil. In: CARVALHO, L.M.G. (org) **Sociologia e Ensino em Debate**. Ijuí: Editora: Editora Unijuí afiliada, 2004, p. 17-60.

COELHO, M. I. de M. Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 229-258, abr./jun. 2008.

DAVIDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: Investigación psicológica teórica y experimental**. Moscou: Progreso Editorial, 1988.

DRUCKER, P. F. **Administração em Instituições Educacionais**. 1 ed. Elsevier, 2010.

DRUCKER, P. F. **Management: Tasks, Responsibilities, Practices**. New York: Harper & Row, 1993.

DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 6 ed. Edições 70, 1978.

EPSTEIN, J. L. **Parcerias entre Escola, Família e Comunidade: Preparando Educadores e Melhorando Escolas**. Westview Press, 2011.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

FOUCAULT, M. (1977). **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Pantheon Books, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Vol. 1 e 2. [1ª ed. 1933]. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olimpo Editora, 1954.

GADOTTI, M. Reinventando Paulo Freire na escola do século 21. In: TORRES, C. A. (Org.) **Reinventando Paulo Freire no século 21**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p. 91-107.

GATTI, B. A. (2010). Formação de Professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, 31(113), 2010, p. 1355-1379.

GOFFMAN, E. **A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana**. 10 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. In: COUTINHO, C. N. (org) **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. v.2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GREENBERG, M. T.; et al. **Melhorando a Prevenção Baseada na Escola e o Desenvolvimento Juvenil através da Aprendizagem Social, Emocional e Acadêmica Coordenada**. American Psychologist, 2003.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. [1 ed. 1936]. 26 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

IUNGO. Pesquisa. Disponível em: <<https://iungo.org.br/pesquisa/>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

JOHNSON, L.; et al. **NMC Horizon Report: Edição de Educação Superior 2016**. The New Media Consortium, 2016.

LEANDRO DE ITAQUERA. Educação, um Salto Para a Liberdade [Música]. 1998. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/leandro-de-itaquera/educacao-um-salto-para-a-liberdade/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, Consciencia y Personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10.ed. Tradução: Maria Penha Villa Lobos. São Paulo: Ícone: Universidade de São Paulo, 2006, p. 59-83.

MENDONÇA, S. G. de L. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 31, n. 85, p.341 -357, dez. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LZRF5sQXq7cjb9SPxkWVgsz/?lang=pt>.

Acesso em: 13 maio 2024.

MEUCCI, S. **A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. São Paulo: Sinesp, 2000.

MORAES, A. C. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. p.5-20, abr. de 2003.

MORAN, J M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 1 ed. Campinas: Papyrus, 2000.

FIRMINO, D. Música: **Mangueira 2019** - "Histórias para ninar gente grande". Composição: Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Miranda. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019>. Acesso em: 14 nov. 2023.

NASCIMENTO, R.; PRESTES, Z.; TUNES, E. Lev Semiovitch Vigotsky: Um estudo da vida e obra do criador da psicologia histórico-cultural. In: LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (org.). **Ensino Desenvolvimental: vida pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 47- 65.

NETO, O. de S. B. A sociologia no Ensino Médio: qual cidadania? Ensino de Sociologia em Debate, **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais (UEL)**, ed. n. 1, vol. 1, jan.-jun., 2012.

NÚÑEZ, I. B. Formação de conceitos na perspectiva teórica de L. S. Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento. In: NÚÑEZ, I. B. **Vygotsky, Leontiev e Galperin: Formação de conceitos e princípios didáticos**. Brasília: Líber Livros, 2009, p.25-62.

PACHECO, J. **Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PACHECO, J. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

SANTOS, D. N.; PRIMI, R. Avaliação de habilidades socioemocionais em crianças e adolescentes: contribuições para a educação. **Estudos de Psicologia**, 31(2), 2014, 211-220.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 4 ed. São Paulo: Editora Autores Associados/Cortez, 1983.

SÃO PAULO. (Estado) Secretaria de Estado de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO. (Estado) Secretaria da Educação. **Proposta curricular do Estado de São Paulo: Sociologia /Secretaria Educação; coordenação geral, Maria Inês**

Fini; equipe Heloisa Helena Teixeira de Sousa Martins, Melissa de Mattos Pimenta, Stella Christina Schrijnemaekers. São Paulo: SEE, 2009.

SÃO PAULO. (Estado). (2006). Secretaria da Educação. **Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas**. Resolução SE nº 92, de 19 de dezembro de 2007. Legislação de Ensino Fundamental e Médio. Estadual. RAMA, L. M. J. S. et al. (Comp. e Org.). São Paulo: SE/CENP, 2006, v. LXIV, jul. – dez. 2007, p. 196-203.

SÃO PAULO. SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO. **Proposta curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Sociologia**. 2008.

SÃO PAULO. 10 Metas para o ano de 2010 – Uma nova agenda para a Educação Pública. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-lanca-10-metas-para-a-educacao-ate-2010/>> Acesso em: 15 jun. 2023.

SÃO PAULO. Reorganização do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/383.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2023.

SCHRIJNEMAEKERS, S. C.; PIMENTA, M. de M. Sociologia no Ensino Médio: escrevendo cadernos para o Projeto São Paulo Faz Escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 405-423, set.-dez. 2011.

SILVA, J. C. SAVIANI, D. Escola e Democracia. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112 p. (Coleção Educação Contemporânea). **Revista HISTEDBR – On-line**. Campinas, p. 362-365, set. 2010.

STEVENSO, R. B. Escolarização e Educação Ambiental: Contradições no Propósito e na Prática. **Revista Brasileira de Educação**, v.29, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

UNESCO. **Educação para a Cidadania Global: Um Guia para Escolas**. Brasília: UNESCO, 2015, p. 167-191.

VALENTE, J. A. O papel das tecnologias no processo de aprendizagem. **Educar em Revista**, (20), p. 89-108, 2002.

VIGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S. Enfoque Psicológico da Educação Pelo Trabalho. In: VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes (Coleção Textos de Psicologia), 2010, p. 247- 276.

VIGOTSKY, L. S. Estudio del desarrollo de los conceptos científicos em la edad infantil. In: VIGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor, 1996.

VIGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas III**. Problemas del desarrollo de la psique. Moscú: Editorial Pedagógica, 1995.